UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

THAIS CANFILD DA SILVA

A TRAJETÓRIA DE BENITO MAZON CASTAÑEDA NO INSTITUTO DE BELAS ARTES: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DAS ARTES

Porto Alegre, 2015/2

THAIS CANFILD DA SILVA

A trajetória de Benito Mazon Castañeda no Instituto de Belas Artes: uma reflexão sobre o ensino das artes

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso Bacharelado em História da Arte, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em História da Arte.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Daniela Pinheiro Machado Kern

Porto Alegre, 2015/2

THAIS CANFILD DA SILVA

A trajetória de Benito Mazon Castañeda no Instituto de Belas Artes: uma reflexão sobre o ensino das artes

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso Bacharelado em História da Arte, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em História da Arte.

Aprovado pela banca examinadora em 17 de dezembro de 2015

_____

Prof.ª Dr.ª Daniela Pinheiro Machado Kern – Orientadora

_____

Prof.ª Dr.ª Blanca Luz Brites (IA/DAV/UFRGS)

_____

Prof. Dr. Eduardo Veras (IA/DAV/UFRGS)

Aos meus pais e avós,

com muito carinho

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi um processo que se iniciou muito antes dos dois semestres finais de curso, e só foi possível graças ao apoio de pessoas muito especiais, a quem eu gostaria de agradecer.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, de quem tive apoio incondicional para cursar História da Arte, e também por todo amor e carinho, fundamental nessa longa caminhada.

Um agradecimento especial à minha orientadora Daniela Kern, por ter me ajudado a construir este trabalho, pela amizade e pelo carinho, que foram fundamentais em todos os momentos. E também pelas aulas maravilhosas durante todo o curso, que foram muito inspiradoras.

Aos professores participantes da banca, Blanca Brites e Eduardo Veras, por terem aceitado esse convite e por seus conselhos e contribuições valiosas. Agradeço profundamente a todos os professores do curso de História da Arte, que também fizeram parte desta trajetória e contribuíram imensamente para este trabalho.

Também auxiliaram na construção desse projeto Vitório Gheno e Joaquim da Fonseca, pelas entrevistas concedidas e pelas informações, tão valiosas para mim. Agradeço profundamente aos funcionários do Arquivo Histórico do Instituto de Artes, principalmente à Carmen, que sempre foi muito disponível a me auxiliar e receber no Arquivo. Ainda, Maria Tereza, do Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS, que prontamente me recebeu no NDP, com carinho e entusiasmo pela minha pesquisa. Aos funcionários do IA e, principalmente, a Maria Clara, sempre pronta a nos “salvar” de todos os apuros durante meus cinco anos como aluna no IA, e também pelo carinho que sempre demonstrou.

Por fim, agradeço a todas as minhas amigas e amigos, que sempre me apoiaram e me deram forças para seguir em frente. Às colegas e amigas Cláudia, Samara, Ana Pri e Liana, pelo companheirismo e por estarem comigo desde o primeiro dia de aula. Aos colegas e amigos que foram bolsistas no Acervo da

PBSA e que me acompanharam no início de minha pesquisa: Bianca Pinheiro, Marcelo Stoduto, Marina Roncatto e Aline Corange. Às amigas Fran, Jéssica, Andressa, Bárbara e Clarissa, pela amizade de tantos anos, pelo apoio e também pela compreensão dos meus “sumiços” quando precisava me concentrar para escrever meu TCC. Obrigada por tudo!

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo o professor e artista espanhol Benito Mazon Castañeda (1885-1955), que se mudou para o Brasil em 1939 e consolidou sua carreira vinculado ao Instituto de Belas Artes, onde lecionou de 1941 até 1955. Essa pesquisa é um estudo de caso, elaborado com base na atuação de Benito Castañeda como professor e mestre e também em sua ligação com a história do Instituto de Artes. Sob a ótica de sua trajetória como docente, são analisadas as metodologias do ensino da Arte no Brasil, sendo examinado especificamente o período em que Castañeda trabalhou no Instituto de Belas Artes.

Esta pesquisa está ancorada nos documentos coletados do dossiê do professor-artista, preservados no Arquivo Histórico do Instituto de Artes e apresentados de maneira inédita ao final deste trabalho. Além destas fontes primárias, este trabalho é resultado do entrecruzamento de minha pesquisa com textos já publicados sobre o período, sobre o ensino das artes no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Benito Castañeda. Ensino das artes. Ensino das artes no Rio Grande do Sul.

Abstract

This paper has as a subject matter the spanish professor and artist Benito Mazon Castañeda (1885-1955), who moved to Brazil in 1939 and consolidated his career as a teacher and artist linked to the Instituto de Belas Artes, where he taught from 1941 until 1955. This research it is a case study, which is based on the trajectory of Benito Castañeda as a teacher and his connection with the history of the Instituto de Artes as well. From the perspective of his career as a lecturer, the methodologies of art education in Brazil are analyzed, being examined specifically

the activity period of the professor Benito Castañeda at the Instituto de Belas Artes.

This research is anchored in the documents collected from the Professor-artist dossier, preserved in the Historical Archive of the Institute of Arts and are presented unprecedentedly at the end of this paper. Apart from these primary sources, this work is a result of the intersection of my research with texts already published over the period, particularly on the teaching of arts in Brazil and Rio Grande do Sul.

Key-words: Benito Castañeda. Art education. Art education in Rio Grande do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 e 2 - Fotografias de Benito Mazon Castañeda. Ano desconhecido. Fonte: AHIA

Figura 3 - Desenho de João Fahrion retratando Benito Castañeda, datado de 1945. O esboço era a capa do catálogo de uma exposição individual do espanhol no mesmo ano. Fonte: NDP/MARGS

Figura 4 - Credenciais de participação da Exposição do Centenário Farroupilha em 1935. Fonte: AHIA

Figura 5 e 6 - REVERBEL, Carlos. Dona Maria. In: Revista do Globo, 25 de setembro de 1948. p.45 e 47. Fonte: NDP/MARGS

Figura 7 - Foto do restaurante Dona Maria, na rua José Montauryem. s.d. Fonte: Blog de SamPaulo (cartunista e filho do Desembargador Sampaio)

Figura 8 – Fotografia de Benito Mazon Castañeda. s.d. Fonte: AHIA

Figura 9 - CASTAÑEDA, Benito Mazon (1885-1955), *Dia e Noite*, 1933, OST, 105 x 100cm. Fonte: Catálogo da PBSA.

Figuras 10 e 11 - Capa e parte interna do catálogo/convite da exposição de Benito Castañeda da Casa das Molduras em 1945. Fonte: NDP/MARGS

Figura 12 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), Ruínas de São Miguel, 1947, OST, 50 x 40cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 13 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), São Francisco Borja, 1947, OST, 50 x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 14 - Fotografia do professor Benito Castañeda com suas alunas em aula de pintura, em novembro de 1951. Fonte: AHIA

Figura 15 - SILVA, João. Benito Castanheda. In: Jornal de Bagé. 20 de julho de 1986. Fonte: NDP/MARGS

Figura 16 - Equipe de professores sob o comando do Diretor Tasso Corrêa. s.d. Fonte: AHIA

Figura 17 - FAHRION, João (1898-1970), Os construtores, sem data (década de 1940), Grafite e Nanquim sobre papel, 36,5 x 44 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 18 – Fotografia dos professores do IBA reunidos com a primeira turma de arquitetos no Salão de Festas no oitavo andar da instituição, entre eles o professor Benito Castañeda (25), em março de 1947. Fonte: AHIA

Figura 19 - Correspondência enviada a Benito Castañeda por um de seus alunos em 1953. Fonte: AHIA

Figura 20 e 21 - Caderneta de Frequência referente à cadeira de Desenho de 1952. Fonte: AHIA

Figura 22 - Ofício emitido pelo Diretor do IBA a respeito de um atraso do Professor Castañeda para um exame em 1945. Fonte: AHIA

Figura 23 - Visita à Região dos Sete Povos das Missões, publicado no Correio do Povo em agosto de 1947. Fonte: Blog de Círio Simon

Figura 24 – Fotografia do grupo que participou da excursão. À esquerda está o professor Benito Castañeda, que chefiava a viagem. Fonte: Blog de Círio Simon

Figura 25 e 26 – Fotografias da exposição realizada no IBA em 1947. Fonte: Blog de Círio Simon

Figura 27 – Fotografia do professor Benito Castañeda realizando trabalhos de pintura durante a viagem às Missões. Fonte: Blog de Círio Simon

Figura 28 - Capa do Relatório de Viagem, publicado em 1947 pelo CATC. Fonte: AHIA

Figura 29 - Regulamentação para o concurso de professores catedráticos, publicado em janeiro de 1960. Fonte: AHIA

Figura 30 - Normas e Legislação do Concurso para Professor Catedrático, 1949. Fonte: AHIA

Figura 31 - Ofício nº 776/42 emitido pelo Diretor Tasso Corrê a respeito da efetivação de Benito Castañeda no IBA como professor de desenho em 1942. Fonte: AHIA

Figura 32- Contrato firmado pelo Diretor do IBA Tasso Corrêa em 1948. Fonte: AHIA

Figura 33 - Documento que nomeia Benito Castañeda como professor catedrático do IBA em 1950. Fonte: AHIA

Figura 34 - Termo de Posse de Benito Castañeda como professor catedrático do IBA, de 1952. Fonte: AHIA

Figura 35 - Documento referente à substituição de João Fahrion por Benito Castañeda na cadeira de Desenho de Modelo Vivo no IBA em 1953, assinado pelo Diretor Tasso Corrêa. Fonte: AHIA

Figuras 36 a 41 - Cadernetas de frequência de cadeiras ministradas por Benito Castañeda. Fonte: AHIA

Figura 42 - Certificado de nacionalidade. Fonte: AHIA

Figura 43 - Passaporte de Benito Mazon Castañeda, emitido em 1945. Fonte: AHIA

Figura 44 - Carteira de identidade emitida em 1947. Fonte: AHIA

Figura 45 - Em memória do pintor Benito Castañeda. In: Correio do Povo. 23 de março de 1955. Fonte: AHIA

Figura 46 - OLMEDO. Benito Castañeda. In: *A Hora*. 19 de março de 1955. Fonte: AHIA

Figura 47 - FRANCESCO, José de. Benito Castañeda. In: *Correio do Povo*. 3 de março de 1955. Fonte: AHIA

Figura 48 - Faleceu o Professor Benito M. Castañeda. In: *A Hora*. 22 de fevereiro de 1955. Fonte: AHIA

Figura 49 - Pintor Benito Castañeda – Homenagens prestadas. In: *A Hora.* 23 de março de 1955. Fonte: AHIA

Figura 50 - Exposição retrospectiva de Benito Castaneda. In*: A Hora*. 10 de abril de 1955. Fonte: AHIA

Figura 51 - Exposição Benito Castañeda. In: *Correio do Povo*. 10 de abril de 1955. Fonte: AHIA

Figura 52 - Retrospectiva de Benito Castaneda. In: *Diário de Notícias*. 10 de abril de 1955. Fonte: AHIA

Figura 53 e 54 - KREBS, Carlos Galvão. “Tengo Ganas de pintar”. In: *Diário de Notícias*. 13 de março de 1955. Fonte: AHIA

Figura 55 - CORONA, Fernando. Benito Mazon Castañeda (um homem e um artista). In: *Correio do Povo*. 19 de março de 1955. Fonte: AHIA

Figura 56 - SOARES, Alice. Sem título. Dezembro de 1981. Fonte: AHIA

Figura 57 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1945, OST, 50 x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 58 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1945, OST, 50 x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 59 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1947, OST, 24 x 30 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 60 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre madeira, 27 x 35 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 61 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1945, óleo sobre papelão, 24x 30 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 62 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre papelão, 50x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 63 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), *Circo*, 1946, óleo sobre tela, 42x 53 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 64 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre madeira, 50x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 65 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1945, óleo sobre madeira, 49 x 39 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 66 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre tela, 85 x 68,5 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 67 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1945, óleo sobre tela, 40,2 x 50 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 68 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre tela, 38 x 46,5 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 69 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1945, óleo sobre madeira, 40 x 50 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 70 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1947, óleo sobre tela, 25 x 34,5 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 71 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre madeira, 40 x 30 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 72 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, 1941, óleo sobre madeira, 40 x 30 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 73 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre madeira, 40 x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 74 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre papelão, 40 x 30 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 75 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), sem título, sem data, óleo sobre tela, 50 x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 76 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955), *Ruínas de São Miguel*, 1947, óleo sobre tela, 50 x 40 cm. Fonte: Catálogo da PBSA

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHIA – Arquivo Histórico do Instituto de Artes

APLUB – Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil

CAP – Curso de Artes Plásticas

CATC – Centro Acadêmico Tasso Corrêa

EA – Escola de Artes

IA – Instituto de Artes

IBA (ou IBA-RS) – Instituto de Belas Artes

ILBA – Instituto Liberal de Belas Artes do RS

MARGS – Museu de Arte do Rio Grande no Sul

NDP/MARGS – Núcleo de Documentação e Pesquisa do Museu de Arte do Rio Grande do Sul

PBSA – Pinacoteca Barão de Santo Ângelo

RS – Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 APRESENTANDO BENITO MAZON CASTAÑEDA: UMA BIOGRAFIA 19
2.1 BIOGRAFIA 19
2.2 “TENGO GANAS DE PINTAR”.....30
2.2.1 O mestre da paisagem 31

3 O PROFESSOR 39
3.1 EM BAGÉ 40
3.2 NO INSTITUTO DE BELAS ARTES 42
3.2.1 Alunos 47
3.2.2 A viagem às Missões 50
3.2.3 O professor catedrático 56

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 62

REFERÊNCIAS 64

ANEXOS 70

APÊNDICES 102

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o professor e artista espanhol Benito Mazon Castañeda (1885-1955), que se mudou para o Brasil em 1939 e consolidou sua carreira como professor e artista vinculado ao Instituto de Belas Artes. Esta pesquisa pretende, portanto, realizar um estudo de caráter biográfico e também exploratório, a partir de documentos, notas biográficas e outras fontes bibliográficas. A pesquisa visa enfocar a importância que esse professor-artista teve para o meio artístico e acadêmico gaúcho na primeira metade do século passado, auxiliando na formação de muitos alunos que passaram pelo Instituto de Belas Artes. Este estudo também será relevante para a consideração e o conhecimento da memória e da história do Instituto de Artes, assim como para a pesquisa sobre o ensino de artes no Brasil, que passou por processos de mudança desde sua instauração no século XIX, através da Missão Artística Francesa, até os dias de hoje. O recorte temporal do trabalho irá abordar o período em que Castañeda viveu, por conta de sua biografia, 1885 a 1955, além do período em que ele lecionou no Instituto de Belas Artes, de 1941 até o seu falecimento em 1955.

Para dar suporte a esse trabalho, coletei ao longo de dois anos diversos tipos de documentos que tratam da vida e obra dessa emblemática figura, mencionada em artigos e notas de jornais e mais esporadicamente em livros que tratam da arte gaúcha. Também tenho como suporte as entrevistas realizadas com dois artistas que conviveram com Castañeda, o seu ex-aluno Joaquim Benício da Fonseca e o artista plástico Vitório Gheno. Este estudo de caso, que tem caráter exploratório, pretende fazer um levantamento biográfico do professor-artista, além de uma revisão historiográfica, bem como identificar aspectos relevantes de sua vida pessoal que influenciaram sua carreira de professor.

Percebi durante o levantamento bibliográfico para a realização dessa pesquisa que não existem estudos sobre Benito Mazon Castañeda, seja tratando dele como artista ou como professor, o que foi uma das motivações para a realização desse trabalho. Assim, devido à inexistência de estudos sobre

Castañeda, os principais aportes teóricos na construção deste trabalho para tratar de sua biografia são os documentos de fonte primária, além das entrevistas que foram realizadas com pessoas que o conheceram.

Para compor as fontes bibliográficas deste estudo foram selecionados os livros e trabalhos que até o presente momento trataram do trabalho de Castañeda, embora quase todos privilegiem sua atividade de artista. Os livros *100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS* de 2012 e *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: Uma panorâmica* de 2007 trazem menções breves sobre o trabalho de Benito Castañeda como artista vinculado ao Instituto de Artes, comentando rapidamente alguns de seus trabalhos. Castañeda é tratado na tese de Neiva Maria Bohns, *Continente Improvável: Artes Visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX* também de maneira concisa e com enfoque em sua produção artística. Ainda sobre seus trabalhos em pintura, possui verbetes nos dicionários de arte brasileiros, o *Dicionário das artes plásticas no Brasil* e o *Dicionário das Artes Plásticas do Rio Grande do Sul.* As publicações que analisam a vida e a obra de Castañeda com mais atenção a sua carreira como professor são duas críticas escritas respectivamente por Fernando Corona e Aldo Obino, publicadas em *Caminhada nas Artes* (140-76) de 1977 e *Notas de Arte* de 2002. Fica evidente, portanto, a carência de produção textual e principalmente crítica sobre o trabalho realizado por Castañeda nas duas atividades que exerceu em nosso Estado. Por fim, utilizarei a tese *Origens do Instituto de Artes da UFRGS* de Círio Simon, publicada em 2003, como principal referencial sobre o Instituto de Artes e sua história.

Minha principal motivação para a escolha desse tema, além do interesse pessoal pelo trabalho de Benito Mazon Castañeda, é salientar a relevância de um personagem importante na história do Instituto de Artes, contribuindo com um estudo mais aprofundado sobre um professor-artista que até o presente momento não foi pesquisado com maior ênfase. Assim, pretendo com este trabalho dar maior visibilidade ao professor que exerceu parte de sua trajetória em Porto Alegre, e que possui expressiva produção artística preservada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Mais do que um artista, ele foi personagem significativo na construção da história de nosso Instituto, auxiliando na formação de diversos alunos durante seu período de atuação. A documentação pessoal e profissional

de Castañeda está preservada em sua totalidade no Arquivo Histórico do Instituto de Artes, e acredito que mais do que preservar, é preciso que esse material seja estudado, sistematizado e disponibilizado para a comunidade artística, possibilitando novos estudos sobre Benito Castañeda, sua produção artística e também sobre o ensino artístico do Instituto de Belas Artes.

A criação do Instituto Livre de Belas Artes em Porto Alegre na primeira década do século XX surgiu da iniciativa de intelectuais e profissionais liberais, entre eles o médico Olinto de Oliveira, que tinham interesse em arte e sentiam a necessidade de uma escola especializada para fomentar o interesse por arte no Estado. Em 1910 foi inaugurada a Escola de Arte, que funcionou com esse nome até 1936 e seu currículo era inspirado na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro:

> A Escola tinha seu currículo inteiramente baseado do na Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro. O método de ensino, como era normal daquela época, em instituições similares, fundamentava-se na reprodução de modelos em gesso importados da Europa, e os estudantes eram instruídos a seguir rigorosamente as técnicas e o estilo de seus professores. No início, havia apenas cursos de desenho, pintura e artes industriais e os primeiros professores não permaneceram muito tempo na escola. Libindo Ferrás foi durante muito tempo o principal professor da escola, ministrando cursos de perspectiva e sombra, desenho geométrico e anatomia. Como na época havia um número muito reduzido de artistas capazes de ensinar, os professores precisavam vir da Europa e do Rio de Janeiro. Da Escola Nacional de Belas Artes foram convidados Eduardo de Sá, Eugênio Latour e Lucílio Albuquerque (BOHNS, 2005, p. 131)

Augusto Luiz de Freitas, um dos primeiros professores da instituição, promoveu mudanças curriculares, como a implementação de desenho de modelo vivo[1] e o abandono dos métodos de ensino baseados em reproduções. A pesquisadora Neiva Bohns acredita que Freitas foi um precursor e um agente modernizador no sul do país, empenhando-se para uma formação mais efetiva de artistas e do público de arte. Essas mudanças, vistas por alguns como muito enérgicas e ousadas, acabaram provocando o afastamento do professor – situação que se assemelha com a de Araújo Porto-Alegre na AIBA.

Outra colocação apontada pela pesquisadora Neiva Bohns em sua tese é a respeito da atuação de artistas como docentes naquele período: “A atuação como professor na Escola de Belas Artes foi a melhor solução de sobrevivência

[1] A disciplina de modelo vivo continuou sendo oferecida no Instituto de Artes por muitos anos e era uma das aulas ministradas pelo professor Benito Castañeda.

encontrada por muitos artistas, já que não podiam depender exclusivamente da comercialização de suas obras" (BOHNS, 2005, p.133). Sabemos que essa prática – artistas que também são professores – sempre foi e continua sendo bastante adotada até o presente momento. João Fahrion, Fernando Corona, José Lutzemberger e Luiz Maristany de Trias eram colegas de profissão de Castañeda e também se encontravam na condição de professores artistas. Esse trabalho pretende analisar de que maneira era feita a conciliação entre essas duas atividades por Castañeda, levando em conta o que foi escrito até o presente momento sobre esse aspecto. Benito Mazon Castañeda lecionou desenho, desenho de modelo vivo e pintura de paisagem ao longo de quatorze anos em sua passagem pelo Instituto de Belas Artes. Não teve filhos ou herdeiros, fator que influenciou a transferência de sua documentação e também de sua produção artística para o Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e o Arquivo Histórico do Instituto de Artes. Pode-se inferir pelos depoimentos de alunos e colegas do professor e artista espanhol que ele era bastante estimado pelos seus alunos. Estes depoimentos estão presentes na documentação e nas entrevistas realizadas, e ajudam a compor a imagem de Castañeda como professor do Instituto de Belas Artes.

As questões norteadoras que dirigem e pautam essa pesquisa são: de que maneira se deu a trajetória de Benito Castañeda como professor do Instituto de Belas Artes? Como ele conciliava as atividades de professor e artista? Qual eram as metodologias e modelos utilizados para o ensino das artes no Rio Grande do Sul nos anos de 1940 e 1950? Desenvolvo esta pesquisa a partir da orientação dessas questões, utilizando para isso as fontes bibliográficas selecionadas, além das entrevistas já mencionadas.

2 APRESENTANDO BENITO MAZON CASTAÑEDA: UMA BIOGRAFIA

O objetivo principal deste capítulo é a apresentação de Benito Castañeda ao leitor, considerando aspectos relevantes sobre sua biografia e seus campos de atuação como artista para que no próximo capítulo seja abordada sua carreira como professor.

2.1 BIOGRAFIA[2]

Figura 1 e 2 - Fotografias de Benito Mazon Castañeda. s.d. Fonte: AHIA

Benito Mazon Castañeda nasceu em Cádis, na Espanha, em 14 de setembro de 1885. Filho de Benito Mazon y Chalro e Rosário Castaneda, seus pais eram da região de Santander, no norte da Espanha. Seu pai também tinha dileção pela pintura e, apesar de não ser pintor profissional, realizava cópias de

[2] Os dados aqui apresentados foram coletados majoritariamente dos documentos pessoais de Benito Castañeda presentes em seu dossiê no Arquivo Histórico do Instituto de Artes. Também foram utilizados como fontes recortes de jornais, que incluem um questionário respondido pelo artista publicado no ano de seu falecimento e estão disponibilizados na íntegra nos anexos deste trabalho.

pinturas de museus, destacando-se as cópias de pinturas de Francisco de Zurbarán[3]. Castañeda fez seu ensino básico no Instituto Provincial de Cádis, e seus estudos em pintura foram realizados na Escola Industrial de Artes e Ofícios de Cádis de 1901 a 1909, estudando também no ateliê de Felipe Abárzuza y Rodríguez de Arias (1871–1948) e ainda na Escola de Belas Artes de Buenos Aires de 1911 a 1915.

Os motivos para sua vinda para a América do Sul são desconhecidos. Após viver um período na Argentina, onde aprimorou seus estudos, mudou-se para o Brasil em 1919 para viver no interior do Rio Grande do Sul, primeiro em Uruguaiana e posteriormente em Bagé. Durante o período em que viveu no Brasil sempre lecionou desenho e pintura, dando aulas particulares na cidade de Uruguaiana e ensinando no Instituto Municipal de Belas Artes e no Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora em Bagé no período de 1936 a 1939.

Castañeda era carinhosamente chamado de “Don Benito” por amigos mais próximos e também por seus colegas de profissão. Não teve filhos e segundo relatos[4] vivia com Maria, de quem pouco se sabe – não eram, porém, casados oficialmente, já que em seus documentos pessoais seu estado civil consta como solteiro. Não parecia ter muito contato com a família da Espanha. O único registro de um contato realizado entre a família espanhola e Castañeda foi uma correspondência enviada para comunicar o falecimento de seu tio, que havia deixado uma herança para ele[5].

O espanhol possuía atributos que o marcaram e que são lembrados até hoje por seus ex-alunos e também por amigos. Carlos Galvão Krebs escreveu ao Jornal Diário de Notícias em 1955, por ocasião da morte do professor:

> Com sua boina preta, gravata borboleta, uma roupa surrada frequentemente de cor indefinível, a bengala de cerejeira, descuidado totalmente de seu

[3] Informação extraída do questionário respondido por Benito Castañeda ao Diário de Notícias, publicado em 1955, e que pode ser lido na íntegra nos anexos deste trabalho.

[4] “O professor Benito teve amigos leais e dedicados. Maria, que foi a companheira que o destino lhe reservou e que soube dar-lhe o verdadeiro amor, cheio de desprendimento e abnegação” (OLMEDO, em 19 de março de 1955 para o jornal “A Hora”).
“O anjo da guarda de Benito era sua companheira Maria, que cuidava de ambos como a duas crianças boas” (CORONA, 19 de março de 1955 para o jornal “Correio do Povo”).

[5] A correspondência se encontra entre os documentos pessoais de Castañeda presentes em seu dossiê e é datada de 7 de junho de 1938, assinada por Luis Gessa y Loayea.

> traje, mas conservando sempre aquele sorriso aberto e as mãos prontas para o abraço cordial (KREBS, 1955)

A boina e a gravata borboleta pareciam ser itens sempre utilizados pelo professor-artista e lembrados até hoje[6]. E realmente é possível verificar a presença e o uso da marcante boina e também da gravata borboleta em muitas das fotografias e retratos de Benito Castañeda.

Figura 3 -Desenho de João Fahrion retratando Benito Castañeda, datado de 1945. O esboço era a capa do catálogo de uma exposição individual do espanhol no mesmo ano.
Fonte: NDP/MARGS

De baixa estatura, cerca de 1,63m, o professor espanhol usava sempre um bigode bem aparado e um casaco exageradamente longo com ombreiras caindo,

[6] Em depoimento informal, através de e-mail, a artista visual Zorávia Bettiol (1935), que conviveu com Castañeda nos corredores e também no bar do oitavo andar do Instituto de Artes, lembra: *"Ele era uma figura muito simpática, amável e educada e, vestia-se com elegância e usualmente usava gravata borboleta".*
O ex-aluno e também artista Joaquim da Fonseca (1935) se recorda com precisão dos trejeitos do professor espanhol: *"Lembro da figura de Castañeda sempre vestindo um casaco escuro de tweed. Boina de lã escura que era sua marca como artista (tal como Vasco Prado), um bigodinho bem aparado. Seu sotaque de espanhol, pois era andaluz de Cádis, era carregado e pelo que me lembro, tinha um temperamento impaciente e indignado, sempre reclamando de tudo"* (entrevista concedida em 2014 através de e-mail, encontra-se na íntegra no apêndice deste trabalho).

além de um anel de rubi no dedo anelar da mão esquerda e um cachimbo que fumava constantemente, como lembra um de seus ex-alunos de Bagé[7].

Outra lembrança marcante que aqueles que conheceram e conviveram com Benito Castañeda tem dele é o carinho que o espanhol tinha por seus animais de estimação. Em diversos depoimentos[8] são citados seus animais de estimação, entre eles gatos, cachorros, pássaros e até mesmo um galo. Fernando Corona narrou uma história curiosa sobre o animal no texto publicado no jornal Correio do Povo logo após a morte de Castañeda:

> Amava muito os animais com a mesma semelhança de um São Francisco. Um dia chorou perto de mim porque lhe morreu a "Sisebuta", "aquela cadelinha que só faltava falar", segundo sua expressão andaluza. Não faz muito tempo, numa noite de tormenta, o galo de nome "Pepito" molhou-se na enchente do quintal. Benito, pacientemente o foi buscar – ele dizia que o galo entendia sua linguagem – o cobriu com um pano e o levou para o calor da própria cama (CORONA, Correio do Povo, 1955).

Castañeda tinha propriedades em Uruguaiana, onde permaneceu inicialmente em sua vinda ao Brasil . Após mudar-se para Porto Alegre, passou a alugar[9] pelo menos uma de suas propriedades como fonte de renda. Pouco tempo a pós sua morte, seu amigo Fernando Corona, também espanhol, escreveu:

> Em Uruguaiana ele viveu em companhia de outro andaluz, seu íntimo amigo e famoso bailarino de outros tempos Pepe Ruiz[10]. Benito fez-lhe o retrato. Se Castañeda tivesse pintado esse quadro no auge da glória do ilustre amigo, é possível que o trabalho fosse bom, sem dúvida, mas apenas aceitável. Entretanto o retrato de Pepe Ruiz é uma grande obra de arte. Fora

[7] Descrição feita por João da Silva para o jornal de Bagé em reportagem de 28 de julho de 1986.

[8] "Don Benito Castañeda também tem suas histórias com bichos. Além de entende-los, sabe amá-los como poucos eleitos. Se alguém quiser conquistar-lhe o coração, basta dizer que foi amigo de certa 'vira-lata' que, por sinal, também se chamava Negrinha e que veio a perecer tragicamente sob as rodas de um bonde. Nessas condições, não se poderia encontrar ninguém em melhores condições do que ele para compreender o amor de Dona Maria pelos animaizinhos que a rodeiam" (REVERBEL, 1948, p. 47)

"Don Benito terminou rindo gostosamente ao dar vinho do seu cálice para a Negrinha, uma vira-lata que acampara lá por casa. Daí por diante, toda a tarde, dividiu seu vinho com ela" (KREBS, 1955)

"Adorava os seus gatos com afeto e carinho verdadeiros. Parece que estamos vendo o Professor Benito, depois de ter jantado num restaurante do centro, pedir um pedaço de papel e embrulhar os restos para seus bichanos" (OLMEDO, 1955)

[9] Informação extraída de correspondência pessoal, enviada por "Ernesto", amigo de Castañeda, em 1939. Fonte: AHIA

[10] Ele e Pepe Ruiz (nome artístico do bailarino espanhol José Ruiz Parra) se conheceram em Buenos Aires nos tempos em que Castañeda morou na cidade. Sabe-se que eram amigos íntimos e moraram juntos no interior do Rio Grande do Sul por muitos anos antes de Castañeda transferir-se para Porto Alegre.

> executado quando os dois artistas eram íntimos na miséria e a humildade os irmanava, os prendia em amor filial, numa perfeita e humana vida cristã. [...] Benito, que recebia algum dinheiro da Espanha, financiava a "pequena chacrita" e Ruiz vendia pelas ruas de Uruguaiana as hortaliças colhidas, enquanto Benito pintava (CORONA, Correio do Povo, 1955).

Foi na mesma cidade, em Uruguaiana, que Castañeda pintou uma de suas obras mais reconhecidas, intitulada Dia e Noite, de 1933. Com esta obra o artista participou da exposição comemorativa ao Centenário Farroupilha dois anos mais tarde, em 1935, destacando-se com este quadro.

Figura 4 - Credenciais de participação da Exposição do Centenário Farroupilha em 1935.
Fonte: AHIA

Existem poucas informações a respeito dos motivos que fizeram Benito Castañeda permanecer na América do Sul, mas Carlos Scarinci atesta – em um dos primeiros textos publicados a respeito do professor-artista – que o espanhol tentou voltar para seu país de origem por certo tempo:

> Não se tem informações de quanto tempo perambulou pela América, fazendo 'como operário...de tudo que é possível praticar com pincéis e tintas. Menos...pintar'. Sabe-se, no entanto, que em 1930 tentou uma volta para a Espanha, mas adaptando-se mal, voltou logo para o Brasil, fixando-se em

> Uruguaiana, onde já tinha um ranchinho e vivia com uma companheira, 'uma mulatita', a quem amava ternamente[11] (SCARINCI, 1980)

De fato parece haver um abismo e falta de informações a respeito do que fez e por onde o espanhol passou nos anos após o término de seus estudos em Buenos Aires em 1919 e a menção de sua transferência para Uruguaiana. Existe apenas uma informação de que o pintor passou uma temporada no Rio de Janeiro, em uma nota rápida escrita pelo também pintor José de Francesco logo após a morte do espanhol[12]. Também não existem registros sobre a maneira pela qual Castañeda passou a ensinar pintura, já que as duas profissões – professor e artista – parecem misturar-se constantemente, não só para ele, mas também para outros professores artistas daquele período.

Foi também em Uruguaiana que Castañeda conheceu o Desembargador João Pereira de Sampaio, que muito o estimulou ao longo de sua carreira. Amigo íntimo[13] da família Sampaio, Castañeda tinha no amigo um conselheiro e também um grande incentivador de sua arte. O Desembargador era um dos intermediários do artista com a capital do RS e enquanto o espanhol morava no interior enviava suas telas para que o Desembargador pudesse destiná-las ou ao Instituto de Belas Artes, ou a alguma mostra ou exposição:

> Encontrei-me ontem na Rua da Praia com o Dr. Pacheco Prates, que me informou andares apreensivo a propósito da tua participação como concorrente na próxima exposição.

---

[11] Aqui o autor se refere à Maria, de quem pouco se sabe, já mencionada previamente.

[12] "E assim foi, rumo a Buenos Aires. A bordo do transatlântico, encontrou o seu primeiro amor: uma encantadora 'Madonna' saída de alguma tela, de um Leonardo da Vinci, ou de um Miguel Ângelo Buonarotti. Uma jovem italiana... Lydia era seu nome. Que encanto de mulher! Apaixonou-se com todo o vigor de seus 25 anos, Ela dirigia-se, com sua família, para o Rio de Janeiro. O amor foi mais forte que o plano que ele havia traçado – Buenos Aires. Resolveu também ficar na Cidade Maravilhosa, esboçando os mais belos e caros sonhos de felicidade. Porém a fatalidade estava a espreita... a bela e encantadora jovem, acometida de um mal, fechava os olhos, deixando no coração do jovem a visão de uma sinfonia inacabada. Esse, talvez, o complexo que o acompanhou vida a fora. O desânimo que, por vezes, o prostrava. Para o seu espírito emotivo foi um golpe, pois ferido em seus anelos, faltou-lhe a palavra amiga de quem o pudesse estimular a resistir ao embate. Isso, que só muito tarde veio aqui encontrar nesta Porto Alegre, tivera sido antes, outra teria sido a sua transição pela face da vida. Sinfonia inacabada. Pobre amigo" (FRANCESCO, CORREIO DO POVO, 1955). O tom romanceado com que narra a história não dá muito crédito ao escritor, porém há de se considerar a informação de que Castañeda em algum momento passou pelo Rio de Janeiro, muito provavelmente antes de sua vinda para Porto Alegre.

[13] Em correspondência pessoal, data de 1939, o Desembargador Sampaio escreve para Castañeda: "[...] estou a tua espera e, se quiseres vir para Porto Alegre, terei grande prazer em que fiques em nossa companhia enquanto não arrumares as coisas como convém. Bem sabes como aqui te apreciam, e como és considerado "pessoa de casa". Fonte: AHIA

> A respeito tenho a te dizer o seguinte. Desde o dia 21 que os teus quadros (5) estão no Instituto de Belas Artes e que a tua inscrição está igualmente feita, tendo sido entregue a correspondente papelada juntamente com os quadros. Tendo amigo o respectivo recibo, que não enviei por entender ser isso desnecessário, uma que por informação que tenho estará aqui mais ou menos no próximo dia 8.
> Falei hoje com Ângelo Guido na rua e soube por ele que nenhuma outra formalidade era necessária para a inscrição e que, assim, a tua já se achava regularmente feita. Nessa ocasião, fazendo-me mais "inocente" do que sou, perguntei-lhe se os quadros tinham sido aceitos, ao que ele respondeu sorrindo com um comprido "siiiim"... Como quem diz: "bem se vê que essa pergunta é de um leigo!", informando ainda que os teus trabalhos tinham sido muito apreciados e que era muito "interessantes". Disse-me ainda que a exposição será inaugurada provavelmente no dia 12. (SAMPAIO, 1939)

Neste depoimento fica implícita a participação do Desembargador Sampaio, que parece ter atuado como uma espécie de *marchand* de Castañeda, ao menos durante o período em que o artista não morava na capital.

Em Porto Alegre, Benito Castañeda cercou-se de amigos, muitos do meio artístico local. Entre colegas de profissão e alunos, parecia cultivar muitas amizades e ser uma pessoa carismática. Também é descrito por muitos como boêmio e sabe-se que os bares da capital eram sua segunda casa[14]. Talvez o mais ilustre amigo de Castañeda tenha sido o escritor Erico Veríssimo. Ao que parece conheceram-se no Restaurante Dona Maria, que ficava nos fundos da livraria do Globo, na rua José Montaury, em Porto Alegre. Nas décadas de 1940 e 1950 o restaurante era frequentado por uma elite cultural local, incluindo políticos, jornalistas, artistas, escritores e boêmios em geral. Castañeda tinha uma espécie de ateliê de pintura no local, um espaço onde pintava e expunha algumas de suas telas e que dividia com o Desembargador Sampaio, também grande frequentador do local, e Ernesto Moser, um dos donos do estabelecimento.

[14] Joaquim da Fonseca, aluno de Castañeda, diz que "Castañeda era um bom amigo de alguns de seus alunos, especialmente os que o acompanhavam em uma mesa de bar. Ele era um bom bebedor, e era famoso o seu roteiro desde casa até à escola. Ele morava na rua da Praia, em um velho prédio perto da Casa Mário Quintana, e invariavelmente seguia o caminho parando em um boteco na Rua Andrade Neves, outro na General Vitorino e mais um na subida da Rua da Praia, onde então já tinha a companhia de Waldeni Elias, que morava no caminho" (entrevista concedida em 2014 através de e-mail, encontra-se na íntegra no apêndice deste trabalho).

Dona Maria

Foi-se a época em que Pôrto Alegre possuia deliciosos bares e restaurantes alemães. Mas é preciso que se registre, ainda uma vez, o papel que êles desempenharam na vida da cidade, marcante até mesmo do ponto de vista literário.

Reportagem de CARLOS REVERBEL Fotografias de ED KEFFEL

O PINTOR

NAS palestras que dedicou às mulheres de Hollywood, Erico Veríssimo costumava contar um caso do escritor Ben Hecht com o produtor Louis B. Meyer.

Dentre as condições impostas pelo famoso autor de argumentos para voltar para a Metro, havia a exigência de que lhe fôsse fornecida uma secretária do tipo pin-up, que deveria apresentar-se no seu escritório de maillot e casaco de peles, e cuja atividade constaria apenas em odorizar-lhe o ambiente de trabalho com um pulverizador de perfume.

O disparate pleiteado por Ben Hecht, que foi aceito, está claro, pois é com êste barro que se constrói a lenda hollywoodiana, também poderia ser adotado e não apenas narrado), pelo próprio Erico Veríssimo.

Mas, ao invés de pleitear uma pin-up de maillot e casaco de peles que, de pulverizador em punho, lhe perfumasse o escritório, de acôrdo com a técnica introduzida pelo seu colega norte-americano, o romancista gaúcho, discreto como sempre, se contentou com um prosaico aparelho de renovação de ar, sem o que êle não poderia ter escrito as mil páginas de "A Jornada".

E' que a sala em que Erico Veríssimo trabalha, na Editôra Globo, dá para os fundos do restaurante da Dona Maria, ou, mais precisamente, dá para a cozinha da Dona Maria, o que o obriga a viver de janelas fechadas e na permanente dependência de um insípido aparelho de renovação de ar, quando talvez o mais acertado fôsse mesmo a solução de Ben Hecht. Se Erico Veríssimo já a tivesse adotado, não haveria na infelicidade o que fica reduzido tôda vez que alguém o convida para almoçar ou jantar na Dona Maria.

Em compensação, um outro escritor rio-grandense, o brilhante Athos Damasceno, parece que está no melhor dos mundos, quando se encontra no restaurante da Dona Maria.

O MODÊLO. Os melhor, os modelos, pois Dona Maria vive cercada de bichos, b foi justamente o conjunto assim formado que Castanheda fixou numa tela, destinada ao Salão Nacional de Belas Artes.

Cont. na pág. seg.

apesar de tudo, as honras da casa não lhes pertence. As maiores atenções são dispensadas a uma hóspede, que atende pelo nome de Negrinha.

Embora pertença a um vizinho, a Negrinha, que já está na idade provecta, é uma cachorra cheia de vontades, que se comporta como uma criança. Desde que freqüenta o restaurante da Dona Maria, passou a recusar tôda a alimentação na sua própria casa. Os seus donos não tiveram, nessas condições, outra alternativa senão confiá-la aos cuidados da Dona Maria, que lhe dispensa, por isso mesmo, uma série de atenções especiais, para desespêro de Peter e Dali, que se consideram espoliados pela intrusa.

Don Benito Castanheda também tem suas histórias com bichos. Além de entendê-los, sabe amá-los como poucos ebeins. Se alguém quiser conquistar-lhe o coração, basta dizer que foi amigo de certa "vira-lata" que, por sinal também se chamava Negrinha e que veio a perecer tràgicamente sob as rodas de um bonde.

Nessas condições, não se poderia encontrar ninguém em melhores condições do que êle para compreender o amor de Dona Maria pelos animaizinhos que a rodeiam. Depois de muito se assenhorear com aquela perfeita confraternização, um belo dia êle apresentou-se com os pincéis, a paleta e a caixa de tintas no restaurante.

O resultado foi o belo quadro que apresentamos nesta página, um óleo de pura ternura e poderoso vigor, no qual se apresenta naturezas mortas, retrato e reprodução de animais, formando um conjunto de mestre, como certamente os fastos da pintura terão registrado num meio como o nosso.

O dr. Tasso Corrêa, com todo o seu bom gôsto e conhecimento da matéria, depois de examiná-lo por mais de duas horas, com uma meticulosidade que escandalizou os garçons da Dona Maria, resolveu levá-lo para o salão de honra do Instituto de Belas Artes.

E o notável quadro lá permanecerá, até o momento de ser remetido para o próximo salão nacional de Belas Artes.

E AQUI está a obra. Conhecedores com as credenciais do dr. Tasso Corrêa, consideramos uma realização da mais alta valia. Seja como fôr, Castanheda fixou uma figura [illegible] de P. Alegre.

Figura 5 e 6 - REVERBEL, Carlos. *Dona Maria*. In: *Revista do Globo*, 25 de setembro de 1948. p.45 e 47.
Fonte: NDP/MARGS

Em reportagem à Revista do Globo no ano de 1948, Carlos Reverbel fala sobre a importância daquele estabelecimento para o meio artístico-cultura de Porto Alegre na década de 1940. Nela, o jornalista comenta sobre os frequentadores do restaurante, incluindo os escritores Erico Veríssimo e Athos Damasceno:

> [...] É que a sala em que Erico Veríssimo trabalha, na Editora Globo, dá para os fundos do restaurante da Dona Maria, o que o obriga a viver de janelas fechadas e na permanente dependência de um insípido aparelho de renovação de ar [...]. Em compensação, um outro escritor rio-grandense, o brilhante Athos Damasceno, parece que está no melhor dos mundos, quando se encontra no restaurante da Dona Maria (REVERBEL, 1948, p. 45).

Erico Verissimo parece ter se inspirado no artista espanhol para a criação de um de seus personagens mais icônicos no livro *O Retrato* de 1951, o pintor espanhol Don Pepe Garcia, que pinta o quadro de Rodrigo Cambará[15]:

[15] Em entrevista, Joaquim da Fonseca afirma: "Erico usou o perfil de Castañeda para descrever o pintor do retrato de Rodrigo Cambará, em seu romance "O Retrato". O personagem de Erico (acho

> Existiam na cidade muitos retratos a óleo - pequenos, grandes, bons, maus e medíocres - mas a obra de Don Pepe era para todos os efeitos o Retrato, com R maiúsculo, uma das maravilhas de Santa Fé. Quando chegava algum forasteiro, a primeira coisa que lhe perguntavam era: "Já viu o Retrato?" - e ficavam um tanto ofendidos quando o visitante declarava ignorar a existência da portentosa obra de arte. Conhecedores de pintura afirmavam que se tratava dum trabalho de mestre, digno dum museu de Paris ou Londres; e os que conheciam Rodrigo e o Retrato atestavam que a presença era positivamente fotográfica. Contava-se que, depois dessa obra, Pepe Garcia como que se esgotara e não fizera mais nada que prestasse. De resto, que futuro podia ter um pintor numa cidade provinciana como aquela? Santa Fé inteira conhecia a crônica daquele boêmio espanhol que era por assim dizer um herói do folclore municipal. Passava a vida em grupos de café a dispersar-se em conversas e bebedeiras. E era nessas rodas boêmias que Pepe Garcia contava suas andanças pelo mundo, falava mal do clero, da burguesia e, choramingando, dizia do que podia ter sido sua vida e sua arte se não tivesse encalhado nas praias secas de Santa Fé, como um barco desarvorado sem bússola nem leme. Suas conversas começavam com bravatas e acabavam em choro. Quando lhe perguntavam por que não reagia, não voltava a pintar, respondia que era tarde, estava velho, a visão começava a faltar-lhe e as mãos já lhe tremiam. A troco de magro ordenado, sujeitava-se agora à humilhação de pintar cartazes para o Cinema Recreio. Era por isso que, depois do papa, o homem a quem mais odiava no mundo era o proprietário do cinema local, o Calgembrino, para ele o símbolo da burguesia endinheirada, a qual, unida ao clero obscurantista, era responsável pelas desgraças do mundo, por todas as injustiças sociais e principalmente pela incompreensão em que viviam os verdadeiros artistas.
> Agora, nos dias de sua decadência, quando se sentia muito deprimido, don Pepe batia à porta do Sobrado e pedia às gentes da casa que lhe permitissem ver o Retrato. Dona Maria Valéria mandava o pintor entrar e deixava-o sozinho na sala de visitas. O espanhol sentava-se diante de sua obra-prima e ali ficava por longo tempo, levantando-se de quando em quando para abrir ou fechar as cortinas das janelas a fim de poder observar a tela sob vários efeitos de luz. Depois, retirava-se sem dizer palavra e nessas ocasiões tomava as suas bebedeiras mais formidáveis (VERÍSSIMO, 1997, p.18)

Mesmo sendo um romance e baseado parcialmente em Castañeda, é impossível negar algumas semelhanças entre ele e Don Pepe. O temperamento boêmio, de fato, era uma marca de Castañeda. Mas também chama atenção o fato de o pintor espanhol do livro ter parado de produzir telas após pintar o famoso retrato de Rodrigo Cambará – da mesma maneira, sabe-se que Castañeda produziu relativamente pouco durante sua vida, e mesmo com a quantidade expressiva de suas obras na PBSA, é preciso considerar que parte dessas obras são esboços e telas inacabadas.

---

que o nome era Dom Pepe Garcia) ficou marcado por seu temperamento apoplético de espanhol revolucionário, com o mesmo palavreado que ouvíamos de Castañeda, e por conviver simultaneamente com duas mulheres, uma “negra” e outra “alemôa”, dormindo entre as duas para manter a paz conjugal e evitar conflitos. Quando nos referíamos a isso para Castañeda, ele dava de ombros e respondia: -- Si, si, algo es verdad, pero Erico há exagerado mucho, exagerado mucho. Hay mucha fantasia... Modestamente, não prosseguia no assunto, mas não desmentia nada” (entrevista concedida em 2014 através de e-mail, encontra-se na íntegra no apêndice deste trabalho).

Ainda sobre o restaurante Dona Maria, havia uma boa quantidade de telas de Castañeda no local quando ele pegou fogo em um incêndio trágico, que destruiu o local na década de 1970. Entre as telas,

estava a pintura intitulada “Dona Maria”, de 1948, que retratava a proprietária do estabelecimento, e que segundo registros do AHIA foi realizada com o objetivo de ser exposta no Salão nacional de Belas Artes de 1948, que acabou não acontecendo – por estas razões a tela estava no restaurante quando o incêndio aconteceu. Assim, o único registro desta pintura é, hoje, a foto da reportagem da Livraria do Globo, que traz uma imagem em p&b da tela, em comparação com uma fotografia também em p&b de Dona Maria com seus animais de estimação:

> Como muita gente que se preza, Don Benito gosta de um bom chope. E porque gosta de um bom chope tornou-se frequentador da Dona Maria. Pôde então conhece-la na sua verdadeira expressão, pois ele é dos que tem a sensibilidade aberta para tudo o que é realmente humano. [...]
> Depois de muito se embevecer com aquela perfeita confraternização, um belo dia ele apareceu com os pincéis, a palheta e a caixa de tintas no restaurante. O resultado foi este belo quadro que apresentamos nesta página, um óleo de pura ternura e poderoso vigor, no qual se apresenta natureza morta, retrato e reprodução de animais, formando um conjunto de mestre, como raramente os fastos da pintura terão registrado num meio como o nosso. O Dr. Tasso Corrêa, com todo o seu bom gosto e conhecimento da matéria, depois de examiná-lo por mais de duas horas, com uma meticulosidade que escandalizou os garçons da Dona Maria, resolveu levá-lo para o salão de honra do Instituto de Belas Artes. E o quadro notável lá permanecerá, até o momento de ser remetido para o próximo salão nacional de Belas Artes (REVERBEL, 1948, p. 47).

Além do quadro “Dona Maria”, outras pinturas de Castañeda certamente se perderam no mesmo incidente e não existem mais, o que dificulta a avaliação do espanhol como artista – como disse o historiador Carlos Scarinci, o espanhol pintou pouco em vida e esporadicamente, de fato, mas é inegável mesmo com a avaliação de uma imagem de pouca resolução como a em p&b da Revista do Globo que o quadro era “uma de suas obras-primas” (SCARINCI, 1980).

Figura 7 - Foto do restaurante Dona Maria, na rua José Montaury, s.d.
Fonte: Blog de SamPaulo (cartunista e filho do Desembargador Sampaio)

Além de professor e artista, Benito Castañeda também exerceu a profissão de restaurador, trabalhando no Museu Júlio de Castilhos, o museu mais antigo de Porto Alegre. Esse período da vida do espanhol é, como alguns outros, bastante obscuro e pouquíssimo se sabe sobre sua passagem como restaurador do museu, nem mesmo o período em que trabalhou lá.

Benito Castañeda faleceu aos 70 anos em 19 de fevereiro de 1955, um sábado de carnaval. O motivo foi uma pneumonia, que fez com que o professor pedisse licença ao IBA três dias antes, alegando motivos de saúde, conforme as informações disponíveis no AHIA. O livro de presença do velório encontra-se também no Arquivo Histórico do IA e foi assinado pelos amigos mais próximos do professor-artista, que compareceram para se despedir do amigo: Desembargador Sampaio, Fernando Corona, Tasso Corrêa, João Fahrion, entre outros. Muitos jornais da época noticiaram o falecimento do então professor catedrático do IBA, que parece ter surpreendido a todos por seu falecimento repentino, apesar de já estar em idade avançada. Foram feitas diversas homenagens ao estimado professor espanhol, e seus amigos e admiradores (Tasso Corrêa, Fernando Corona e outros professores do IBA) pensavam em organizar uma exposição retrospectiva com suas telas e desenhos para lembrar a memória de Castañeda, conforme alguns jornais da época noticiaram, pedindo inclusive que

colecionadores particulares que tivesse obras do espanhol entrassem em contato com os organizadores da exposição. A mostra nunca ocorreu, entretanto, por motivos desconhecidos, mas provavelmente pelo fato de Castañeda ter produzido relativamente pouco e também pela dificuldade de reunir todas as telas que deveriam estar nas mãos de colecionadores particulares.

2.2 “TENGO GANAS DE PINTAR”

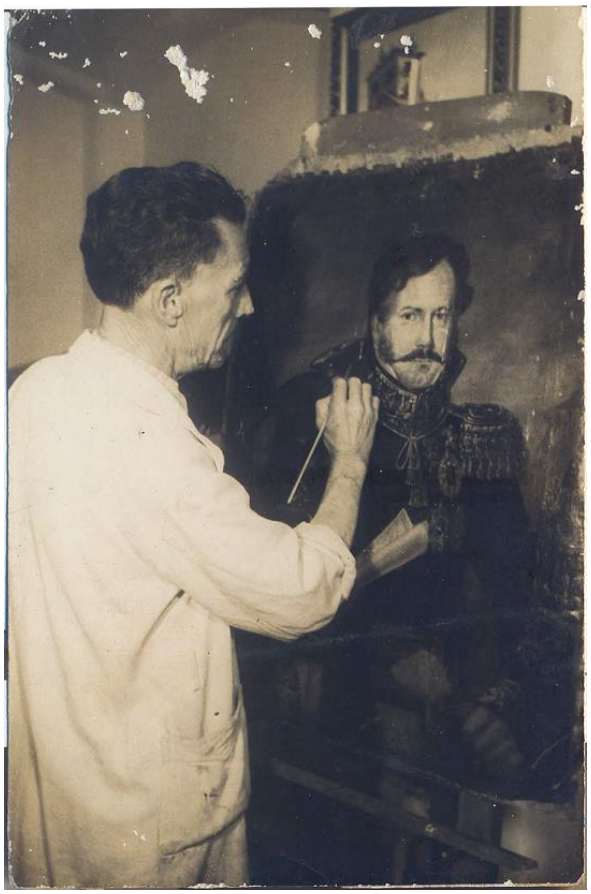


Figura 8 – Fotografia de Benito Mazon Castañeda. s.d. Fonte: AHIA

> Castañeda pinta as ruínas de São Miguel, na única viagem de estudos em que tomou parte: a dos cursos de Artes Plásticas e de Arquitetura, do Instituto de Belas Artes, em julho de 1947. Na volta os caravaneiros realizaram no Centro Acadêmico Tasso Corrêa uma exposição dos trabalhos de viagem. Na decoração figurava uma grande paleta com a legenda *‘Tengo ganas de pintar’*, alusiva a Don Benito. (KREBS, Diário de Notícias, 1955)

2.2.1 O mestre da paisagem

Como já mencionado anteriormente, Benito Castañeda teve uma produção artística reduzida se comparado a outros colegas e artistas do período. Ele começou sua produção relativamente jovem, em 1901[16] – tinha, portanto, apenas 16 anos. Sua carreira como artista foi, no entanto, inconstante em diversos períodos. Existem registros de telas suas que foram pintadas em Buenos Aires antes do artista transferir-se para o Brasil em 1919, mas nenhum desses quadros é publicamente conhecido hoje e se ainda existem estão em coleções particulares, desconhecidas pelo grande público interessado em arte. A sua tela mais antiga conhecida é justamente uma de suas pinturas mais louvadas – *Dia e Noite*, de 1933.

Figura 9 - CASTAÑEDA, Benito Mazon (1885-1955)
Dia e Noite, 1933
OST, 105 x 100 cm
PBSA
Fonte: Catálogo da PBSA

[16] Quando perguntado "Desde quando realiza trabalhos de arte e quando se iniciou?" no questionário de perguntas do jornal Diário de Noticias, que foi respondido em 1949 e publicado em 1955, Castañeda respondeu: "Desde 1901, com pintura" (KREBS, 1955).

A tela inicialmente foi registrada com o título de *O cego e seu guia* quando participou da exposição comemorativa ao Centenário Farroupilha em 1935. Também aparece registrada, posteriormente, como *Pai e filho*, *Noite e Dia* e também *Menino conduzindo o cego*, mas parece que o nome definitivo foi escolhido justamente como uma metáfora do que acontece na pintura: "a tela retrata um cego de perfil, que, confiantemente, apoia-se no ombro esquerdo do menino, de olhos negros e bonitos, fixados intensamente no espectador. [...] Metaforicamente, seria o dia guiando a noite" (CANFILD, 2015, p. 400). Foi pintada para a realização de uma rifa em benefício da Santa Casa de Uruguaiana, mas como a rifa não ocorreu (por motivos desconhecidos), ela foi exibida dois anos mais tarde na grande exposição de 1935. Além dessa tela, Castañeda também expôs as seguintes obras: *Gitana, Negro Manoel, Retrato do Sr. L.S., Retrato do Dr. LTM*[17]*.* Que se tenha conhecimento, essa foi a primeira mostra de que o espanhol participou.

Além da exposição do Centenário Farroupilha, Castañeda participou de algumas outras mostras coletivas em vida, além de salões de arte. Participou do 1º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, realizado pelo IBA em 1939 e de âmbito nacional, destacando-se com a tela *Pepe Ruiz* pintada também 1939 e recebendo "Menção Honrosa". Além da tela que retratava seu amigo bailarino espanhol, ele também participou com as telas intituladas *Mesticinha, No Galpão* e *Bairro da Panela do Candal (Bagé)*[18].

Castañeda ainda residia em Bagé em 1939 e por isso enviou as telas para a capital por intermédio do Desembargador Sampaio, conforme fica registrado em correspondência enviada pelo Desembargador para o espanhol em 5 de novembro de 1939. Na correspondência o amigo de Castañeda comenta as cinco telas recebidas e que foram inscritas no concurso:

> Desde o dia 21 que os teus quadros (5) estão no Instituto de Belas Artes e que a tua inscrição está igualmente feita, tendo sido entregue a correspondente papelada juntamente com os quadros. [...] Procurando

[17] Fonte: NDP/MARGS. Não constavam as datas em que essas obras foram pintadas, apenas seus títulos.
[18] As informações foram extraídas do Catálogo do 1º Salão de Belas Artes do IBA, preservado no Arquivo Histórico do Instituto de Artes.

> quando possível ver os teus trabalhos sem os vincos da amizade, o que tenho a dizer é que os achei magníficos. Quanto ao “Cabo Afonso”, que já conhecia (aquele que no dizer de D. Manoel Pacheco, foi “pintado com cachaça”), já sabes o que penso sobre ele: é uma das tuas obras primas, digno “pendant” do “Manoel”. Acho-o admirável da verdade e simplicidade, na sua técnica larga e fácil e no mundo como ali desenhadas as cores e as tonalidades.[...] Em relação ao “D. Pepe Ruiz”, acho que imortalizaste esse nosso amigo que, pela raridade da figura e pela multiplicidade das aptidões que possui e gêneros de vida que tem desempenhado. Sempre me pareceu, ainda em carne e osso, um artigo digno de museu... agora ele terá certamente garantido numa vida [ilegível] nas paredes de alguma nossa pinacoteca oficial, pelo menos enquanto o destino, tantas vezes cruel, não nos brindar com algum movimento “nacionalista” espanhol...[...] Na figura desse trabalho mostras uma técnica de mestre muito segura e ao mesmo tempo pessoal e simpática, reveladora dos teus raros dons de retratista, e reputo insuperável [ilegível] onde desmanchas as tintas escuras com aquela suavidade de que tens o segredo. Acho esse quadro, como obra de técnica, bastante superior ao “Sarmento”. [...] Quanto à menina da cadeira colonial, acho-a encantadora no seu vestidinho simples e com aquela expressão de inocência e ao mesmo tempo de angústia, revelando os primeiros esforços para desvendar certos mistérios da vida que ela apenas começara a pressentir... [...] Quanto à cena do galpão, achei-a admirável, sobretudo na parte do interior (primeiro plano), que um contraste com o fundo luminoso do campo, mais deixas adivinhar do não ver as coisas pintadas. Quer me parecer que esse deve ser um efeito difícil de conseguir, e tu o conseguiste magnificamente. As figuras estão todas muito naturais em suas atitudes e indumentárias características. Acho que fizeste com rara felicidade esse momento da vida do campo.
> Finalmente, quanto à “vista” de Bagé, penso que é esse um dos teus trabalhos mais felizes no gênero. Vê-se que foi pintado com muita facilidade e que a paisagem não tem segredos para o pintor. Em suma, meu caro Benito, todas as 5 telas estão dignas do teu pincel de “maestro”, e, como já te disse em telegrama, estão certamente fadadas a grande sucesso.
> Muito te felicito por esses trabalhos, fazendo votos para que não deixes morrer esse entusiasmo pela pintura, dá pra dizer (e mostrar) estar agora possuindo (SAMPAIO, 1939)

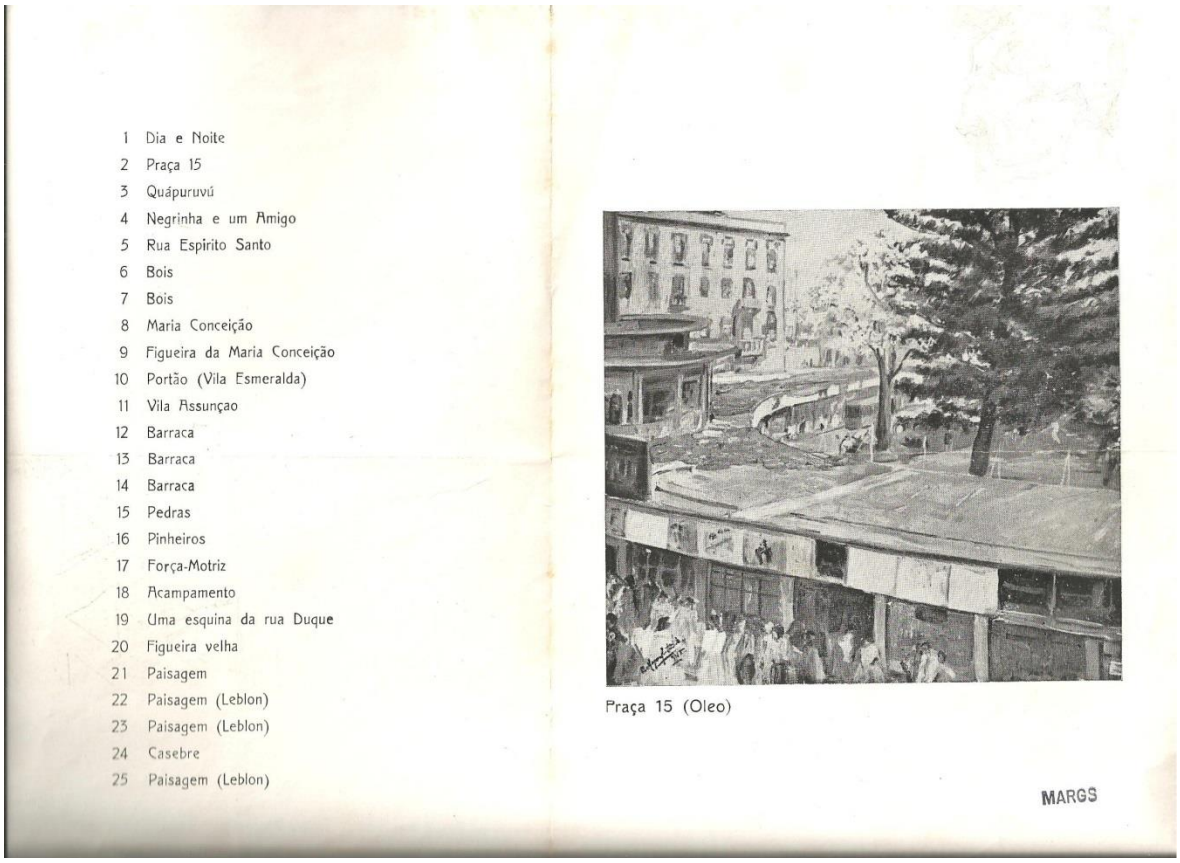
Fica evidente a admiração pelas qualidades de artista de Castañeda e ele não cansa de rasgar elogios às telas enviadas pelo espanhol para a mostra, além de comentar na mesma correspondência que Angelo Guido achou as telas muito interessantes quando as viu no IBA. O Desembargador foi, assim, um grande incentivador da carreira de Castañeda como artista, estimulando o pintor a continuar seu trabalho e pedindo que não deixasse morrer seu entusiasmo pelos pincéis e tinta. É interessante notar que, na mesma correspondência, o Desembargador afirma que encontrou um amigo comum seu e de Castañeda, que afirmou que o espanhol estava apreensivo quanto à qualidade das telas enviadas. Castañeda parecia, de fato, ser inseguro e principalmente bastante autocrítico com relação ao seu trabalho. Em outras ocasiões ele demonstra essa insegurança: quando perguntado sobre as maiores dificuldades encontradas para

seu desenvolvimento artístico, ele respondeu: “o meu temperamento, isto é, o fato de eu não ter qualidades para produzir boa coisa” [19].

Já radicado em Porto Alegre, no ano de 1940 participou do 2º Salão de Belas Artes do Rio Grande do sul, recebendo medalha pela tela *Sim... não*,[20] que retrata a também pintora Cléo Romero. Também aparece registrado que o pintor apresentou dois retratos para a Exposição de Belas Artes do IBA, em 1942. Já em 1943, o ano seguinte, participou do 3º Salão de Belas Artes promovido pelo IBA, apesar de não existirem maiores registros sobre sua participação nesta exposição.

Sua primeira exposição individual aconteceu em 1945 na Casa da Molduras de Porto Alegre, um espaço renomado onde outros artistas também expuseram – Maristany de Trias, João Fahrion, entre outros. Por já ter idade relativamente avançada, 60 anos, tal individual é considerada tardia para a carreira de um artista que começou a pintar aos 16 anos.

[19] (KREBS, 1955)
[20] Não há registro de onde a tela está atualmente, mas há uma reprodução em preto e branco que aparece na reportagem escrita por Olmedo e que pode ser vista nos anexos deste trabalho.



Figuras 10 e 11 - Capa e parte interna do catálogo/convite da exposição de Benito Castañeda da Casa das Molduras em 1945. Fonte: NDP/MARGS

De acordo com o catálogo, a exposição contava com a mostra de 25 telas, incluindo os quadros *Dia e Noite* e *Praça 15* (hoje chamado de *Abrigo da Praça XV*), que atualmente se encontram nos acervos da Pinacoteca Barão de Santo Angelo e da Pinacoteca Aldo Locatelli, respectivamente. Além dessa exposição, Castañeda também realizou outra mostra individual, dessa vez na Galeria Correio do Povo no ano seguinte, em 1946. Não existem maiores registro sobre esta mostra.

Em 1947 o artista realizou diversas telas que retratam as ruínas das Missões do RS enquanto estava em excursão com um grupo de estudos do IBA, o qual ele chefiava[21]. Boa parte dessas telas encontra-se hoje no acervo da PBSA:

[21] Falarei mais adiante sobre essa viagem no capítulo seguinte deste trabalho.

Figura 12 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955)
Ruínas de São Miguel, 1947
OST, 50 x 40cm
PBSA
Fonte: Catálogo da PBSA

Figura 13 - CASTAÑEDA, Benito (1885-1955)
São Francisco Borja, 1947
OST, 50 x 40 cm
PBSA
Fonte: Catálogo da PBSA

A tela *Dona Maria*, de 1948, já comentada anteriormente e que foi feita com pretensões de ser exposta no Salão nacional de Belas Artes, foi uma das últimas telas de que se tem registrada a data de realização. É possível que a produção artística de Castañeda tenha declinado após esse período, que foi quando o professor-artista passou a integrar o corpo docente do IBA como professor catedrático, o que deveria demandar mais tempo e dedicação para as aulas.

Após esta breve retomada de trabalhos realizados por ele, ao menos dos que se tem conhecimento, fica de fato inegável a conclusão de que Benito Castañeda pintou ocasionalmente durante sua vida, assim como a percepção de que produziu muito mais após sua vinda para a capital, possivelmente pelo estímulo de colegas e amigos do meio artístico:

> Se existem pessoas que sabem pintar nesta praça, somos obrigados a começar por Don Benito. Mas de saída temos uma grande dificuldade a transpor. Ele sabe pintar, mas não pinta. Ou por outra, para que ele pinte, com aquela força dos autênticos mestres espanhóis, é preciso que haja sérias razões para isso. Don Benito é capaz de passar anos sem pintar, pois jamais empunhará o pincel de modo gratuito ou artificial. Para que ele se disponha a fazer alguma coisa deve sofrer uma solicitação muito forte, vinda em geral dentro dele mesmo (REVERBEL, 1948, p. 47)

Esse depoimento de Carlos Reverbel parece resumir, com uma exatidão de quem conhecia bem o pintor espanhol, as razões para que Castañeda produzisse tão esporadicamente – é possível perceber, a partir do levantamento de obras realizadas por ele neste capítulo, que a grande maioria delas foi realizada com motivos bastante específicos – participar de uma rifa, ser exposta em um salão de arte ou até mesmo como registro de uma viagem de estudos. E mesmo que essa esporadicidade dificulte uma análise de cunho mais estético – o que não está entre as pretensões deste trabalho – as suas telas que são conhecidas e que ainda existem nos registros e nas coleções públicas e privadas dos acervos artísticos de Porto Alegre são forte indício, senão certeza, de que Castañeda foi, apesar de tudo, um grande pintor e, sobretudo, um mestre da paisagem.

Benito Castañeda está presente em algumas das mais importantes coleções de espaços artísticos em Porto Alegre. Entre eles, destacam-se o MARGS, o Museu Júlio de Castilhos, a Pinacoteca da APLUB, a Pinacoteca Aldo

Locatelli e também o acervo artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, onde está preservada a maior parte de suas obras.

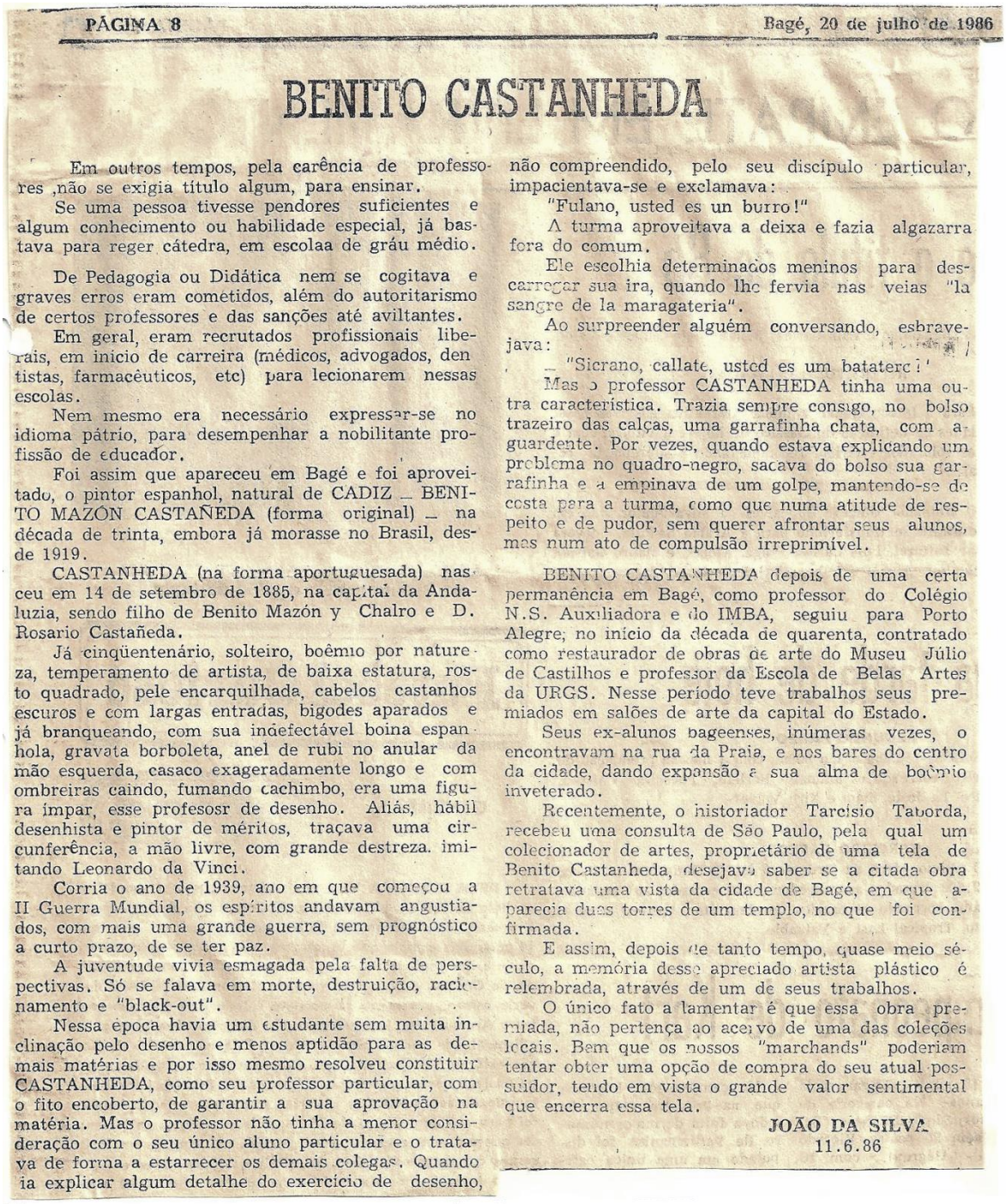
Alguns dos trabalhos de Castañeda, entre pinturas e desenhos, fizeram parte de mostras coletivas após seu falecimento em 1955. Entre as mais importantes, destacam-se (por ordem cronológica): A exposição de desenhos de Francis Pelicheck e Benito Castañeda, ocorrida em 2001 na PBSA; A exposição Artistas Professores do IA/UFRGS, ocorrida no Museu da UFRGS em 2002; e a mais recente exposição comemorativa aos 80 anos da UFRGS, com mostra no Salão de Festas na Reitoria. Todas as exposições reconhecem a importância e relevância de Castañeda par o Instituto de Artes (antigo IBA), tanto como professor quanto como artista:

> O segundo período, iniciado em 1936, com a incorporação do Instituto Livre de Belas Artes à Universidade de Porto Alegre (antecessora da atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul) foi o marco de um período de consolidação e expansão, prolongando-se até aproximadamente 1962, ano da morte de Aldo Locatelli e do retorno do Instituto para a UFRGS. Nesse mesmo período, outros fatos importantes, que assinalam uma troca de gerações e de perspectivas no trabalho artístico, ocorreram interna e externamente à história do Instituto. Nesse espaço de 26 anos, houve uma série de transformações no ensino, na produção e na distribuição das artes no Brasil, com intensas mudanças sociais e econômicas, de evidentes repercussões nas artes e na cultura brasileira. Foi o momento no qual se destacaram os professores que deram continuidade aos esforços do primeiro momento, com intensa atividade criadora e docente. [...] Dos mestres com obras expostas, cinco já vinham atuando de longa data e tiveram suas atividades estimuladas pela nova direção do Instituto Livre de Belas Artes, na pessoa de Tasso Corrêa, que se empenhou pela ampliação e qualificação dos cursos. Estes cinco professores era Ângelo Guido, João Fahrion, José Lutzemberger, Luís Maristany de Trias e Benito Castañeda (BULHÕES; AVANCINI; 2002, p. 19-20)

3 O PROFESSOR

Figura 14 – Fotografia do professor Benito Castañeda com suas alunas em aula de pintura, em novembro de 1951.
Fonte: AHIA

3.1 EM BAGÉ



PÁGINA 8 — Bagé, 20 de julho de 1986

BENITO CASTANHEDA

Em outros tempos, pela carência de professores ,não se exigia título algum, para ensinar.

Se uma pessoa tivesse pendores suficientes e algum conhecimento ou habilidade especial, já bastava para reger cátedra, em escolaa de gráu médio.

De Pedagogia ou Didática nem se cogitava e graves erros eram cometidos, além do autoritarismo de certos professores e das sanções até aviltantes.

Em geral, eram recrutados profissionais liberais, em inicio de carreira (médicos, advogados, dentistas, farmacêuticos, etc) para lecionarem nessas escolas.

Nem mesmo era necessário expressar-se no idioma pátrio, para desempenhar a nobilitante profissão de educador.

Foi assim que apareceu em Bagé e foi aproveitado, o pintor espanhol, natural de CADIZ — BENITO MAZÓN CASTAÑEDA (forma original) — na década de trinta, embora já morasse no Brasil, desde 1919.

CASTANHEDA (na forma aportuguesada) nasceu em 14 de setembro de 1885, na capital da Andaluzia, sendo filho de Benito Mazón y Chalro e D. Rosario Castañeda.

Já cinqüentenário, solteiro, boêmio por natureza, temperamento de artista, de baixa estatura, rosto quadrado, pele encarquilhada, cabelos castanhos escuros e com largas entradas, bigodes aparados e já branqueando, com sua indefectável boina espanhola, gravata borboleta, anel de rubi no anular da mão esquerda, casaco exageradamente longo e com ombreiras caindo, fumando cachimbo, era uma figura ímpar, esse profesosr de desenho. Aliás, hábil desenhista e pintor de méritos, traçava uma circunferência, a mão livre, com grande destreza. imitando Leonardo da Vinci.

Corria o ano de 1939, ano em que começou a II Guerra Mundial, os espíritos andavam angustiados, com mais uma grande guerra, sem prognóstico a curto prazo, de se ter paz.

A juventude vivia esmagada pela falta de perspectivas. Só se falava em morte, destruição, racionamento e "black-out".

Nessa época havia um estudante sem muita inclinação pelo desenho e menos aptidão para as demais matérias e por isso mesmo resolveu constituir CASTANHEDA, como seu professor particular, com o fito encoberto, de garantir a sua aprovação na matéria. Mas o professor não tinha a menor consideração com o seu único aluno particular e o tratava de forma a estarrecer os demais colegas. Quando ia explicar algum detalhe do exercício de desenho, não compreendido, pelo seu discípulo particular, impacientava-se e exclamava:

"Fulano, usted es un burro!"

A turma aproveitava a deixa e fazia algazarra fora do comum.

Ele escolhia determinados meninos para descarregar sua ira, quando lhe fervia nas veias "la sangre de la maragateria".

Ao surpreender alguém conversando, esbravejava:

— "Sicrano, callate, usted es um batatero!"

Mas o professor CASTANHEDA tinha uma outra característica. Trazia sempre consigo, no bolso trazeiro das calças, uma garrafinha chata, com aguardente. Por vezes, quando estava explicando um problema no quadro-negro, sacava do bolso sua garrafinha e a empinava de um golpe, mantendo-se de costa para a turma, como que numa atitude de respeito e de pudor, sem querer afrontar seus alunos, mas num ato de compulsão irreprimível.

BENITO CASTANHEDA depois de uma certa permanência em Bagé, como professor do Colégio N.S. Auxiliadora e do IMBA, seguiu para Porto Alegre, no início da década de quarenta, contratado como restaurador de obras de arte do Museu Júlio de Castilhos e professor da Escola de Belas Artes da URGS. Nesse período teve trabalhos seus premiados em salões de arte da capital do Estado.

Seus ex-alunos bageenses, inúmeras vezes, o encontravam na rua da Praia, e nos bares do centro da cidade, dando expansão a sua alma de boêmio inveterado.

Recentemente, o historiador Tarcisio Taborda, recebeu uma consulta de São Paulo, pela qual um colecionador de artes, proprietário de uma tela de Benito Castanheda, desejava saber se a citada obra retratava uma vista da cidade de Bagé, em que aparecia duas torres de um templo, no que foi confirmada.

E assim, depois de tanto tempo, quase meio século, a memória desse apreciado artista plástico é relembrada, através de um de seus trabalhos.

O único fato a lamentar é que essa obra premiada, não pertença ao acervo de uma das coleções locais. Bem que os nossos "marchands" poderiam tentar obter uma opção de compra do seu atual possuidor, tendo em vista o grande valor sentimental que encerra essa tela.

JOÃO DA SILVA
11.6.86

Figura 15 - SILVA, João. Benito Castanheda. In: *Jornal de Bagé*. 20 de julho de 1986. Fonte: NDP/MARGS

A reportagem do Jornal de Bagé de 1986 traz um depoimento bastante curioso de um ex-aluno do mestre espanhol. Tendo sido publicado 31 anos após o falecimento do professor Benito Castañeda e quase 50 anos após a passagem dele pela cidade de Bagé, mostra como foi significativa sua presença na cidade,

deixando lembranças na memória de todos. Ao comentar sobre a didática – ou talvez falta dela – do professor, que deve ter iniciado sua carreira como professor naquela cidade do interior do RS, Silva descreve como era o sistema de ensino daquele período e afirma que os professores de escola com frequência não possuíam título ou diploma para lecionar nas escolas de primeiro e segundo grau, bastando um conhecimento mais específico do assunto – conhecimentos de arte, no caso de Castañeda. Isso acarretava, por vezes, em situações que hoje seriam consideradas absurdas e dignas de repercussão negativa.

A mesma reportagem traz depoimentos interessantes e que possibilitam a percepção de como era Castañeda em sala de aula, ao menos no início da carreira de docente antes de transferir-se para a capital e lecionar no IBA. Era habilidoso com o desenho e sabia traçar uma circunferência à mão livre com facilidade. Tinha alunos particulares na cidade de Bagé, mas lecionou também na Escola Nossa Senhora Auxiliadora e no IMBA, o Instituto Municipal de Belas Artes da cidade, que existe até hoje.

Algumas passagens do depoimento de Silva são bastante curiosas:

> Trazia consigo, no bolso traseiro das calças, uma garrafinha chata, com aguardente. Por vezes, quando estava explicando um problema no quadro-negro, sacava do bolso sua garrafinha e a empinava de um golpe, mantendo-se de costa para a turma, como que numa atitude de respeito e de pudor, sem querer afrontar seus alunos, mas num ato de compulsão irreprimível (SILVA, 1986, p.8)

Nos dias atuais tal atitude seria não apenas improvável, mas totalmente condenável e também antiética por parte de um professor, fosse ele de escola ou de uma universidade. Imagina-se que aqueles tempos eram outros e talvez o professor gozasse de maior liberdade, o que certamente pode ser considerado um autoritarismo e um erro grave, como comenta Silva no início de seu texto. É difícil medir até que ponto as informações são verdadeiras, sendo esse o único depoimento preservado sobre a postura de Castañeda em sala de aula na década de 1930. Mas é um depoimento interessante e que certamente vem para contrastar com todas as declarações de que ele era um professor bastante ‘dedicado aos seus alunos’, como tantos outros alunos de outros tempos afirmaram.

O aspecto de boêmio, atribuído por outras pessoas que conviveram com ele, é mais uma vez ressaltado através desse testemunho. Castañeda parecia

sofrer de alcoolismo, apesar dessa palavra jamais ter sido utilizada por nenhum de seus estudantes, colegas e amigos, sendo geralmente atribuída ao espanhol a característica de boêmio. Mas a compulsão pela bebida parecia ser bastante real, já que ele costumava beber em sala de aula, fato que é lembrado e descrito por este ex-aluno quase meio século após seu convívio com o professor espanhol.

Por fim, Silva elogia as qualidades do professor Castañeda como artista ao comentar de um quadro que ele pintou da vista da cidade de Bagé – possivelmente o mesmo quadro tão elogiado pelo Deserbargador Sampaio na correspondência de 1939, em que ele comenta cinco telas de Castañeda que haviam sido enviadas à capital para serem expostas no 1º Salão de Belas Artes do IBA – e que nos anos 80 se encontrava na posse de um colecionador particular, lamentando que a Bagé não tenha mais obras do mestre espanhol em suas coleções públicas, uma figura que foi reconhecidamente importante para aquela cidade.

3.2 NO INSTITUTO DE BELAS ARTES

O ILBA, Instituto Livre de Belas Artes foi criado na primeira década do século XX a partir da iniciativa de intelectuais e profissionais liberais interessados em arte. A instauração da escola aconteceu no mesmo momento em que ocorria uma série de mudanças na cidade de Porto Alegre para a modernização da capital. Nesse contexto a figura do médico Olinto de Oliveira foi de fundamental importância, pois ele foi um grande fomentador da cultura artística e um dos grandes responsáveis pela criação do ILBA-RS. A Escola surgiu, por sua vez, no ano de 1910, funcionando desde o ano de sua criação até 1936 e sendo dirigida pela figura de Libindo Ferrás. A escola tinha um direcionamento bastante acadêmico, como comenta a pesquisadora Neiva Bohns:

> A Escola tinha seu currículo inteiramente baseado no da Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro. O método de ensino, como era normal naquela época, em instituições similares, fundamentava-se na reprodução de modelos em gesso importados da Europa, e os estudantes eram instruídos a seguir rigorosamente as técnicas e o ensino de seus professores. No início, havia apenas cursos de desenho, pintura e artes industriais e os primeiros professores não permaneceram muito tempo na escola. Libindo Ferrás, foi durante muito tempo, o principal professor da escola, ministrando cursos de perspectiva e sombra, desenho geométrico e anatomia. Como na época

> havia um número muito reduzido de artistas capazes de ensinar, os professores precisavam vir da Europa e do Rio de Janeiro (BONHS, 2005, p. 131).

Esse era o modelo de ensino do ILBA, que perdurou por anos após a sua criação. A figura de Augusto Luiz de Freitas foi, no entanto, renovadora para o ensino do ILBA, pois o professor promoveu diversas transformações no ensino de artes da escola, incluindo aulas de modelo vivo e também o abandono do método de ensino baseado em reproduções. A atuação do professor pode ser comparada à atuação de Manoel de Araújo Porto-Alegre na EBA algumas décadas antes, e da mesma maneira que Porto-Alegre enfrentou críticas e desagradou seus colegas mais conservadores, Luiz de Freitas também se indispôs com o então diretor da escola Libindo Ferrás, sendo afastado do cargo em 1919: "Isso demonstra que a escola de artes sofria com intrincados problemas políticos e administrativos, e que a rejeição das medidas modernizantes estava ligada ao perigo de desintegração da instituição" (BOHNS, 2005, p. 132).

Ainda sobre a atuação dos artistas como professores do ILBA, e depois do IBA, Bonhs afirma: "A atuação como professor na Escola de Belas Artes foi a melhor solução de sobrevivência encontrada por muitos artistas, já que não podiam depender exclusivamente da comercialização de suas obras" (BONHS, 2005, p.133). É nesse contexto que anos mais tarde, em 1941, Benito Castañeda ingressou no Instituto de Belas Artes, a convite do então Diretor Tasso Corrêa. Desde 1935 já tinha contatos na cidade de Porto Alegre, como o também espanhol Fernando Corona, cujo apoio foi imprescindível para sua efetivação como professor de pintura de paisagem e desenho no IBA.

Tasso Corrêa foi nomeado diretor do IBA em 17 de abril de 1936. Foi ele quem criou o Curso de Artes Plásticas (CAP), que substituiu a Escola de Artes (EA) ainda em 1936[22]. Sob seu comando formou-se um grupo de professores-artistas que formaram uma geração de estudantes e que promoveram mudanças no ensino de arte gaúcho, que apesar de ainda ser bastante acadêmico lutava, mesmo que lentamente, para modernizar-se. Faziam parte desse grupo, além de

[22] "A constituição do grupo de docentes do Curso de Artes Plásticas , sob o controle direto de Tasso, foi lenta e com grandes contratempos. Libindo Ferrás atuou pela última vez no Instituto, durante o ano de 1937, lecionando as suas disciplinas e agora como simples docente, aposentando-se no final desse ano. Os atos oficiais do contrato do silencioso João Fahrion ainda são bastante vagos, sabendo-se de concreto que ele ocupou o cargo e as disciplinas escolares de Francis Pelichek, falecido em 01.08.1937" (SIMON, 2002, p.317)

Benito Castañeda: Ângelo Guido (ingressou em 1936), João Fahrion (ingressou em 1937), Fernando Corona (ingressou em 1938), Luís Maristany de Trias (ingressou em 1938), José Lutzenberger (ingressou em 1938), Cristina Balbão (ingressou em 1944) e Alice Soares (ingressou em 1945).

Figura 16 - Equipe de professores sob o comando do Diretor Tasso Corrêa. À esquerda estão Fernando Corona (1) e Benito Castañeda (2). s.d.
Fonte: AHIA

Figura 17 - FAHRION, João (1898-1970). *Os construtores*, sem data (década de 1940). Grafite e Nanquim sobre papel, 36,5 x 44 cm. À esquerda (de boina) está o professor Benito Castañeda, junto a seus colegas.
Fonte: Catálogo da PBSA

Sobre este grupo de professores comandados pelo Diretor Tasso Corrêa, Círio Simon afirma:

> Os seus docentes eram, na época, os artistas plásticos locais mais qualificados e respeitados e que contribuíram para que o Instituto tivesse, no final da década de 1950, um apogeu no sistema de Artes Plásticas local . Esses agentes artistas participavam do mercado de arte, abastecendo-o com suas produções e, no espaço externo, eram membros de associações que questionavam, algumas vezes, as práticas do seu próprio Instituto. Aceitavam essas aparentes contradições, para se fazerem presentes em iniciativas de implementação de sociedades culturais especializadas, fundar outras escolas, museus e criar condições para desencadear um sistema de artes no Rio Grande do Sul em reproduzir um projeto civilizatório no qual estavam empenhados como agentes da arte (SIMON, 2002, p. 337).

O Curso de Artes Plásticas (CAP) era composto de oito semestres (quatro anos) e tinha como estrutura[23]:

Ano	Disciplina	Docentes
1°	1- Geometria Descritiva 2- Arquitetura analítica (1ª parte) 3- Anatomia (1ª parte) **4- Desenho do modelo-vivo** **5- Desenho** 6- Modelagem	José Lutzenberger e Ney Chrysóstomo da Costa Ernani Dias Corrêa Luiz Maristany Trias e Tasso Daut Corrêa **Benito Mazon Castañeda** e Alice Soares **Benito Mazon Castañeda** e Cristina Balbão Fernando Corona
2°	1- Perspectiva e sombras 2- Arquitetura analítica 3- Anatomia (2ª parte) 4- Desenho de Modelo Vivo 5- Modelagem (2ª parte) **6- Pintura ou Escultura ou Gravura** (conforme a seção)	José Lutzenberger e Luis Fernando Corona Ernani Dias Corrêa Luiz Maristany Trias e Dr. Tasso Corrêa (filho) Alice Soares Fernando Corona **Benito Mazon Castañeda**, Aldo Malagoli e Fernando Corona
3°	1- História da Arte (1ª parte) 2- Arte Decorativa (1ª parte) 3- Desenho de Modelo Vivo 4- Pintura ou Escultura ou Gravura (conforme a seção)	Ângelo Guido e Carlos Antônio Mancuso José Lutzenberger e Aldo Locatelli João Fahrion e Alice Soares Ado Malagoli, Fernando Corona,
4º	1- História da Arte (2ª parte) 2- Arte decorativa (2ª parte) 3- Desenho do Modelo vivo 4- Pintura ou Escultura ou Gravura (conforme a seção)	Ângelo Guido, Carlos Antônio Mancuso José Lutzenberger e Aldo Locatelli João Fahrion Ado Malagoli e Fernando Corona,

Castañeda lecionava para os dois primeiros anos do curso e era responsável pelas disciplinas de desenho, desenho de modelo-vivo e pintura de

[23] Quadro de Disciplinas e docentes do Curso Superior de Artes Plásticas do IBA-RS, extraído da tese de doutorado "Origens do Instituto de Artes da UFRGS" de 2002, de Círio Simon.

paisagem. De acordo com Círio Simon, o antigo currículo da Escola de Artes do Instituto Livre de Belas Artes (EA-ILBA-RS) gravitava ao redor das noções e práticas da disciplina de desenho, de acordo com os moldes acadêmicos da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Com a implantação do CAP, o currículo passou por modificações que ampliaram as áreas de ensino, abarcando áreas como Arquitetura e História da Arte.

Sobre as contratações dos docentes, Simon afirma que:

> Tasso Corrêa decidia quem e como devia ser contratado como docente, modificando os fins e os objetivos do CAP, como é visível na instalação do currículo e na contratação dos novos docentes. Isso acontecia mesmo à revelia da academia como na contratação de Fernando Corona para catedrático. Ao contrariar as normas que a instituição e o Estado lhe impunham, o seu objetivo era dar uma resposta ao meio cultural local e nacional. As aulas da instituição não deveriam morrer entre as quatro paredes de uma sala de aula, como na época da EA. Investiu nos cursos de Artes Plásticas, Arquitetura e Gravura e que eram praticadas e divulgadas como instrumentos de ascensão cultural, social e política dos seus artistas, além de gerar condições para que pudessem preparar para uma profissão. Se antes o aluno da EA buscava o curso para aperfeiçoamento pessoal, numa atitude passiva, agora o CAP evoluía em direção de um curso profissional, respondendo ativamente às reais necessidades de uma vida urbana e à circulação da arte (SIMON, 2002, p. 342).

Figura 18 – Fotografia dos professores do IBA reunidos com a primeira turma de arquitetos no Salão de Festas no oitavo andar da instituição, entre eles o professor Benito Castañeda (25), em março de 1947. Fonte: AHIA

3.2.1 Alunos

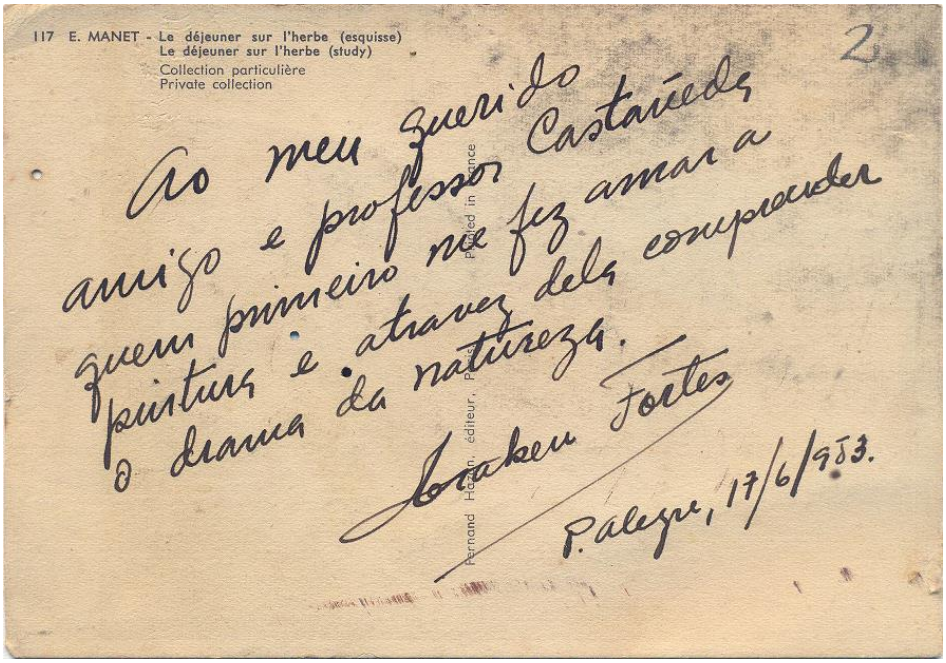


Figura 19 - Correspondência enviada a Benito Castañeda por um de seus alunos em 1953.
Fonte: AHIA

Castañeda lecionou no IBA por cerca de 14 anos, desde sua efetivação em 1941 até o ano de seu falecimento em 1955. Durante esse longo período participou na formação de diversos estudantes de artes plásticas. Alguns destes alunos tiveram carreira de sucesso como artistas plásticos – Ernesto Frederico Scheffel, Zoravia Bettiol[24], Regina Silveira[25], Joaquim da Fonseca, Plínio Bernhardt.

[24] Em depoimento informal através de e-mail, Zorávia afirmou que apesar de ter convivido com Benito Castañeda nos corredores do IBA não foi aluna dele. Seu nome apareceu, entretanto, na folha de chamada da caderneta de aula referente à disciplina de Desenho do primeiro ano do CAP, no ano de 1952. Benito Castañeda era o professor que ministrava a cadeira e Alice Soares era a professora assistente.

[25] Assim como Zoravia Bettiol, Regina Silveira não se recorda de ter sido aluna de Castañeda, conforme depoimento informal através de telefone no ano de 2014. Seu nome consta na folha de chamada da caderneta de aula referente à cadeira de Desenho do primeiro ano do CAP, no ano de 1954.

INSTITUTO DE BELAS ARTES
DO RIO GRANDE DO SUL

CADERNETA DE FREQÜÊNCIA
E MATÉRIA LECIONADA

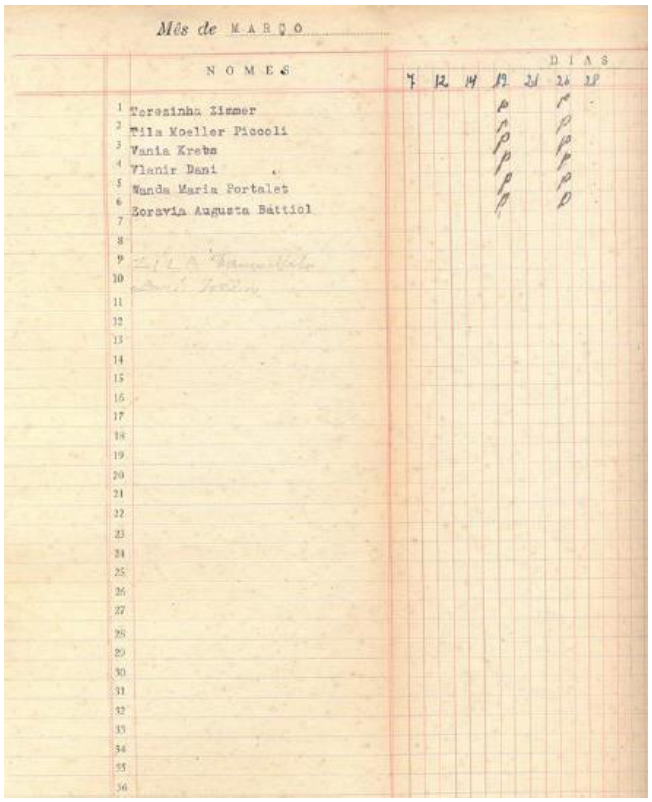
CURSO: ARTES PLÁSTICAS

CADEIRA: DESENHO

PROFESSOR: BENITO MAZÓN CASTAÑEDA
Assistentes: Alice Ardonain Soares

1ª SÉRIE

ANO LETIVO DE 1952


Mês de MARÇO

	NOMES	DIAS
1	Terezinha Zimmer	P
2	Tila Koeller Piccoli	P
3	Vania Krebs	P
4	Vlanir Dani	P
5	Wanda Maria Portalet	P
6	Zoravia Augusta Báttiol	P

Figura 20 e 21 - Caderneta de Frequência referente à cadeira de Desenho de 1952. Fonte: AHIA

Diferentemente do depoimento referente ao professor Benito Castañeda em Bagé, no período em que lecionou no IBA parece ter cultivado muitas amizades entre seus estudantes e também colegas e era diversas vezes referido como um professor “dedicado aos seus alunos”:

> [...] Em assiduidade e devotamento ao ensino, nenhum professor do Instituto de Belas Artes lhe levava a palma. Ainda mais: possuía aquela divina centelha que atrai, ampara e estimula o aluno, qualidade muito mais rara do que se imagina. Além do enorme círculo de suas relações entre artistas e fora do ambiente artístico, cada aluno seu era um amigo incondicional. Amigo e admirador fervoroso. Sentimentos que despertava menos por sua palheta, talvez não muito limpa. Mas principalmente por suas qualidades humanas. Pudera não: o boêmio é justamente o homem mais cordial e mais compreensivo do mundo. [...] Que saibamos, foi o único professor do Instituto de Belas Artes que recebia uma consagração no dia de seu aniversário: os alunos se quotizavam e lhe ofereciam um presente. Retribuía proporcionando-lhes um dia de pintura e alegria nas Três Figueiras, por exemplo. E era de ver-se o orgulho e felicidade do mestre, narrando com um sorriso de olhos embaçados pela emoção: – Veja, esta é minha família! (KREBS, 1955)

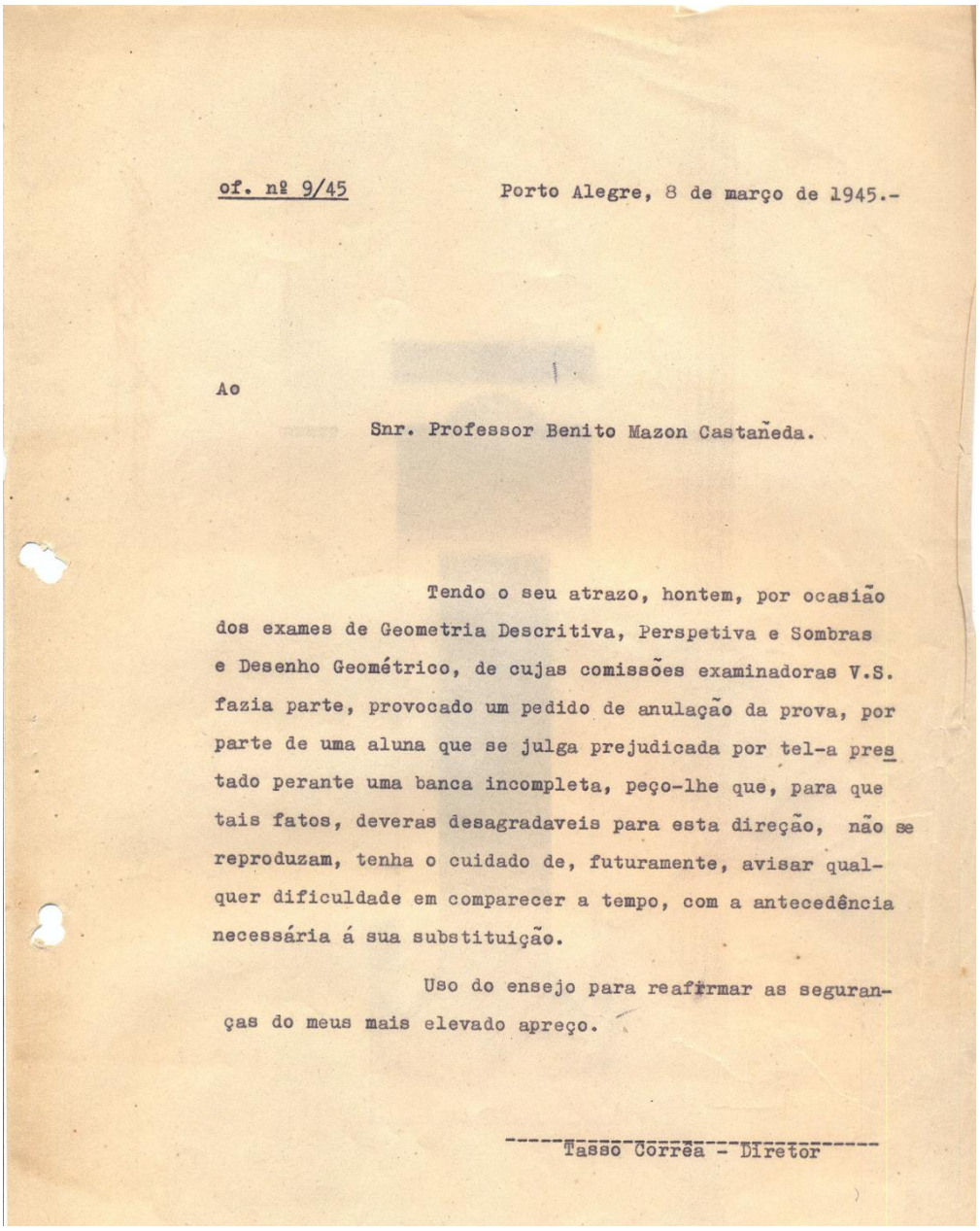
Esse depoimento, embora possivelmente mais emotivo justamente pelo saudosismo de uma perda ainda recente, tendo-se em vista que foi escrito pouco após a morte do professor, demonstra o carinho que Carlos Galvão Krebs tinha pelo professor espanhol. Benito Castañeda era uma figura simpática e carismática e foi com estas qualidades de conquistou a estima de muitos de seus estudantes.

Ernesto Scheffel[26] foi aluno de Castañeda logo no início de seu ingresso no IBA, na década de 1940. Em seu livro autobiográfico, o artista plástico comentou um encontro com o professor Benito Castañeda, que compareceu a uma das primeiras exposições de Scheffel quando ele ainda era estudante do IBA:

> Nas minhas primeiras exposições, eu não anunciava nem procurava nenhum jornal para divulgação, mas acreditava que devesse estar à disposição dos visitantes enquanto as mostras estivessem em curso. Assim, ao fim da tarde do último dia, compareceu o meu estimado professor de 'Paisagem', Benito Castañeda. Caminhamos ao longo da rua da Praia, subimos a rua da Ladeira – atual General Câmara – e nos acomodamos em um bar, com mesinhas de ferro, para beber um guaraná. Castañeda louvou-me tanto quanto lhe foi possível louvar alguém, considerando a minha pouca idade e capacidade artística. Apesar de toda a gentileza, eu estava profundamente triste, tanto comigo quanto com o que havia realizado até o momento. Eu tinha suficiente autocrítica para compreender o quanto me faltava em relação à qualidade pictórica. Castañeda também estava em crise. Confessou-me não haver trabalhado com seriedade e que esbanjara a sua vida em aventuras sem valor. Apesar de seus problemas no Instituto de Belas Artes era um professor de fino trato, talvez o mais amado dentre todos. Um clima de serenidade voltou ao recordarmos os belos anos vividos em Porto Alegre, com as aulas de pintura (SCHEFFEL, 2013, p. 37)

Este depoimento é valioso, pois comprova algumas coisas pertinentes a respeito do professor espanhol. Em primeiro lugar, a estima que seus alunos tinham por ele, colocada claramente por Scheffel quando ele diz acreditar que Castañeda era talvez o professor mais amado dentre todos do IBA. Mas o depoimento é importante, sobretudo, por elucidar a autocrítica do professor espanhol ao final de sua vida – ele tinha consciência de que havia produzido pouco e parecia arrependido disso, afirmando não ter trabalhado com seriedade, referindo-se à sua carreira como artista. Por fim, existe a dúvida sobre o que Scheffel quis dizer quando afirma "apesar de seus problemas no Instituto de Belas Artes" – teria Benito Castañeda se indisposto com algum colega ou mesmo estudante dentro do IBA? Acredita-se que a declaração refere-se mais a questões mais genéricas a respeito do professor – por exemplo, um comunicado emitido pelo Diretor Tasso Corrêa em 1945:

[26] Para a realização desta monografia estava programada uma entrevista com Ernesto Scheffel, que não ocorreu por motivos de saúde, já que o artista adoeceu e veio a falecer em julho de 2015.



of. nº 9/45 Porto Alegre, 8 de março de 1945.-

Ao

Snr. Professor Benito Mazon Castañeda.

Tendo o seu atrazo, hontem, por ocasião dos exames de Geometria Descritiva, Perspetiva e Sombras e Desenho Geométrico, de cujas comissões examinadoras V.S. fazia parte, provocado um pedido de anulação da prova, por parte de uma aluna que se julga prejudicada por tel-a prestado perante uma banca incompleta, peço-lhe que, para que tais fatos, deveras desagradaveis para esta direção, não se reproduzam, tenha o cuidado de, futuramente, avisar qualquer dificuldade em comparecer a tempo, com a antecedência necessária á sua substituição.

Uso do ensejo para reafirmar as seguranças do meus mais elevado apreço.

Tasso Corrêa - Diretor

Figura 22 - Ofício emitido pelo Diretor do IBA a respeito de um atraso do Professor Castañeda para um exame em 1945. Fonte: AHIA

3.2.2 A viagem às Missões

Foi uma viagem de estudos realizada pelo IBA em conjunto com seu centro acadêmico, o CATC, de 6 a 18 de julho de 1947 e contou com a participação de professores e estudantes. Dela resultou o relatório *Viagem aos Sete Povos das Missões*, publicado pelo CATC, além de uma exposição com os trabalhos – telas, desenhos e fotografias – dos alunos e dos professores nos

espaços do IBA. Em 10 de agosto de 1947 foi publicada no jornal Correio do Povo uma reportagem que comentava a exposição:

DOMINGO, 10 DE AGOSTO DE 1947 "CORREIO DO POVO"

MODERNOS MÉTODOS PEDAGÓGICOS

Pôrto Alegre, 10/agosto/1947

VISITA À REGIÃO DOS SETE POVOS DAS MISSÕES

UTILIZAÇÃO IMEDIATA DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS EM SALAS DE AULAS — OS BENÉFICOS RESULTADOS DA EXCURSÃO DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO DE BELAS ARTES — VINTE TELAS, 300 FOTOGRAFIAS DOCUMENTATIVAS E DESENHOS — UMA EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS NO DECORRER DA VIAGEM

Figura 23 - Visita à Região dos Sete Povos das Missões, publicado no Correio do Povo em agosto de 1947. Fonte: Blog de Círio Simon

A publicação do CACT consistia de um relatório da viagem escrito por Carlos Galvão Krebs[27], além de fotos das telas produzidas durante a excursão e de fotos da exposição resultante.

A viagem foi coordenada e organizada por Benito Castañeda, na época professor de pintura no IBA, e pelo estudante de arquitetura e presidente do CATC, Emílio Ripoll. Também integravam o grupo de viagem: Dorotéa Pinto da Silva, com especialização em escultura, e Alice Bruegmann, Hilda Gráu, Suelí Fett, Lígia Fett e Plínio C. Benhardt, todos com especialização em pintura. Também participaram os estudantes de artes plásticas Cecília Hoff, Lígia Dariano, Luiz Florêncio Braga, Paulo R. Pitta Pinheiro e Carlos Galvão Krebs, além dos

[27] Carlos Galvão Krebs era na época Bacharel em História e Geografia, e estudante do Curso de Artes Plásticas do IBA. Mais tarde construiu uma carreira sólida no jornalismo e escreveu reportagem sobre Benito Castañeda no ano da morte de seu professor.

estudantes da Faculdade de Arquitetura Emílio Ripoll e Roberto Bins, entre outros participantes[28].

Figura 24 – Fotografia do grupo que participou da excursão. À esquerda está o professor Benito Castañeda, que chefiava a viagem. Fonte: Blog de Círio Simon

Consistindo de visitas às ruínas de São Miguel, São Luiz Gonzaga, Santo Angelo e São Borja, além de museus locais com peças da estatuária, cantaria e fundição do ciclo missioneiro, o grupo pode realizar desenhos e pinturas ao ar livre e colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Em relato, Krebs escreve:

> Depois do almoço se armaram os cavaletes. Foi interessantíssimo apreciar o espetáculo. O descampado fronteiro ao templo, outrora praça principal do povo, estava agora pontilhado pelos cavaletes do Professor Castañeda e de Plínio Bernhardt, colorido aqui e ali pelos vestidos de Alice Bruegmann, Hilda Gráu e Suelí e Ligia Fett, que se rodilhavam com a caixa de pintura ao colo. [...] Dorotéa ofereceu cenas imprevistas. [...] Sem ter levado material para pintura, a instâncias do Professor Castañeda que cedeu uma tela, desenhou a perspectiva do templo. (KREBS, p.9-10, 1947)

Para os alunos aquela foi uma experiência única, pois deu a todos a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos dentro de sala de aula. Sabe-se que naquela época já eram realizadas aulas de pintura ao ar livre[29], mas ainda assim, a experiência de ver e pintar ao vivo as ruínas das Missões é descrita por

[28] Aqui foram citados apenas os nomes mais relevantes para o fim desta pesquisa e também aqueles que aparecem citados no relatório de viagem de Carlos Galvão Krebs, mas sabe-se que a excursão contou com a presença até mesmo de pessoas de fora do IBA, como familiares de professores.

[29] Benito Castañeda era um dos professores que realizava aulas de pintura e desenhos ao ar livre, conforme está registrado em fotografia.

Krebs em seu relato de viagem com grande entusiasmo por sua parte e por parte de seus colegas. Muitas das telas pintadas por Benito Castañeda nessa viagem podem ser vistas hoje no acervo da PBSA.

Ao visitarem a Igreja Matriz de Santo Ângelo, o grupo deixou registrado no livro de visitas a seguinte mensagem:

> Nos dias 8, 9 e 10 de julho de 1947 aqui esteve, observou, desenhou e pintou os restos arqueológicos de São Miguel, um grupo de alunos do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, chefiado pelo pintor Professor Benito Castañeda e pelo Presidente do Centro Acadêmico Tasso Corrêa, daquele estabelecimento de ensino artístico. Os componentes da caravana pertenciam aos cursos Artes Plásticas e Arquitetura.
> Ao documentá-lo neste livro, desejamos também dizer de nossa profunda emoção diante da obra construída pelo trabalho e pela cultura dos padres jesuítas apoiados na mão de obra indígena.
> A João Batista Primoli, o arquiteto, e a José Brasaneli, o escultor magnífico, nos reportamos reverentes. Possamos nós apanhar em nossas telas uma pequena centelha da beleza rude e delicada, esplêndida e ingênua, que envolve todas estas obras de arte! (KREBS, 1947, p.11)

A viagem sofreu alterações em seu roteiro, de acordo com Krebs, mas através da boa vontade de figuras locais da região das Missões e dos organizadores da viagem, principalmente de Castañeda, foi possível encontrar soluções rápidas e que permitiram o seguimento da excursão. Assim, havia uma visita programada para a *Escuela Normal Profesor Victor Mercantes,* localizada na cidade de Santo Tomé, na Argentina. Ali se planejava fazer uma exposição dos trabalhos realizados durante a viagem, o que não ocorreu pelo cancelamento da visita à escola, que estava em recesso:

> [...] Pretendia a equipe realizar a exposição oficial dos trabalhos realizados no decurso da viagem e uma conferência sobre a civilização jesuítica na América do Sul, intitulada “Tradições Missioneiras”, a cargo de Carlos G. Krebs. Tal intenção pretendia retribuir a remessa ao Instituto de Belas Artes, no início do corrente ano letivo, de numerosos trabalhos das escolas de belas artes da República Argentina, que foram objeto de concorrida exposição em nosso estabelecimento de ensino, por iniciativa do Centro Acadêmico.
> Este objetivo infelizmente não pode ser efetivado. Enquanto a caravana permanecia no porto, o Professor Castañeda verificou, em contato com o Intendente de Santo Tomé, que havia sido solicitada a transferência da visita, do dia 12 para o dia 20. [...] Em vista disto e crendo cumprido o compromisso, voltou-se para o Brasil sem mesmo visitar a cidade. [...] Novamente em São Borja, foi possível atender ao convite gentil do Sr. Prefeito, comparecendo a equipe aos dois bailes efetuados por ocasião da posse de Diretoria do Aero Club local. [...] Foi durante um dos bailes que a chefia acordou com o Sr. Prefeito a permanência da caravana em São Borja até o dia 16. [...] E assim foi feito: realizou-se em São Borja o que se previra para Santo Tomé (KREBS, 1947, p. 12-13).

A exposição ocorreu cerca de um mês após o término da viagem, e foram escolhidos os corredores do IBA e os espaços do CATC para abrigar os trabalhos. Foram exibidas 21 telas, e alguns dos desenhos e fotografias selecionados e que foram produzidos durante a excursão.

Figura 25 e 26 – Fotografias da exposição realizada no IBA em 1947. Fonte: Blog de Círio Simon

Figura 27 – Fotografia do professor Benito Castañeda realizando trabalhos de pintura durante a viagem às Missões. Fonte: Blog de Círio Simon

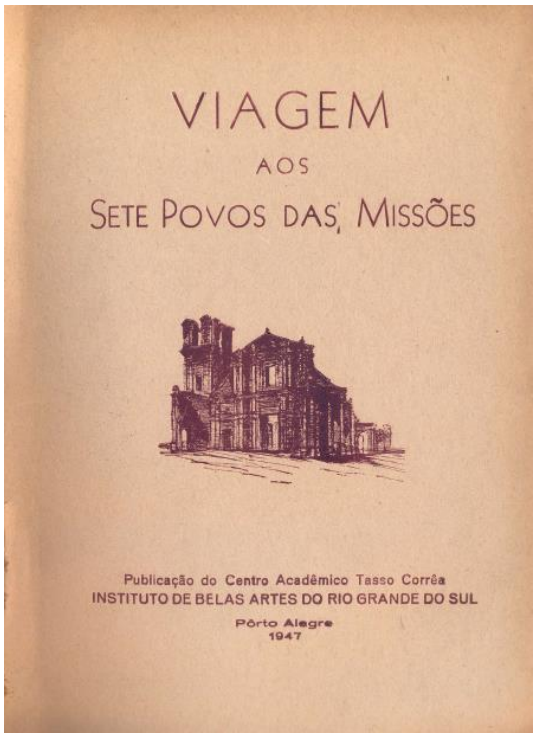
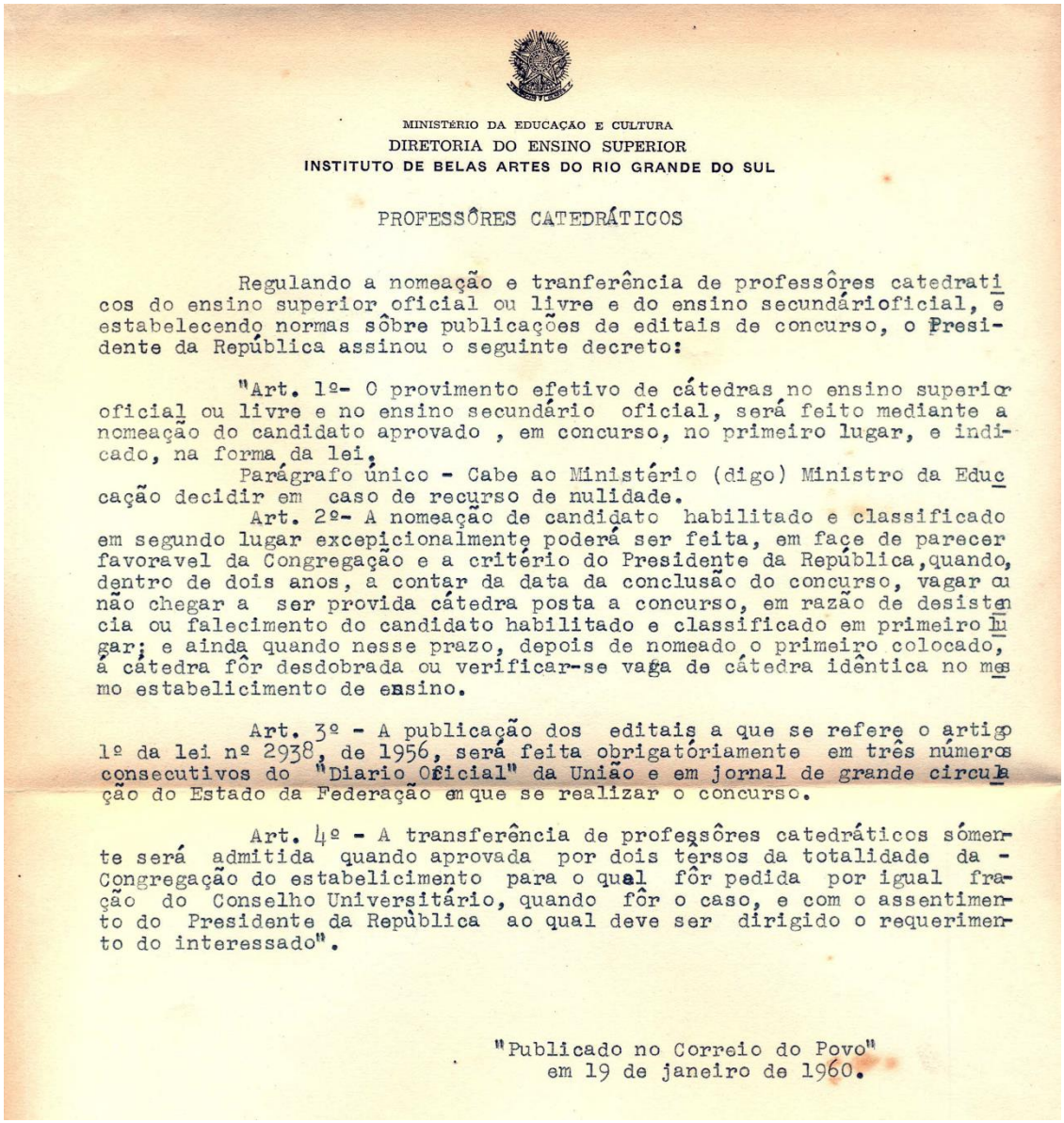


Figura 28 - Capa do Relatório de Viagem, publicado em 1947 pelo CATC. Fonte: AHIA

3.2.3 O professor catedrático



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SUPERIOR
INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL

PROFESSÔRES CATEDRÁTICOS

Regulando a nomeação e tranferência de professôres catedraticos do ensino superior oficial ou livre e do ensino secundárioficial, e estabelecendo normas sôbre publicações de editais de concurso, o Presidente da República assinou o seguinte decreto:

"Art. 1º- O provimento efetivo de cátedras no ensino superior oficial ou livre e no ensino secundário oficial, será feito mediante a nomeação do candidato aprovado , em concurso, no primeiro lugar, e indicado, na forma da lei.

Parágrafo único - Cabe ao Ministério (digo) Ministro da Educação decidir em caso de recurso de nulidade.

Art. 2º- A nomeação de candidato habilitado e classificado em segundo lugar excepcionalmente poderá ser feita, em face de parecer favoravel da Congregação e a critério do Presidente da República,quando, dentro de dois anos, a contar da data da conclusão do concurso, vagar ou não chegar a ser provida cátedra posta a concurso, em razão de desistencia ou falecimento do candidato habilitado e classificado em primeiro lugar; e ainda quando nesse prazo, depois de nomeado o primeiro colocado, á cátedra fôr desdobrada ou verificar-se vaga de cátedra idêntica no mesmo estabelicimento de ensino.

Art. 3º - A publicação dos editais a que se refere o artigo 1º da lei nº 2938, de 1956, será feita obrigatóriamente em três números consecutivos do "Diario Oficial" da União e em jornal de grande circulação do Estado da Federação em que se realizar o concurso.

Art. 4º - A transferência de professôres catedráticos sómente será admitida quando aprovada por dois tersos da totalidade da Congregação do estabelicimento para o qual fôr pedida por igual fração do Conselho Universitário, quando fôr o caso, e com o assentimento do Presidente da Repùblica ao qual deve ser dirigido o requerimento do interessado".

"Publicado no Correio do Povo"
em 19 de janeiro de 1960.

Figura 29 - Regulamentação para o concurso de professores catedráticos, publicado em janeiro de 1960.
Fonte: AHIA

O Sistema de Cátedras, de origem francesa, passou a vigorar no ensino brasileiro de maneira geral na década de 1930[30] e vigorou até a "Reforma de

[30] "[...] Em 1931, é aprovada a Reforma do Ensino Superior, também conhecida como Reforma Francisco Campos, cujo projeto compreende três partes: uma geral, denominada Estatuto das Universidades Brasileiras; outra contendo a reorganização da Universidade do Rio de Janeiro, e a terceira, em que se cria o Conselho Nacional de Educação. Em relação à cátedra, o Estatuto ratifica o professor catedrático como primeiro na hierarquia do corpo docente e coloca em termos de exigência para o provimento no cargo o

Ensino Superior do Brasil"[31], de 1968, quando passou a existir nas universidades brasileiras o sistema de Departamentos, de origem norte-americana e vigente até hoje. O sistema catedrático impõe uma hierarquia e apenas um professor comandava a cadeira (por vezes com o auxílio de um professor assistente), geralmente até a sua aposentadoria.

O regime de cátedras teve como base as primeiras cadeiras de Anatomia e Cirurgia no século XIX, nomeadas por D. João VI. Maria de Albuquerque Fávero, pesquisadora do sistema de cátedras, acredita que em 1827, com a Carta de Lei, que instaurou os primeiros cursos jurídicos no Brasil, já existia a propriedade de cátedra para o ensino publico, conjecturando a vitaliciedade dos professores a serem nomeados pelo governo após prestarem concurso ou prova para exercer o cargo:

> A autonomia dos professores catedráticos em relação à instituição que pertencem e ao próprio estado sempre esteve presente, desde o Império. Ser catedrático significava antes de tudo ser um funcionário vitalício que permaneceria em um cargo definitivamente, além de exercer poder pedagógico sobre a cadeira da qual fazia parte. A Reforma Francisco Campos de 1931, define e reitera novas demandas ao professor catedrático, como por exemplo, ratificando que ele deveria continuar sendo considerado o "primeiro na hierarquia do corpo docente" (FÁVERO). Além disso, permitia que candidatos à provimento de cátedra pudessem ingressar nas instituições sem concurso no caso do mesmo ter inventado ou descoberto algo de alta relevância ou publicado obra de valor doutrinário. Todavia, essa indicação deveria partir de um professor catedrático da instituição e seria avaliada por uma comissão. A partir dessa reforma educacional e da Constituição de 1934, o catedrático adquire além da vitalicidade de cargo, o caráter de inamovibilidade, ou seja, garantia a impossibilidade de ser removido sem que o desejasse (TEIXEIRA; TAMBARA; 2013, p.56).

---

concurso público de títulos e provas. [...] A reforma dispõe ainda que a primeira nomeação do catedrático, após homologação pela congregação do concurso, era válida por dez anos. A seu término, o Estatuto admitia que se o professor se candidatasse novamente ao cargo, proceder-se-ia apenas um concurso de títulos, ao qual somente poderiam concorrer professores catedráticos e livres docentes, da mesma disciplina ou de disciplinas afins, tendo no mínimo cinco anos de exercício do magistério. Uma vez reconduzido, o professor catedrático passava a gozar das garantias de vitaliciedade e inamovibilidade, vantagens que somente perderia por abandono do cargo ou em virtude de sentença judiciária. Após trinta anos de magistério ou quando atingisse sessenta e cinco anos, o professor catedrático poderia ser aposentado. Quanto aos demais professores, auxiliares dos catedráticos, fossem eles "chefes de clínica", "chefes de laboratórios", "assistentes" ou "auxiliares de ensino" deveriam ser de confiança do respectivo catedrático, por ele escolhido e cuja permanência no cargo, dele, quase sempre dependia" (FÁVERO, p. 2-3, 2001)

[31] A "Reforma do Ensino Superior do Brasil" ocorreu através da Lei Federal Lei Federal n.º 5.540, de 28/11/1968, que diz o seguinte: Artigo n° 32:

§2º Nos departamentos, poderá haver mais de um professor em cada nível de carreira.

§3º Fica extinta a cátedra ou cadeira na organização do ensino superior do País.

Após essa reforma foi estabelecida uma equivalência entre os Cargos e Funções dos Docentes do Sistema de Cátedra e do Sistema de Departamentos.

Benito Castañeda foi designado pelo Diretor Tasso Corrêa para exercer o cargo de professor catedrático do IBA em 8 de dezembro de 1950, para as cadeiras de desenho do curso de Pintura e Escultura. Mesmo já fazendo parte do corpo docente do IBA desde 1941, o título conferiu maior importância ao professor, além de maior estabilidade dentro da instituição.

Regimento

O regimento[32] era bastante rigoroso e seguia o modelo da Escola Nacional de Belas Artes, conforme o Art. Nº7:

No Curso de Pintura serão lecionadas, por professores catedráticos, as seguintes disciplinas:

1. Desenho Artístico (1ª cadeira)

2. Desenho Artístico (2ª cadeira)

3. Modelagem

4. Geometria Descritiva

5. Arquitetura Analítica

6. Perspectiva, Sombras e Estereotomia

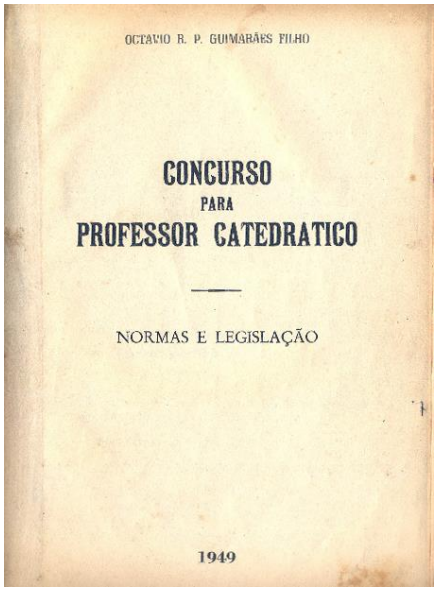
7. Anatomia e Fisiologia Artísticas

8. Desenho de Modelo-vivo

9. Desenho de Croquis

10. História da Arte-Estética

11. Pintura (1ª cadeira)


OCTAVIO R. P. GUIMARÃES FILHO

CONCURSO
PARA
PROFESSOR CATEDRATICO

NORMAS E LEGISLAÇÃO

1949

Figura 30 - Normas e Legislação do Concurso para Professor Catedrático, 1949.
Fonte: AHIA

[32] Todas as informações foram extraídas e consultadas a partir de uma cópia do regimento para o concurso de professores catedráticos, preservada no AHIA. Foi reproduzida apenas uma parte dos artigos, que interessa ao propósito deste trabalho.

12. Pintura (2 cadeira)

13. Composição Decorativa

14. Teoria, Conservação e Restauração de Pintura

Art. 120. A seleção de Professor Catedrático se fará, atendendo-se no mais alto grau, não só a cultura geral especializada, e, em particular as aptidões artísticas, como também a capacidade didática.

O professor Catedrático é destinado a exercer, pela sua capacidade artística, pelo seu valor moral, e exato cumprimento do dever, uma real e considerável influência no aperfeiçoamento técnico e estético da Nação.

Art. 121 O provimento no cargo de professor catedrático será feito por concurso de títulos e provas.

1º Podem candidatar-se ao concurso para professor catedrático:

a) Os professores adjuntos;

b) Os docentes-livres

c) Os professores de outras escolas

d) Pessoas de notório saber, a juízo da congregação.

[...]

Art. 124. Para inscrição no concurso de professores catedráticos, o candidato deverá apresentar no ato da inscrição:

a) Prova de ser brasileiro;

b) Prova de identidade;

c) Prova de idoneidade;

d) Prova de sanidade;

e) Prova de quitação com o serviço militar;

f) Cinquenta exemplares da tese, entregues à Secretaria, mediante recibo;

g) Diploma ou certificado da Escola Nacional de Belas Artes ou de outro Instituto congênere;

[...]

Art. 126. O concurso de provas se destina a verificar o conhecimento geral e especializado, técnico e estético, bem como sua capacidade didática.

Art. 127. O concurso de Provas terá duas modalidades, conforme a natureza das disciplinas:

1º. Para as cadeiras teórico-práticas;

2º. Para as cadeiras práticas e prático-especiais;

Art. 128. O concurso de Provas para provimento das cadeiras teórico-práticas constará de:

1.º Defesa de tese;

2.º Prova escrita;

3.º Prova prática;

4.º Prova didática;

[...]

Art. 130. A tese a que se referem os artigos anteriores versará sobre parte, ou partes, essenciais da disciplina, de maneira que se possa, por ela avaliar dos conhecimentos gerais do candidato e de seu conceito pessoal no tocante à especialização no campo da mesma disciplina. Na prova de defesa de tese cada examinador poderá arguir o candidato sobre a tese durante quinze minutos, para verificar a sua aptidão individual no julgamento das questões por ele expressas e defendidas na referida tese, assegurando ao candidato quinze minutos para a sua defesa.

Estas normas foram publicadas no ano de 1949 e adotadas pelo IBA para a realização dos concursos para professores catedráticos. Benito Castañeda já era professor do IBA desde 1941, mas passou a ocupar o posto de professor catedrático apenas em 1950. Assim, pode-se deduzir que Castañeda passou por esse processo e realizou todos os procedimentos necessários para sua aprovação no concurso, incluindo a apresentação de sua tese de cátedra. Entretanto, a tese de cátedra do professor Castañeda não se encontra no Arquivo Histórico do Instituto de Arte e seu conteúdo é desconhecido. Benito Castañeda solicitou no final dos anos 1940 alguns documentos que comprovassem sua dupla nacionalidade como espanhol e brasileiro, sendo este um dos indícios de que ele realizou o concurso, tendo-se em vista o primeiro item do Artigo 124, que exigia a nacionalidade brasileira para a participação de todos os candidatos do concurso.

Sobre as teses de cátedra:

> [...] Teses de Cátedra, reflexões teóricas exigidas aos professores para alçarem postos elevados na hierarquia do ensino público de terceiro grau no país. As teses de cátedra são um aspecto ainda pouco conhecido, mas de grande importância, na consolidação da Escola de Artes. Instituídas a partir do final dos anos 1930, com a incorporação da escola a Universidade de Porto Alegre, elas eram pré-requisito para a ascensão ao cargo de Professor Catedrático da Universidade, dando ao ensino da arte um tom erudito, aspecto até então não considerado. (GOMES, 2012, p.1422)

Ainda sobre as teses de cátedra, o AHIA não possui maiores informações a respeito das publicações das teses e nem mesmo como eram feitas as suas defesas, mas estão preservadas as teses de alguns dos professores[33] catedráticos do IBA num período compreendido entre 1938 e 1962, portanto sabemos que esse era o método utilizado pelo IBA para o concurso de professor catedrático.

[33] “Forma e expressão na História da Arte”, de Angelo Guido, datada de 1938; “Anatomia Artística no Ensino Superior”, de Luiz Maristany de Trias, datada de 1938; “O Ensino da perspectiva e do Artista Plástico”, de Luis Fernando Corona, datada de 1957; “O desenho artístico e a escola”, de Ermanno Ducceschi; “O homem e o cavalo na anatomia artística – Estudo comparativo”, de Tasso Corrêa, datada de 1961; “Mural – Análise, considerações, método e pensamento”, de Aldo Locatelli, datada de 1962;

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Benito Castañeda faz parte da história do Instituto de Artes e deixou sua marca como professor dessa instituição, auxiliando na formação de diversos estudantes durante os quatorze anos em que lecionou na escola. Castañeda não tinha qualquer preparo especializado, fato que era comum e quase unanimidade naquela época – teve que aprender a didática com o tempo e com a experiência prática.

É possível afirmar que se dedicou com afinco à tarefa do ensino de arte, não apenas aos alunos do IBA, mas também aos alunos das escolas em que lecionou em Uruguaiana e Bagé – acreditamos que sua dedicação como professor superou a dedicação que teve como pintor. Percebemos que a produção artística de Castañeda é pouco expressiva em números e sua análise é prejudicada pelo fato de muitas de suas obras terem sido perdidas ou não estarem em coleções públicas de arte, mas ao mesmo tempo é consenso que o professor-artista não produziu um número expressivo de telas e desenhos e o próprio Castañeda sabia desse fato, demonstrando um tom de arrependimento em depoimentos do final de sua vida.

A proposta dessa monografia é o estudo mais específico da carreira de Castañeda como docente do IBA, considerando-se também seus aspectos biográficos. A pesquisa teve caráter exploratório e foi realizada basilarmente com as referências de documentos pessoais e também documentos referentes ao seu período de docência, além dos depoimentos de pessoas que o conheceram. Estas informações foram fundamentais para traçar os aspectos relevantes da carreira do espanhol no Brasil.

Acreditamos que essa é uma pesquisa introdutória e que tem como méritos o estudo específico de Castañeda, que não havia sido feito até então, mesmo sendo reconhecida a importância dele para a história do Instituto de Artes. A preservação de seu dossiê no Arquivo Histórico, bem como boa parte de suas telas na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo demonstram que ainda existe grande

carência de estudo sobre artistas locais, bem como estrangeiros que fizeram sua carreira no RS.

Buscamos fazer uma pesquisa de caráter historiográfico, considerando todas as informações disponíveis e fazendo as conclusões possíveis a partir destas informações. A pesquisa foi desafiadora pela dificuldade de reunir as informações necessárias para a análise da carreira de Castañeda como professor. A documentação reunida permitiu traçar parte da trajetória do espanhol no Brasil, e certos momentos de sua carreira ficam obscurecidos pela falta de informações disponíveis, lamentavelmente. Por não ter descendentes, acreditamos que muitas informações importantes para a compreensão do percurso do professor-artista no Brasil foram esquecidas. Ainda assim acreditamos que foi possível realizar um bom levantamento a respeito da vida e da obra de Benito Castañeda para o IBA, bem como para o ensino da arte gaúcha.

Assim, o presente trabalho é uma contribuição para o preenchimento da lacuna que é o ensino da arte no Rio Grande do Sul, assim como um esforço para promover e fomentar novos estudos sobre o ensino de arte a nível local e nacional. Essa monografia é pontapé inicial para dar continuidade ao estudo não apenas da História da Arte no RS, mas principalmente do ensino de arte local, que ainda não foi estudado com a devida atenção. Espero que este trabalho possa incentivar outros pesquisadores de arte a estudarem esse campo de conhecimento, trazendo outras contribuições sobre Castañeda, sobre a história do ensino de arte e sobre o Instituto de Artes do RS.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos em periódicos

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Década de 50: Sopram os novos ares. In: GOMES, Paulo (org.). *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007, p. 96-115.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Arte-Educação No Brasil*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). *O Ensino da Arte e Sua História*. São Paulo: MAC, 1990.

BRITES, Blanca Brites; BULHÕES, Maria Amélia ; CATTANI, Icleia Borsa; GOMES, Paulo. *100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS*: três ensaios. 1. ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 2012.

BRITES, Blanca Luz. *O acervo artístico do Instituto de Artes e seu espaço nas artes do Rio Grande do Sul*. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 28., 2008, Rio de Janeiro. Anais do CBHA. Rio de Janeiro: CBHA, 2009.

CARDOSO, Rafael. *A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico*. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 1, jan. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/rc_ebatecnico.htm>.

CORONA, Fernando. *Caminhada nas Artes (1940-1976).* Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 1977.

DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (org.). Relatório do Diretor da Escola Nacional de Belas Artes Rodolpho Bernadelli ao Ministro da Instrução Pública, Correios e Telegráfos, em maio de 1891. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n. 3, jul. 2010. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/documentos/rm%201891.htm>.

DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (org.). *"Projeto Montenegro": A reforma do Ensino das Artes Plásticas em 1890*. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/txt_artistas/projeto_montenegro.htm>.

DE DUVE, Thierry. *Fazendo escola (ou refazendo-a?)*. Chapecó: Argos, 2012. 345 p.

FÁVERO, M. L. A. Da Cátedra Universitária ao Departamento: subsídios para discussão. In: 23ª Reunião Anual da ANPEd, 2000, Caxambú-MG. Anais da 23ª Reunião da ANPED, 2000. Disponível em: < http://23reuniao.anped.org.br/textos/1118t.PDF>

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. *A polêmica atuação de Manoel de Araújo Porto-Alegre como Professor e Diretor da Academia Imperial das Belas Artes*. In: TERRA, Carlos G. (org.) *Arquivos da Escola de Belas Artes*. Rio de Janeiro, EBA/UFRJ, 2006.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. *O Ensino de Pintura e Escultura na Academia Imperial das Belas Artes*. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/aiba_ensino.htm>.

GOMES, Paulo (Org.). *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*: uma Panorâmica. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.

_____. *A instituição da Escola de Artes no Rio Grande do Sul*. In: MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes; CAVALCANTI, Ana (Org.). *Novas perspectivas para o estudo da arte no entresséculos (XIX/XX):* 195 anos de Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2012. p. 251–259.

_____. *Academismo e Modernismo: possíveis diálogos*. In: *100 Anos de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*: três ensaios. Blanca Brites, Icleia Borsa Cattani, Maria Amélia Bulhões, Paulo Gomes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

_____. XXXII Colóquio do CBHA. *A Escola de Artes do Rio Grande do Sul e suas várias modernidades*. 2012. (Congresso). Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2012/anais/pdfs/artigo_s5_pauloribeirogomes.pdf>

KERN, Maria Lúcia Bastos. *A emergência da arte modernista no Rio Grande do Sul*. In: GOMES, Paulo (org.). *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*: uma panorâmica. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007, p. 50-75.

LEITE, Reginaldo da Rocha. *A Contribuição das Escolas Artísticas Européias no Ensino das Artes no Brasil Oitocentista*. 19&20, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/escolas_reginaldo.htm>

OBINO, Aldo. *Aldo Obino*: notas de arte. Organização: Cida Golin. Porto Alegre: MARGS; Nova Prova; Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

PIETA, Marilene Burtet. *A Modernidade da Pintura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sagra, 1995.

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

PRESSER, Décio; ROSA, Renato. *Dicionário das Artes Plásticas do Rio Grande do Sul*. Edit. Universidade Federal do RS. Porto Alegre, RS. 1998.

SCARINCI, Carlos (apresentação). *Precursores das Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Riocell, 1981. 21 lâms., il. p&b color.

SCHEFFEL, Ernesto Frederico. *Scheffel por ele mesmo*. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2013.

STORI, Norberto; ANDRADE FILHO, Antonio Costa. *O Ensino de Arte no Império e na República do Brasil*. Cadernos de Pós-Graduação Ed., Arte e Hist. Cultura. Volume 5 - Nº 01, 2005. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Educacao_Arte_e_Historia_da_Cultura/Publicacoes/Volume5/O_Ensino_de_Arte_no_Imperio_e_na_Republica_do_Brasil.pdf>

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; TAMBARA, Elomar Callegaro. O Regime de Cátedra no Ensino Superior: os primeiros professores da Escola de Engenharia Industrial da Cidade do Rio Grande. *Revista HISTEDBR Online*. Campinas, nº 51, p. 54-63, jun. 2013.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Retrato*. São Paulo: Editora Globo, 1997.

Dissertações e teses

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Continente Improvável*: Artes Visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX. 2005. 383 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BOLZAN, Adriana Pinto. *Pinacoteca Barão de Santo Ângelo*: um pouco de sua História. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais). Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

DEBASTIANI, Aline Matte. *Obras de arte como fonte de informação:* uma análise da verossimilhança das informações contidas em obras pictóricas que representam o Estado do Rio Grande do Sul. 2012. 92f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) – UFRGS, Porto Alegre, 2012.

SIMON, Cirio. *Origens do Instituto de Artes da UFRGS* – Etapas entre 1908 e 1962 – Contribuições na Constituição de Expressões de Autonomia no Sistema de Artes Visuais do Rio Grande do Sul. 2003. 561 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Pensando a Arte: Teses de Cátedra e textos de docentes do curso de Artes Plásticas do IA-UFRGS. In: *Origens do Instituto de Artes da UFRGS* –

Etapas entre 1908 e 1962 – Contribuições na Constituição de Expressões de Autonomia no Sistema de Artes Visuais do Rio Grande do Sul. 2003. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

Viagem aos Sete Povos das Missões. Publicação do Centro Acadêmico Tasso Corrêa. Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1947.

ZANINI, Walter.(Org.). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. (v.2)

Artigos em jornais

Benito Castañeda – Homenagens prestadas. *A Hora*, 23 de março de 1955. s.p.

CORONA, Fernando. Benito Castañeda: um homem e um artista. *Correio do Povo*, 19 de março de 1955. s.p.

Em memória do pintor Benito Castañeda. *Correio do Povo*, 23 de março de 1955. s.p.

Exposição Retrospectiva de Benito Castañeda. *A Hora*, 4 de abril de 1955. s.p.

FRANCESCO, Jose de. Benito Castañeda. *Correio do Povo*, 3 de março de 1955. s.p.

KREBS, Carlos Galvão. Tengo ganas de pintar. *Diário de Notícias*, 13 de março de 1955. p. 9-10.

OLMEDO. Benito Castañeda. *A Hora*, 19 de março de 1955 . s.p.

Retrospectiva de Benito Castañeda. Diário de Notícias, 10 de abril de 1955. s.p.

REVERBEL, Carlos. Dona Maria. In: *Revista do Globo*, 25 de setembro de 1948. p.45 e 47. Fonte: NDP/MARGS

SILVA, João. Benito Castanheda. In: *Jornal de Bagé*. 20 de julho de 1986. Fonte: NDP/MARG

Catálogos

AVANCINI, José Augusto; BULHÕES, Maria Amélia. *Artistas Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*: Obras do Acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes. Catálogo de exposição. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

CASTAÑEDA, Benito. Catálogo/convite da exposição de Benito Castañeda na Casa das Molduras em 1945. Fonte: NDP/MARGS

GOMES, Paulo (org.). Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: Catálogo Geral – 1910-2014. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

Material inédito de Benito Castañeda

Correspondência pessoal, enviada por “Ernesto”, em 1939. Fonte: AHIA

Correspondência enviada a Benito Castañeda por um de seus alunos em 1953. Fonte: AHIA

Cadernetas de Frequência. Fonte: AHIA

Credenciais de participação da Exposição do Centenário Farroupilha em 1935. Fonte: AHIA
Ofício emitido pelo Diretor do IBA a respeito de um atraso do Professor Castañeda para um exame em 1945. Fonte: AHIA

Fotografias de Benito Mazon Castañeda. Ano desconhecido. Fonte: AHIA

Fotografia do professor Benito Castañeda com suas alunas em aula de pintura, em novembro de 1951. Fonte: AHIA

Fotografia de professores do IBA reunidos com a primeira turma de arquitetos no Salão de Festas no oitavo andar da instituição, março de 1947. Fonte: AHIA

Fotografia do grupo que participou da excursão às Missões. Fonte: Blog de Círio Simon

Fotografia do grupo que participou da excursão às Missões. Fonte: Blog de Círio Simon

Fotografia do professor Benito Castañeda realizando trabalhos de pintura durante a viagem às Missões. Fonte: Blog de Círio Simon

Regulamentação para o concurso de professores catedráticos, publicado em janeiro de 1960. Fonte: AHIA

Internet

ACERVO ARTÍSTICO DA PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO
DO
INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. Disponível em:
< http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/mastop_publish/>. Acesso em: 20 nov. 2015

BLOG CIRIO SIMON. Disponível em: < http://profciriosimon.blogspot.com.br/ > Acesso em: 20 nov. 2015.

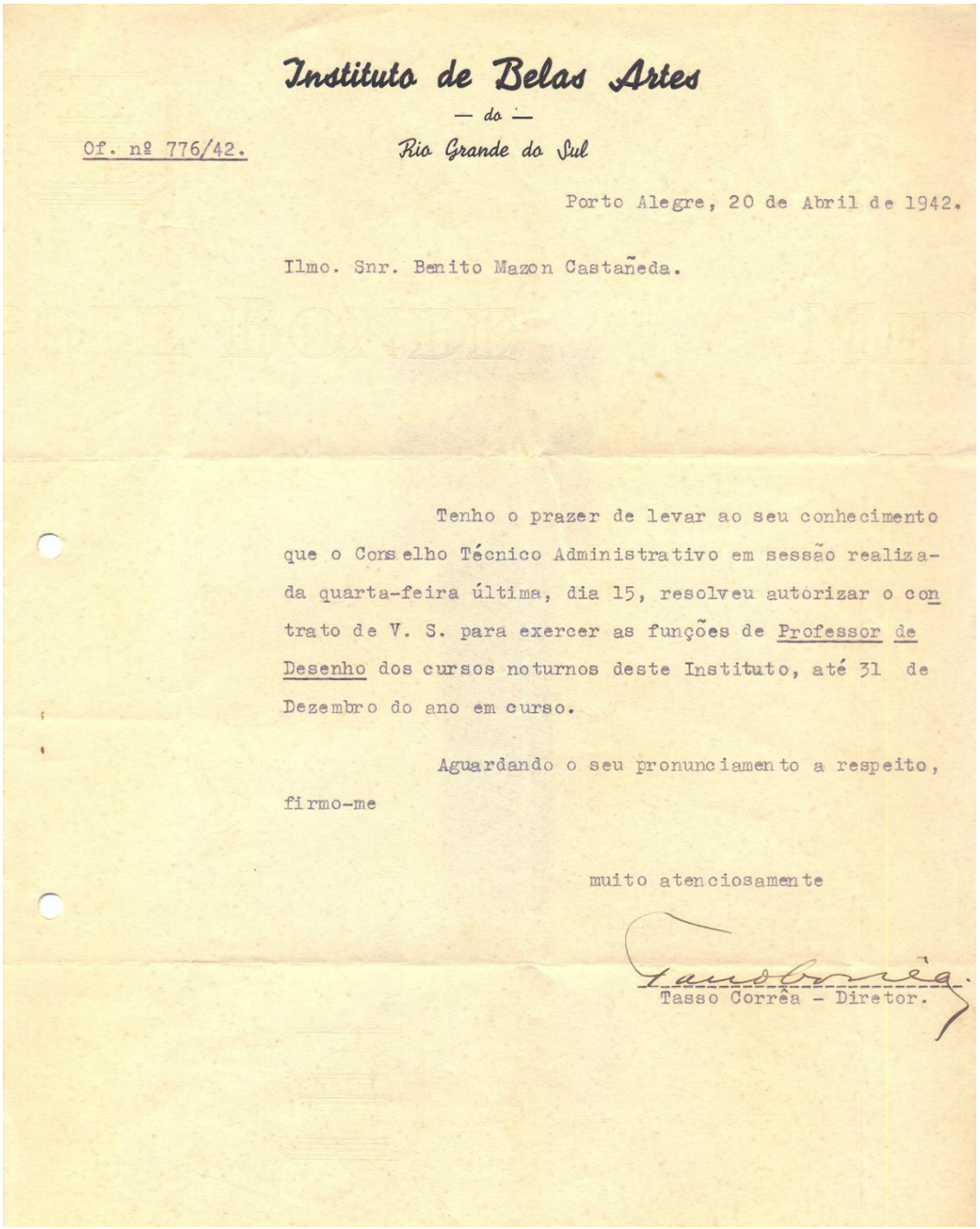
BLOG SAMPAULO. Disponível em> < http://sampaulocartunista.blogspot.com.br/> Acesso em: 20 nov. 2015.

LEGISLAÇÃO INFORMATIZADA - LEI Nº 5.540, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1968 – PUBLICAÇÃO ORIGINAL. Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20 nov. 2015

MARGS. Disponível em:<http://www.margs.rs.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2015

ANEXOS

Ofícios e contratos:



Instituto de Belas Artes
— do —
Rio Grande do Sul

Of. nº 776/42.

Porto Alegre, 20 de Abril de 1942.

Ilmo. Snr. Benito Mazon Castañeda.

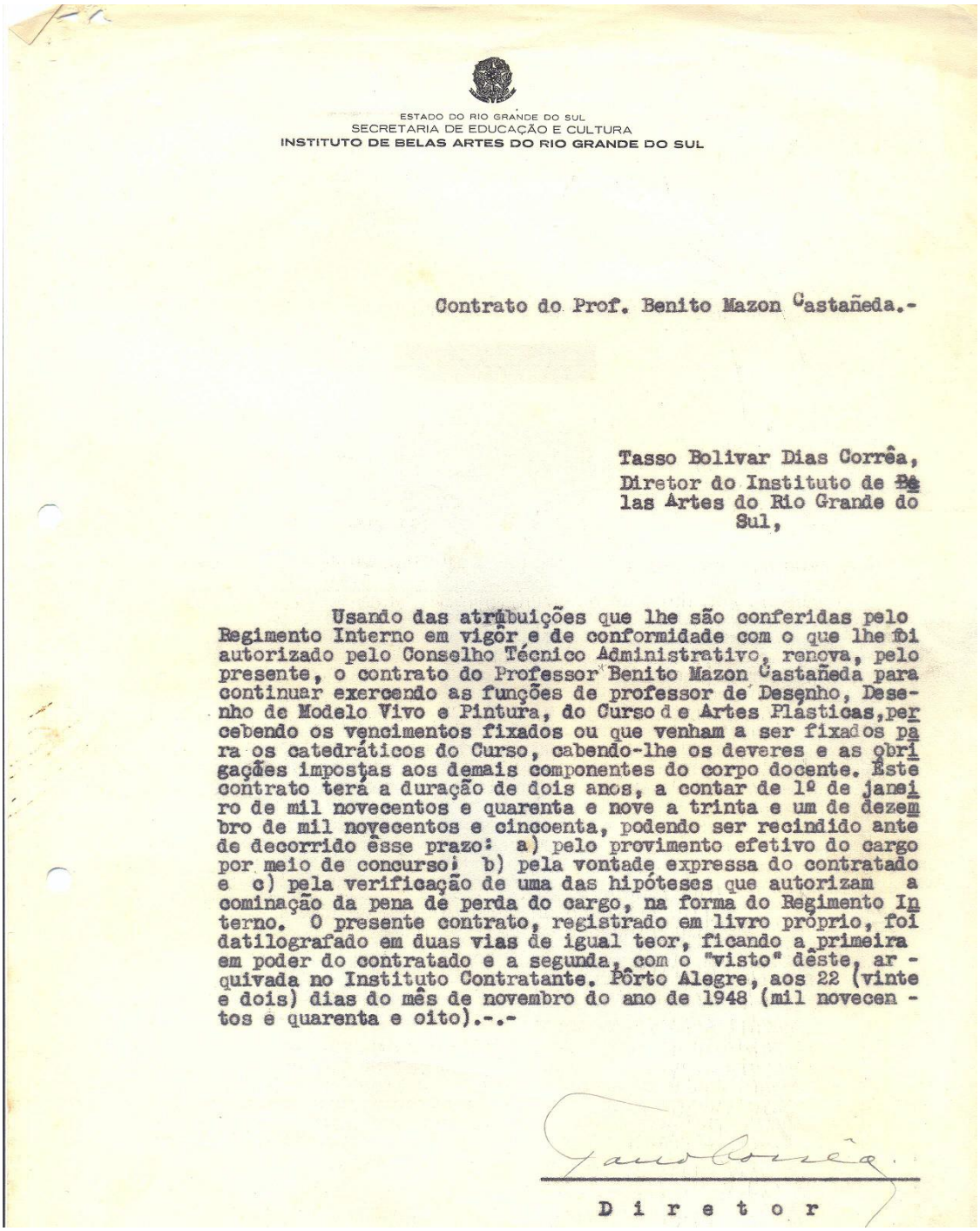
Tenho o prazer de levar ao seu conhecimento que o Conselho Técnico Administrativo em sessão realizada quarta-feira última, dia 15, resolveu autorizar o contrato de V. S. para exercer as funções de Professor de Desenho dos cursos noturnos deste Instituto, até 31 de Dezembro do ano em curso.

Aguardando o seu pronunciamento a respeito, firmo-me

muito atenciosamente

Tasso Corrêa - Diretor.

Figura 31 - Ofício nº 776/42 emitido pelo Diretor Tasso Corrêa a respeito da efetivação de Benito Castañeda no IBA como professor de desenho em 1942.
Fonte: AHIA



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL

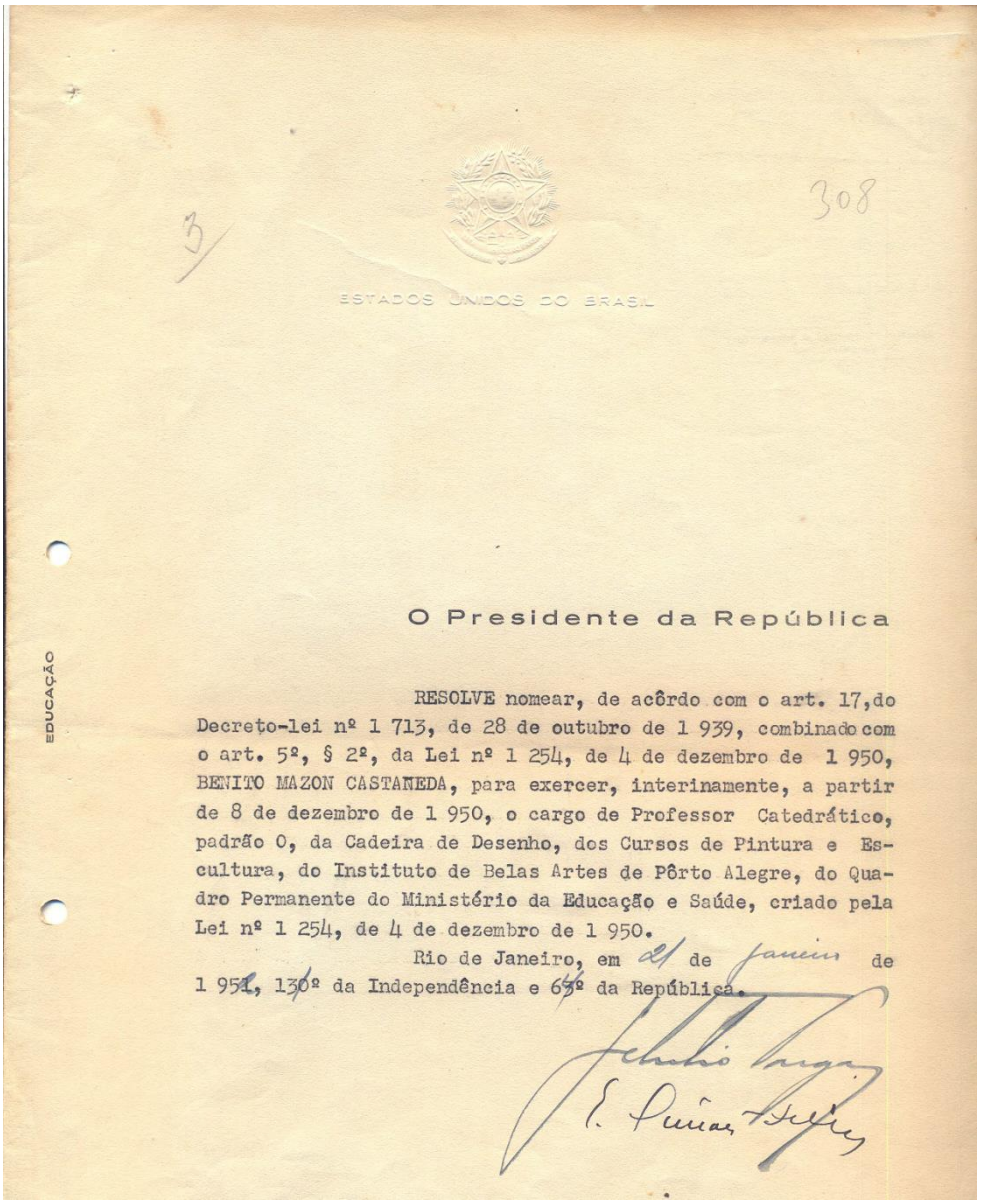
Contrato do Prof. Benito Mazon Castañeda.-

Tasso Bolivar Dias Corrêa,
Diretor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul,

Usando das atribuições que lhe são conferidas pelo Regimento Interno em vigôr e de conformidade com o que lhe foi autorizado pelo Conselho Técnico Administrativo, renova, pelo presente, o contrato do Professor Benito Mazon Castañeda para continuar exercendo as funções de professor de Desenho, Desenho de Modelo Vivo e Pintura, do Curso de Artes Plasticas, percebendo os vencimentos fixados ou que venham a ser fixados para os catedráticos do Curso, cabendo-lhe os deveres e as obrigações impostas aos demais componentes do corpo docente. Êste contrato terá a duração de dois anos, a contar de 1º de janeiro de mil novecentos e quarenta e nove a trinta e um de dezembro de mil novecentos e cincoenta, podendo ser recindido antes de decorrido êsse prazo: a) pelo provimento efetivo do cargo por meio de concurso; b) pela vontade expressa do contratado e c) pela verificação de uma das hipóteses que autorizam a cominação da pena de perda do cargo, na forma do Regimento Interno. O presente contrato, registrado em livro próprio, foi datilografado em duas vias de igual teor, ficando a primeira em poder do contratado e a segunda, com o "visto" dêste, arquivada no Instituto Contratante. Pôrto Alegre, aos 22 (vinte e dois) dias do mês de novembro do ano de 1948 (mil novecentos e quarenta e oito).-.-

Diretor

Figura 32- Contrato firmado pelo Diretor do IBA Tasso Corrêa em 1948.
Fonte: AHIA



3/

308

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

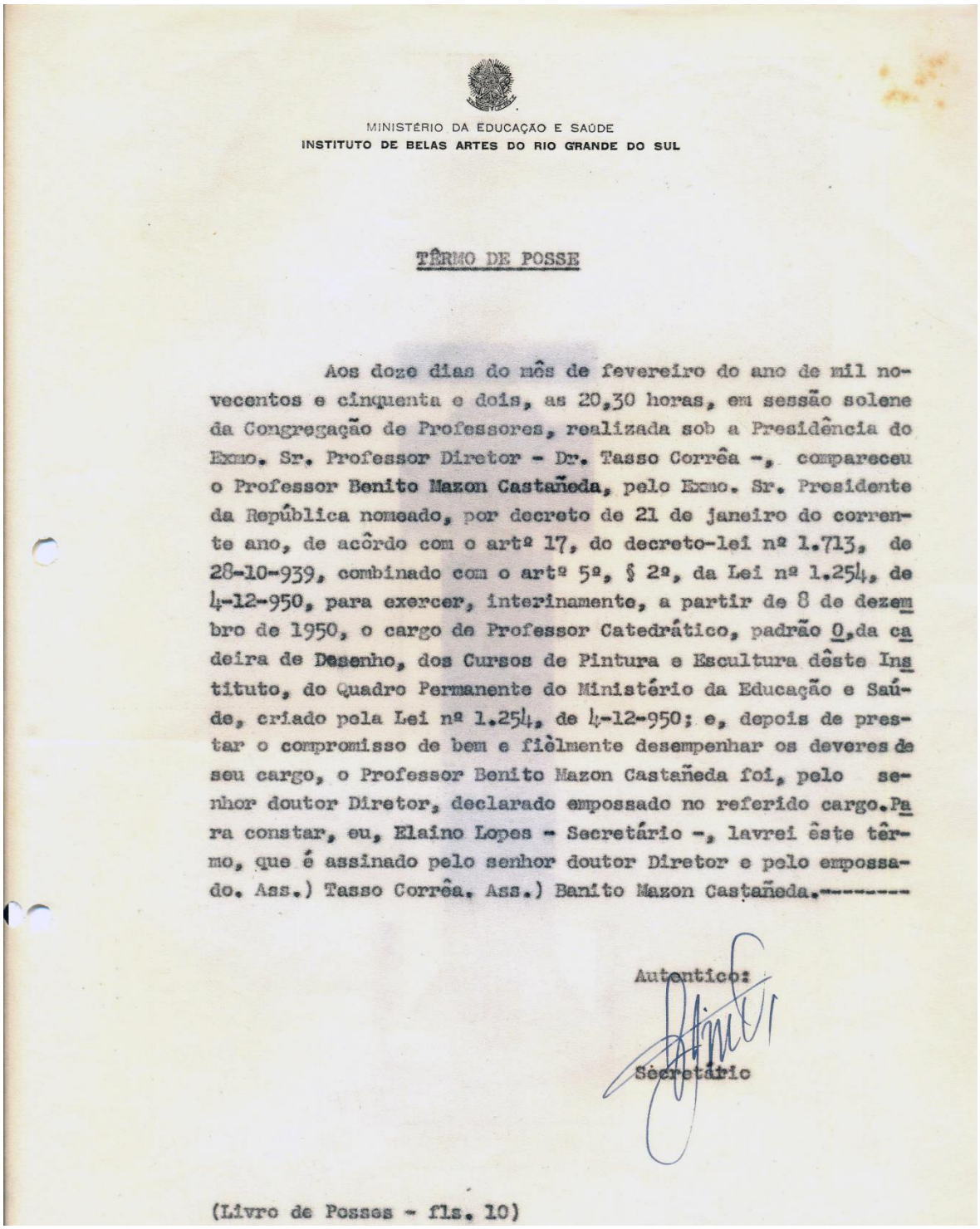
EDUCAÇÃO

O Presidente da República

RESOLVE nomear, de acôrdo com o art. 17, do Decreto-lei nº 1 713, de 28 de outubro de 1 939, combinado com o art. 5º, § 2º, da Lei nº 1 254, de 4 de dezembro de 1 950, BENITO MAZON CASTAÑEDA, para exercer, interinamente, a partir de 8 de dezembro de 1 950, o cargo de Professor Catedrático, padrão O, da Cadeira de Desenho, dos Cursos de Pintura e Escultura, do Instituto de Belas Artes de Pôrto Alegre, do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde, criado pela Lei nº 1 254, de 4 de dezembro de 1 950.

Rio de Janeiro, em 24 de janeiro de 1 951, 130º da Independência e 63º da República.

Figura 33 - Documento que nomeia Benito Castañeda como professor catedrático do IBA em 1950.
Fonte: AHIA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL

TÊRMO DE POSSE

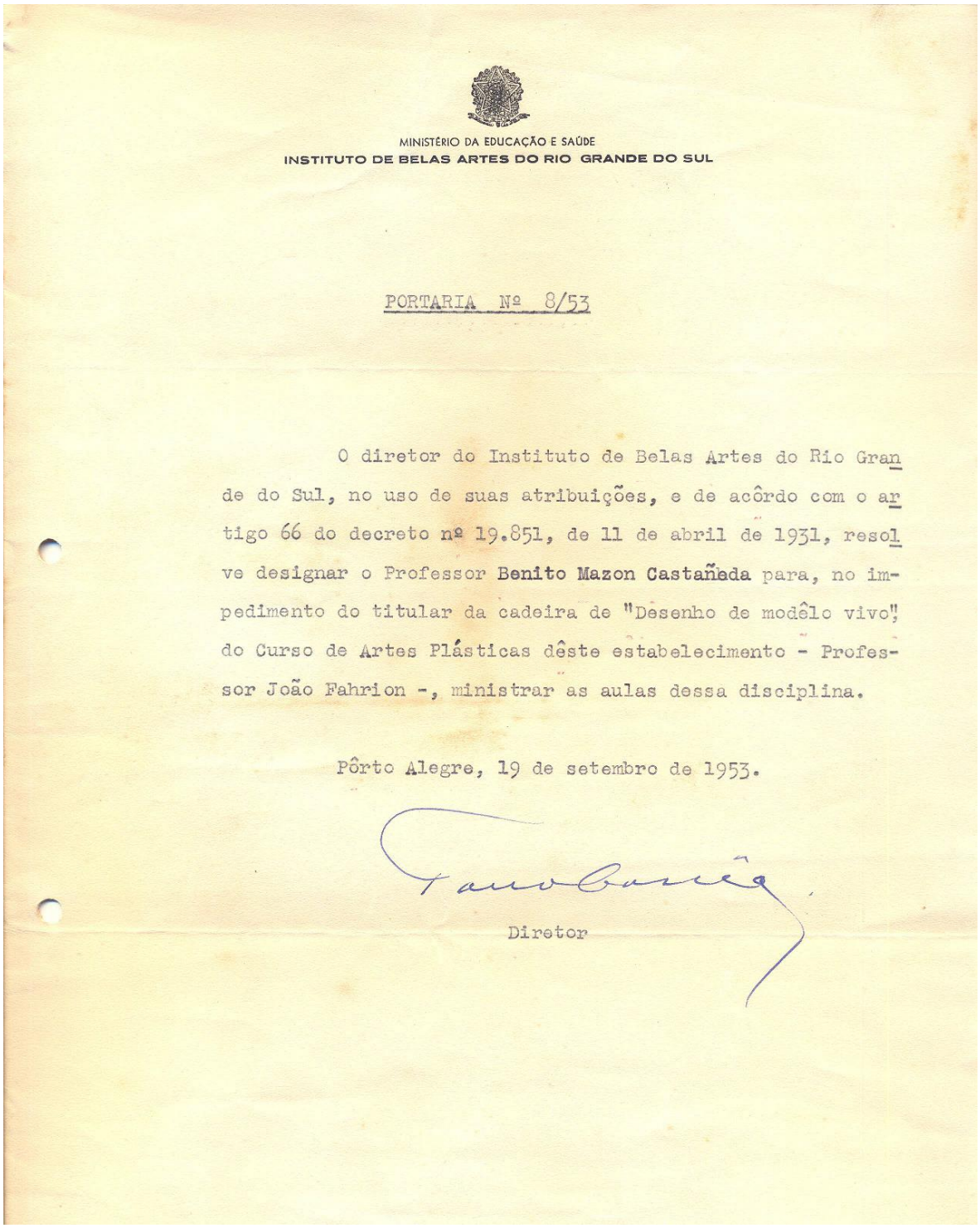
Aos doze dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e cinquenta e dois, as 20,30 horas, em sessão solene da Congregação de Professores, realizada sob a Presidência do Exmo. Sr. Professor Diretor - Dr. Tasso Corrêa -, compareceu o Professor **Benito Mazon Castañeda**, pelo Exmo. Sr. Presidente da República nomeado, por decreto de 21 de janeiro do corrente ano, de acôrdo com o artº 17, do decreto-lei nº 1.713, de 28-10-939, combinado com o artº 5º, § 2º, da Lei nº 1.254, de 4-12-950, para exercer, interinamente, a partir de 8 de dezembro de 1950, o cargo de Professor Catedrático, padrão O, da cadeira de **Desenho**, dos Cursos de Pintura e Escultura dêste Instituto, do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde, criado pela Lei nº 1.254, de 4-12-950; e, depois de prestar o compromisso de bem e fièlmente desempenhar os deveres de seu cargo, o Professor Benito Mazon Castañeda foi, pelo senhor doutor Diretor, declarado empossado no referido cargo. Para constar, eu, Elaino Lopes - Secretário -, lavrei êste têrmo, que é assinado pelo senhor doutor Diretor e pelo empossado. Ass.) Tasso Corrêa. Ass.) Banito Mazon Castañeda.-------

Autentico:

Secretário

(Livro de Posses - fls. 10)

Figura 34 - Termo de Posse de Benito Castañeda como professor catedrático do IBA, de 1952.
Fonte: AHIA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL

PORTARIA Nº 8/53

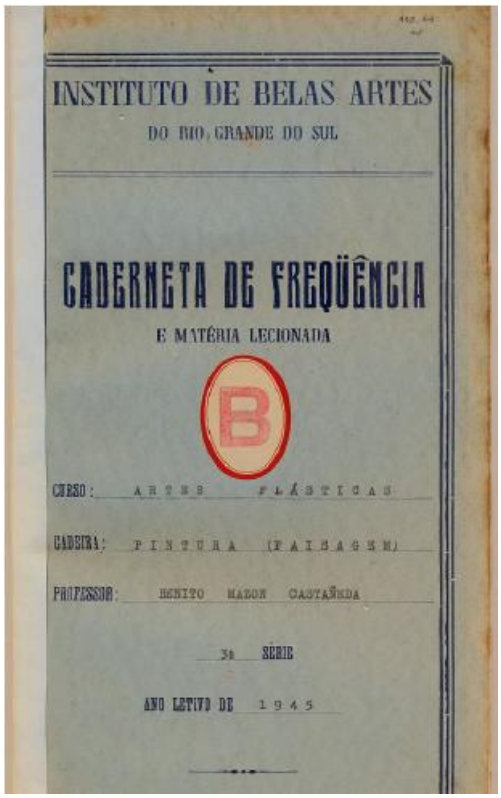
O diretor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições, e de acôrdo com o artigo 66 do decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, resolve designar o Professor **Benito Mazon Castañeda** para, no impedimento do titular da cadeira de "Desenho de modêlo vivo" do Curso de Artes Plásticas dêste estabelecimento - Professor João Fahrion -, ministrar as aulas dessa disciplina.

Pôrto Alegre, 19 de setembro de 1953.

Diretor

Figura 35 - Documento referente à substituição de João Fahrion por Benito Castañeda na cadeira de Desenho de Modelo Vivo no IBA em 1953, assinado pelo Diretor Tasso Corrêa.
Fonte: AHIA

Cadernetas de frequência:



INSTITUTO DE BELAS ARTES

DO RIO GRANDE DO SUL

CADERNETA DE FREQÜÊNCIA

E MATÉRIA LECIONADA

B

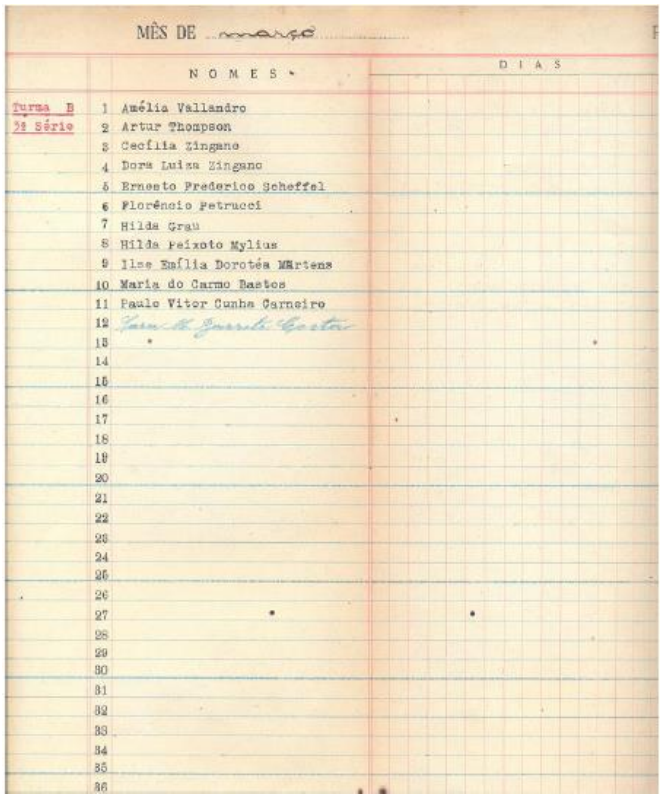
CURSO: ARTES PLÁSTICAS

CADEIRA: PINTURA (PAISAGEM)

PROFESSOR: BENITO MAZON CASTAÑEDA

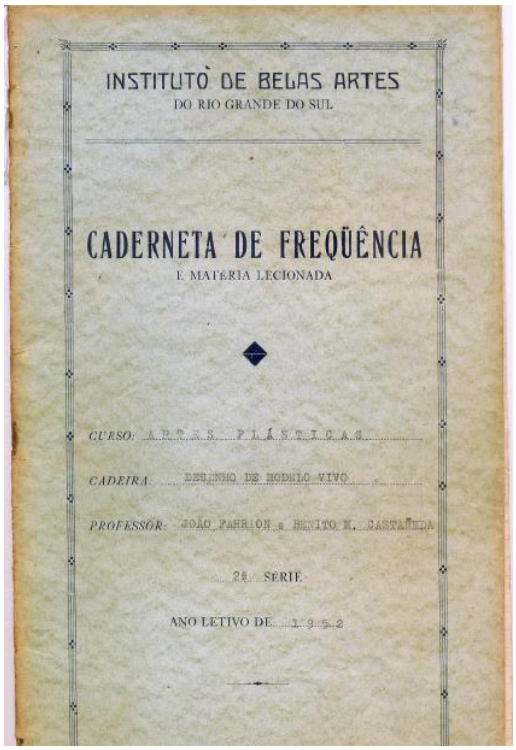
3ª SÉRIE

ANO LETIVO DE 1945



MÊS DE março

		NOMES	DIAS
Turma B	1	Amélia Vallandro	
2ª Série	2	Artur Thompson	
	3	Cecília Zingano	
	4	Dora Luiza Zingano	
	5	Ernesto Frederico Scheffel	
	6	Florêncio Petrucci	
	7	Hilda Grau	
	8	Hilda Peixoto Mylius	
	9	Ilse Emília Dorotéa Märtens	
	10	Maria do Carmo Bastos	
	11	Paulo Vitor Cunha Carneiro	
	12	Yara M. Guerra Castro	
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
	25		
	26		
	27		
	28		
	29		
	30		
	31		
	32		
	33		
	34		
	35		
	36		



INSTITUTO DE BELAS ARTES

DO RIO GRANDE DO SUL

CADERNETA DE FREQÜÊNCIA

E MATÉRIA LECIONADA

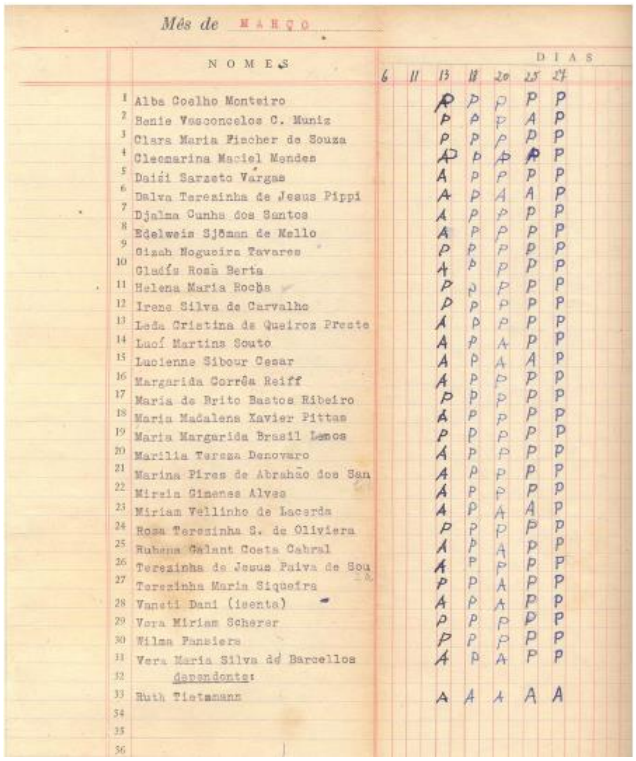
CURSO: ARTES PLÁSTICAS

CADEIRA: DESENHO DE MODELO VIVO

PROFESSOR: JOÃO FAHRION e BENITO M. CASTAÑEDA

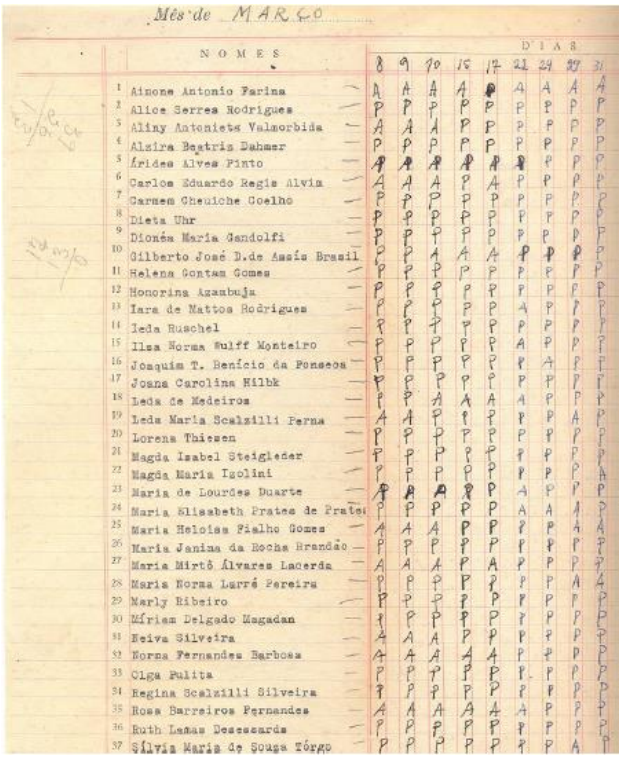
2ª SÉRIE

ANO LETIVO DE 1952



Mês de MARÇO

	NOMES	DIAS 6	11	13	18	20	25	27
1	Alba Coelho Monteiro			P	P	P	P	P
2	Benie Vasconcelos C. Muniz			P	P	P	A	P
3	Clara Maria Fischer de Souza			P	P	P	D	P
4	Cleomarina Maciel Mendes			D	D	D	P	P
5	Daisi Sarzeto Vargas			A	P	P	P	P
6	Dalva Terezinha de Jesus Pippi			A	P	A	A	P
7	Djalma Cunha dos Santos			A	P	P	P	P
8	Edelweis Sjöman de Mello			A	P	P	P	P
9	Giah Nogueira Tavares			P	P	P	P	P
10	Gladis Rosa Berta			A	P	P	P	P
11	Helena Maria Rocha			P	P	P	P	P
12	Irene Silva de Carvalho			P	P	P	P	P
13	Leda Cristina de Queiroz Preste			A	P	P	P	P
14	Luci Martins Souto			A	P	A	P	P
15	Lucienne Sibour Cesar			A	P	A	A	P
16	Margarida Corrêa Reiff			A	P	P	P	P
17	Maria de Brito Bastos Ribeiro			P	P	P	P	P
18	Maria Madalena Xavier Pittas			A	P	P	P	P
19	Maria Margarida Brasil Lemos			P	P	P	P	P
20	Marilia Teresa Denovaro			A	P	P	P	P
21	Marina Pires de Abrahão dos San			A	P	P	P	P
22	Mirsia Gimenes Alves			A	P	P	P	P
23	Miriam Vellinho de Lacerda			A	P	A	A	P
24	Rosa Terezinha S. de Oliviera			P	P	P	P	P
25	Rubena Galant Costa Cabral			A	P	A	P	P
26	Terezinha de Jesus Paiva de Sou			A	P	P	P	P
27	Terezinha Maria Siqueira			P	P	A	P	P
28	Vanetl Dani (isenta)			A	P	A	P	P
29	Vera Miriam Scherer			P	P	P	P	P
30	Wilma Panziera			P	P	P	P	P
31	Vera Maria Silva de Barcellos			A	P	A	P	P
32	dependente:							
33	Ruth Tietzmann			A	A	A	A	A
34								
35								
36								



Figuras 36 a 41 - Cadernetas de frequência de cadeiras ministradas por Benito Castañeda. Fonte: AHIA

Documentos pessoais:

Transcrição de correspondência enviada pelo Desembargador João Pereira de Sampaio a respeito de 5 telas enviadas por Benito Castañeda para uma exposição no IBA em 1939:

Porto Alegre, 5 de novembro de 1939

Meu caro Benito,

Salud!

Só hoje respondo a tua carta de 16 do mês passado, não o tendo feito antes pela já tão conhecida desculpa da falta de tempo, e ainda pela sobra de anotações com as coisas do ofício.

Encontrei-me ontem na Rua da Praia com o Dr. Pacheco Prates, que me informou andares apreensivo a propósito da tua participação como concorrente na próxima exposição.

A respeito tenho a te dizer o seguinte. Desde o dia 21 que os teus quadros (5) estão no Instituto de Belas Artes e que a tua inscrição está igualmente feita, tendo sido entregue a correspondente papelada juntamente com os quadros. Tendo amigo o respectivo recibo, que não enviei por entender ser isso desnecessário, uma que por informação que tenho estará aqui mais ou menos no próximo dia 8.

Falei hoje com Ângelo Guido na rua e soube por ele que nenhuma outra formalidade era necessária para a inscrição e que, assim, a tua já se achava regularmente feita. Nessa ocasião, fazendo-me mais "inocente" do que sou, perguntei-lhe se os quadros tinham sido aceitos, ao que ele respondeu sorrindo com um comprido "siiiim"... Como quem diz: "bem se vê que essa pergunta é de um leigo!", informando ainda que os teus trabalhos tinham sido muito apreciados e que era muito "interessantes". Disse-me ainda que a exposição será inaugurada provavelmente no dia 12.

Pedes duas vezes na carta minha opinião sobre os teus quadros. Acredito mesmo que de alguma forma te interesses por ela, pois bem sabes que as minhas opiniões em teus assuntos, assim como são sempre atrevidas (como dignas filhas da ignorância) algumas vezes, por acaso, tem algo de acertado (como filhas da franqueza e da boa fé). Aliás, acertadamente, ou não, sempre entendi que a crítica, quando intentada em termos gerais, nunca foi privilégio da mais [ilegível] e dispensa conhecimentos especializados da matéria estudada. Realmente, não é preciso ser arquiteto para verificar que uma coluna está torta para este ou para aquele lado!

Só por isso assim te mando a minha opinião sem nenhum constrangimento. Procurando quando possível ver os teus trabalhos sem os vincos da amizade, o que tenho a dizer é que os achei magníficos.

Quanto ao "Cabo Afonso", que já conhecia (aquele que no dizer de D. Manoel Pacheco, foi "pintado com cachaça"), já sabes o que penso sobre ele: é uma das tuas obras primas, digno "pendant" do "Manoel". Acho-o admirável da verdade e simplicidade, na sua técnica larga e fácil e no mundo como ali desenhadas as cores e as tonalidades. Lamento apenas que não tenha vindo também o "Manoel", seu irmão gêmeo, pintado, aliás, na mesma época.

Não conheço pintor algum que tenha representado com tanta felicidade "o cretino" e " bêbado". Bem se vê que ao fazeres aquele trabalho estavas possuindo a verdadeira inspiração, e essa, talvez, de caráter alcoólico e oriunda das emanações do "modelo"...

Em relação ao "D. Pepe Ruiz", acho que imortalizaste esse nosso amigo que, pela raridade da figura e pela multiplicidade das aptidões que possui e gêneros de vida que tem desempenhado. Sempre me pareceu, ainda em carne e osso, um artigo digno de museu... agora ele terá certamente garantido numa vida [ilegível] nas paredes de alguma nossa pinacoteca oficial, pelo menos enquanto o destino, tantas vezes cruel, não nos brindar com algum movimento "nacionalista" espanhol...

Na figura desse trabalho mostras uma técnica de mestre muito segura e ao mesmo tempo pessoal e simpática, reveladora dos teus raros dons de retratista, e reputo insuperável [ilegível] onde desmanchas as tintas escuras com aquela suavidade de que tens o segredo. Acho esse quadro, como obra de técnica, bastante superior ao "Sarmento".

Quanto à menina da cadeira colonial, acho-a encantadora no seu vestidinho simples e com aquela expressão de inocência e ao mesmo tempo de angústia, revelando os primeiros esforços para desvendar certos mistérios da vida que ela apenas começara a pressentir...

Acho, no entanto, algum leve "senão" nesse trabalho. Não sei bem onde é, mas quer me parecer que em alguma parte dos cabelos...

Quanto à cena do galpão, achei-a admirável, sobretudo na parte do interior (primeiro plano), que um contraste com o fundo luminoso do campo, mais deixas adivinhar do não ver as coisas pintadas. Quer me parecer que esse deve ser um efeito difícil de conseguir, e tu o conseguiste magnificamente. As figuras estão todas muito naturais em suas atitudes e indumentárias características. Acho que fizeste com rara felicidade esse momento da vida do campo.

Finalmente, quanto à "vista" de Bagé, penso que é esse um dos teus trabalhos mais felizes no gênero. Vê-se que foi pintado com muita facilidade e que a paisagem não tem segredos para o pintor.

Em suma, meu caro Benito, todas as 5 telas estão dignas do teu pincel de "maestro", e, como já te disse em telegrama, estão certamente fadadas a grande sucesso.

Muito te felicito por esses trabalhos, fazendo votos para que não deixes morrer esse entusiasmo pela pintura, dá pra dizer (e mostrar) estar agora possuindo.

Como já mandei dizer pelo Beckman, estou a tua espera e, se quiseres vir para Porto Alegre, terei grande prazer em que fiques em nossa companhia enquanto não arrumares as coisas como convém. Bem sabes como aqui te apreciam, e como és considerado "pessoa de casa".

Não obstante, penso que não deves abandonar desde já as tuas colocações dali sem uma preliminar e conveniente sondagem neste meio, que te habilitará a resolver definitivamente sobre o assunto. A precipitação em geral não é boa conselheira, e devemos ter sempre em vista aquela fábula do pássaro na mão... Em todo o caso, tu é o juiz das tuas consequências...

Recebi pelo D. Francesco o teu cartão e o teu abraço. Ele está muito entusiasmado pela pintura, e também mandava 5 trabalhos para a exposição. Não o vejo há alguns dias, mas quando o vi pela última vez ele tinha mandado os quadros e mostrava-se muito apreensivo sobre se tais trabalhos seriam aceitos Penso que pelo menos dois deles (uma processão e um interior de igreja) não poderiam ser recusados. Ele fala muito a teu respeito elogiando-te e dizendo que lhe deste extraordinário ânimo para o trabalho. Penso que nele, em geral, o pintor trai o cenógrafo.

Meu caro Benito, muitas recomendações para a Maria e abraços para o amigo Ruiz. Abraços e dispõe do velho amigo,

Sampaio.

5

Impresiones digitales
Pulgar derecho
Pulgar izquierdo

Vice-Consulado de España

BAGÉ — Rio Grande del Sur — Brasil

CERTIFICADO DE NACIONALIDAD

EL VICE-CONSUL DE ESPAÑA

CERTIFICO: que Don Benito Mazón Castañeda

natural

de Cadiz provincia

de Cadiz de 49 años de edad

hijo de Benito y

de Rosario

de estado soltero y profesión Pintor

, se halla inscripto al folio 15 N. 250

del REGISTRO de NACIONALIDAD de CIUDADANOS ESPANOLES de este VICE-CONSULADO

Bagé, 1 de Agosto de 1935

Firma del interessado

EL VICE CONSUL DE ESPAÑA

Figura 42 - Certificado de nacionalidade. Fonte: AHIA

Figura 43 - Passaporte de Benito Mazon Castañeda, emitido em 1945.
Fonte: AHIA

Figura 44 - Carteira de identidade emitida em 1947. Fonte:
AHIA

Reportagens e notas de Jornal:

NOTAS DE ARTE

EM MEMO'RIA DO PINTOR BENITO CASTANHEDA

Ao pintor Benito Castañeda, catedratico do Instituto de Belas Artes, falecido no mês de fevereiro, têm sido prestadas várias e merecidas homenagens por todos aqueles que com êle conviveram, quer no magisterio quer na vida artistica.

Na ultima reunião da Congregação de Professores daquele estabelecimento de ensino superior, seus colegas prestaram-lhe significativa homenagem, sendo recordada sua atuação como professor do estabelecimento, ao qual muito honrou. Por unanimidade foi consignado um voto de profundo pezar pelo seu desaparecimento.

Por iniciativa da direção do Instituto de Belas Artes e do "Centro Academico Tasso Correa" foi celebrada por Frei Plácido, aluno do estabelecimento, uma missa em intenção de sua alma. Este ato de fé, que teve lugar na Igreja de São José, contou com a presença de grande numero de pessoas entre as quais os professores, funcionarios e alunos do Instituto, bem como amigos do extinto e seus admiradores.

Dentro em pouco, será inaugurada uma grande exposição retrospectiva de sua grande obra.

a prof. Marilia Utinguassú Escosteguy abordará o tema "Personalidade e Decoração". Para esta aula estão convidadas as alunas inscritas nos cursos Fundamental e Tecnico, bem como todas as pessoas interessadas em decoração de interiores.

Ambos os cursos têm a finalidade de orientar as jovens e donas de casa, no sentido de fazerem as suas residencias acolhedoras e alegres. No decurso das aulas serão analisadas todas as tecnicas de planejamento, a fim de que cada ambiente criado reflita a personalidade, o bom gosto e o ajustamento às condições de vida. Os trabalhos se desenvolverão na sede da A.P.C., rua Marechal Floriano, 72 — terreo.

SA'BADO, A MOSTRA DE FRANCESCO

Festejando os seus sessenta anos, José de Francesco, o incansavel pintor rio-grandino que tem atravessado a vida em Porto Alegre mourejando como modesto e humano artista boemio da estirpe italiana, inaugurará sabado, dia 26, na amiga Casa Monteiro, a sua XXI Exposição individual, para a qual pintou, com alma, nada me-

Figura 45 - Em memória do pintor Benito Castañeda. In: *Correio do Povo*. 23 de março de 1955. Fonte: AHIA

☆ ☆ A "HORA" Pôrto Alegre, 19 de Março de 1955

ARTES PLÁSTICAS

Benito Castañeda

Por OLMEDO

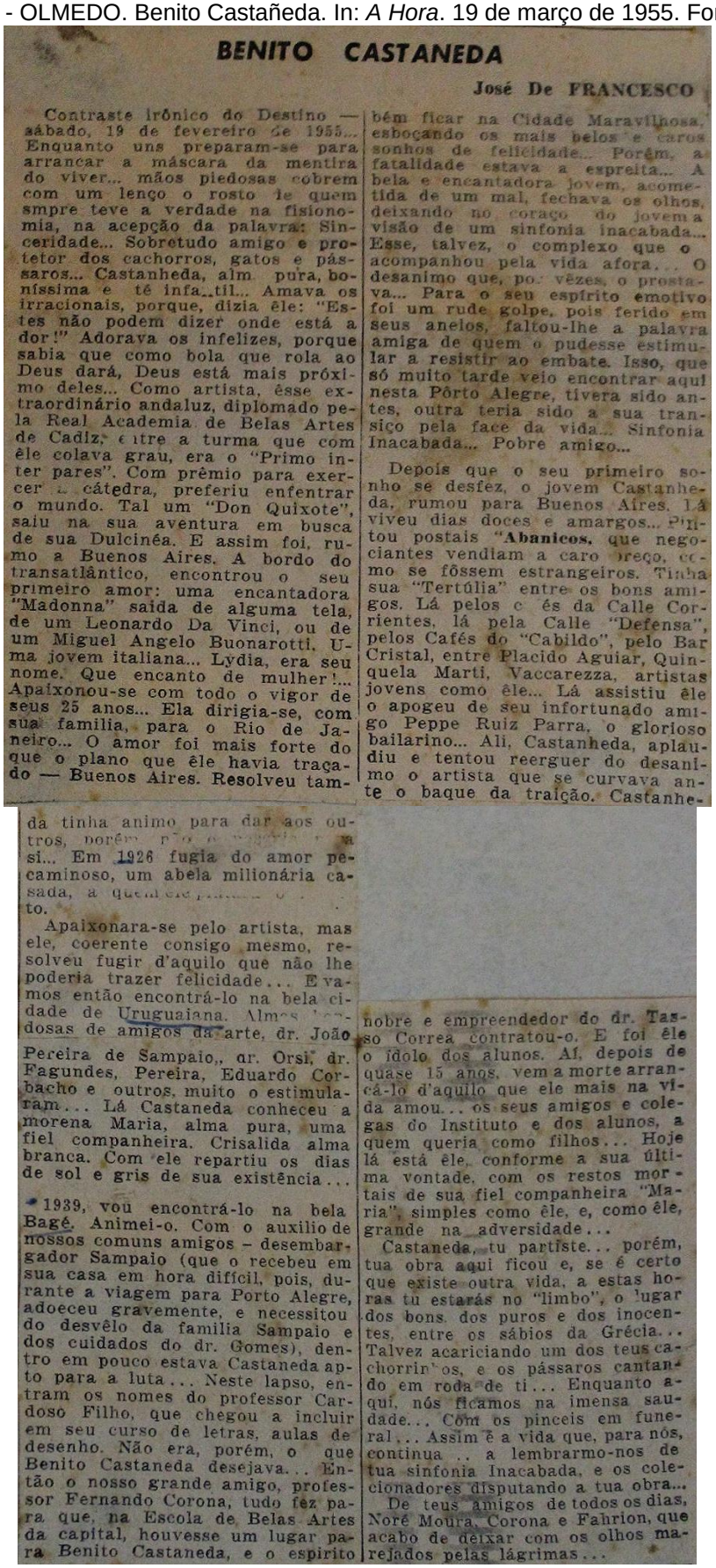
Há justamente um mês falecia nesta capital o pintor hespanhol Benito Mazon Castanheda que era professor de pintura do Instituto de Belas Artes. O professor Castanheda viveu metade de sua vida aqui no Rio Grande do Sul e durante todo êste tempo a sua alma generosa e livre soube encontrar a amizade e a estima de todos que com êle conviveram. Foi com grande pesar que soubemos de sua morte e não nos foi possível prestar-lhe as derradeiras homenagens porquanto nos achavamos no interior do Estado. Mas a lembrança daquele homem de alma simples e bondosa que irradiava tolerância e compreensão jamais sairá de nossa memoria. Para êle a vida foi uma luta contra as mesquinhas convenções que o seu temperamento de artista jamais aceitou. Dentro da sua natural modestia conquistava os alunos e os amigos. Adorava os seus gatos com afeto e carinho verdadeiros. Parece que estamos vendo o Professor Benito, depois de ter jantado num restaurante do centro, pedir um pedaço de papel e embrulhar os restos para os seus bichanos. Êste amor pelos animais não indicava nele um solitário. Pelo contrário. O professor Benito teve amigos leais e dedicados. Maria que foi a companheira que o destino lhe reservou e que soube dar-lhe o verdadeiro amor, cheio de despreendimento e abnegação. O desembargador Sampaio e sua família que foram incansáveis com sua amizade. O Sr. Noé Moura, o pintor De Francesco, o professor Corona e muitos outros.

CASTAÑEDA (Benito Mazon) — "Auto-retrato"

Agora o professor Benito descansa no seio da terra e a sua alma emotiva deve encontrar uma enorme compensação ao verificar a estima que soube conquistar entre estranhos. O seu exemplo de luta contra a adversidade da vida é algo grandioso e comovente. Soube manter a serenidade e o equilíbrio nos momentos difíceis que aliás são férteis em criaturas emotivas como êle. Soube fazer das desilusões e dos percalços de sua existência uma filosofia toda sua que ajudava a compreender e a aceitar as criaturas e as coisas. Soube ainda, o que é mais importante, deixar para os seus amigos e alunos uma lembrança imperecível de tolerância, paciência, bondade e compreensão.

SIM, NÃO. — Retrato da pintora Cléo Romero executado por Benito Castanheda em 1940. Com este trabalho o artista obteve Medalha no Salão de Arte realizado aquele ano. Na verdade é um dos melhores trabalhos deixado por Castanheda e, segundo fomos informados, um de seus quadros prediletos

Figura 46 - OLMEDO. Benito Castañeda. In: *A Hora*. 19 de março de 1955. Fonte: AHIA



BENITO CASTANEDA

José De FRANCESCO

Contraste irônico do Destino — sábado, 19 de fevereiro de 1955... Enquanto uns preparam-se para arrancar a máscara da mentira do viver... mãos piedosas cobrem com um lenço o rosto de quem smpre teve a verdade na fisionomia, na acepção da palavra: Sinceridade... Sobretudo amigo e protetor dos cachorros, gatos e pássaros... Castanheda, alm pura, bonissima e tê infa..til... Amava os irracionais, porque, dizia êle: "Estes não podem dizer onde está a dor!" Adorava os infelizes, porque sabia que como bola que rola ao Deus dará, Deus está mais próximo deles... Como artista, êsse extraordinário andaluz, diplomado pela Real Academia de Belas Artes de Cadiz, entre a turma que com êle colava grau, era o "Primo inter pares". Com prêmio para exercer a cátedra, preferiu enfentrar o mundo. Tal um "Don Quixote", saiu na sua aventura em busca de sua Dulcinéa. E assim foi, rumo a Buenos Aires. A bordo do transatlântico, encontrou o seu primeiro amor: uma encantadora "Madonna" saida de alguma tela, de um Leonardo Da Vinci, ou de um Miguel Angelo Buonarotti. Uma jovem italiana... Lydia, era seu nome. Que encanto de mulher!... Apaixonou-se com todo o vigor de seus 25 anos... Ela dirigia-se, com sua familia, para o Rio de Janeiro... O amor foi mais forte do que o plano que êle havia traçado — Buenos Aires. Resolveu também ficar na Cidade Maravilhosa, esboçando os mais belos e caros sonhos de felicidade... Porém, a fatalidade estava a espreita... A bela e encantadora jovem, acometida de um mal, fechava os olhos, deixando no coraço do jovem a visão de um sinfonia inacabada... Esse, talvez, o complexo que o acompanhou pela vida afora... O desanimo que, po vêzes, o prostava... Para o seu espírito emotivo foi um rude golpe, pois ferido em seus anelos, faltou-lhe a palavra amiga de quem o pudesse estimular a resistir ao embate. Isso, que só muito tarde veio encontrar aqui nesta Pôrto Alegre, tivera sido antes, outra teria sido a sua transiço pela face da vida... Sinfonia Inacabada... Pobre amigo...

Depois que o seu primeiro sonho se desfez, o jovem Castanheda, rumou para Buenos Aires. Lá viveu dias doces e amargos... Pintou postais "**Abanicos**, que negociantes vendiam a caro preço, como se fôssem estrangeiros. Tinha sua "Tertúlia" entre os bons amigos. Lá pelos c és da Calle Corrientes, lá pela Calle "Defensa", pelos Cafés do "Cabildo", pelo Bar Cristal, entre Placido Aguiar, Quinquela Marti, Vaccarezza, artistas jovens como êle... Lá assistiu êle o apogeu de seu infortunado amigo Peppe Ruiz Parra, o glorioso bailarino... Ali, Castanheda, aplaudiu e tentou reerguer do desanimo o artista que se curvava ante o baque da traição. Castanheda tinha animo para dar aos outros, porém [illegible] si... Em 1926 fugia do amor pecaminoso, um abela milionária casada, a quem [illegible] to.

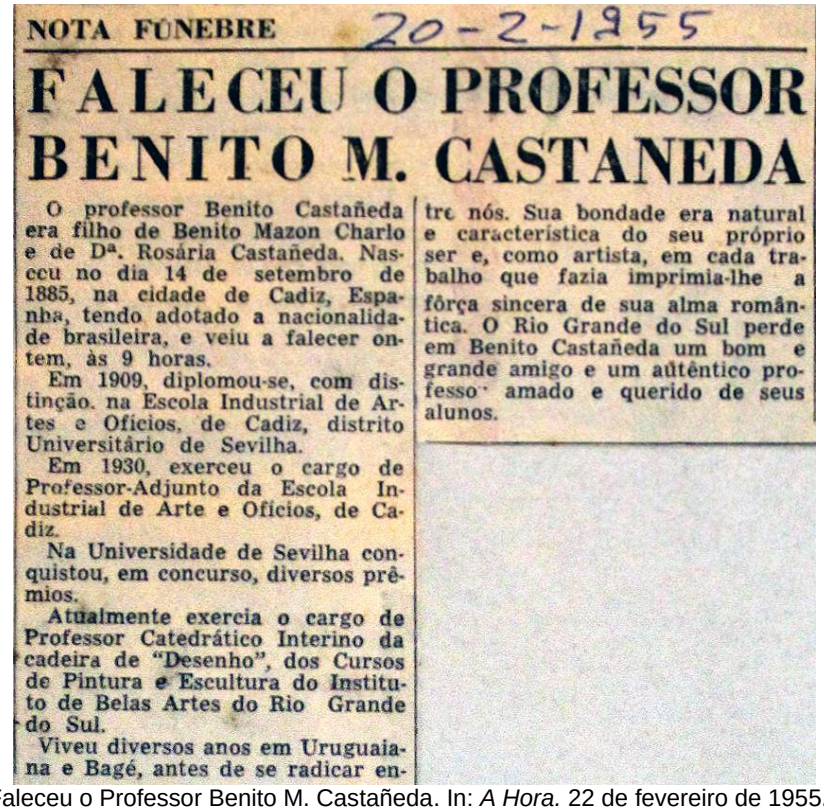
Apaixonara-se pelo artista, mas ele, coerente consigo mesmo, resolveu fugir d'aquilo que não lhe poderia trazer felicidade... E vamos então encontrá-lo na bela cidade de Uruguaiana. Almas bondosas de amigos da arte, dr. João Pereira de Sampaio,, dr. Orsi, dr. Fagundes, Pereira, Eduardo Corbacho e outros, muito o estimularam... Lá Castaneda conheceu a morena Maria, alma pura, uma fiel companheira. Crisalida alma branca. Com ele repartiu os dias de sol e gris de sua existência...

1939, vou encontrá-lo na bela Bagé. Animei-o. Com o auxilio de nossos comuns amigos – desembargador Sampaio (que o recebeu em sua casa em hora difícil, pois, durante a viagem para Porto Alegre, adoeceu gravemente, e necessitou do desvêlo da familia Sampaio e dos cuidados do dr. Gomes), dentro em pouco estava Castaneda apto para a luta... Neste lapso, entram os nomes do professor Cardoso Filho, que chegou a incluir em seu curso de letras, aulas de desenho. Não era, porém, o que Benito Castaneda desejava... Então o nosso grande amigo, professor Fernando Corona, tudo fez para que, na Escola de Belas Artes da capital, houvesse um lugar para Benito Castaneda, e o espirito nobre e empreendedor do dr. Tasso Correa contratou-o. E foi êle o ídolo dos alunos. Aí, depois de quase 15 anos, vem a morte arrancá-lo d'aquilo que ele mais na vida amou... os seus amigos e colegas do Instituto e dos alunos, a quem queria como filhos... Hoje lá está êle, conforme a sua última vontade, com os restos mortais de sua fiel companheira "Maria", simples como êle, e, como êle, grande na adversidade...

Castaneda, tu partiste... porém, tua obra aqui ficou e, se é certo que existe outra vida, a estas horas tu estarás no "limbo", o lugar dos bons, dos puros e dos inocentes, entre os sábios da Grécia... Talvez acariciando um dos teus cachorrinhos, e os pássaros cantando em roda de ti... Enquanto aqui, nós ficamos na imensa saudade... Com os pinceis em funeral... Assim é a vida que, para nós, continua .. a lembrarmo-nos de tua sinfonia Inacabada, e os colecionadores disputando a tua obra...

De teus amigos de todos os dias, Noré Moura, Corona e Fahrion, que acabo de deixar com os olhos marejados pelas lágrimas...

Figura 47 - FRANCESCO, José de. Benito Castañeda. In: *Correio do Povo*. 3 de março de 1955. Fonte: AHIA



NOTA FÚNEBRE 20-2-1955

FALECEU O PROFESSOR BENITO M. CASTANEDA

O professor Benito Castañeda era filho de Benito Mazon Charlo e de Dª. Rosária Castañeda. Nasceu no dia 14 de setembro de 1885, na cidade de Cadiz, Espanha, tendo adotado a nacionalidade brasileira, e veiu a falecer ontem, às 9 horas.

Em 1909, diplomou-se, com distinção. na Escola Industrial de Artes e Ofícios, de Cadiz, distrito Universitário de Sevilha.

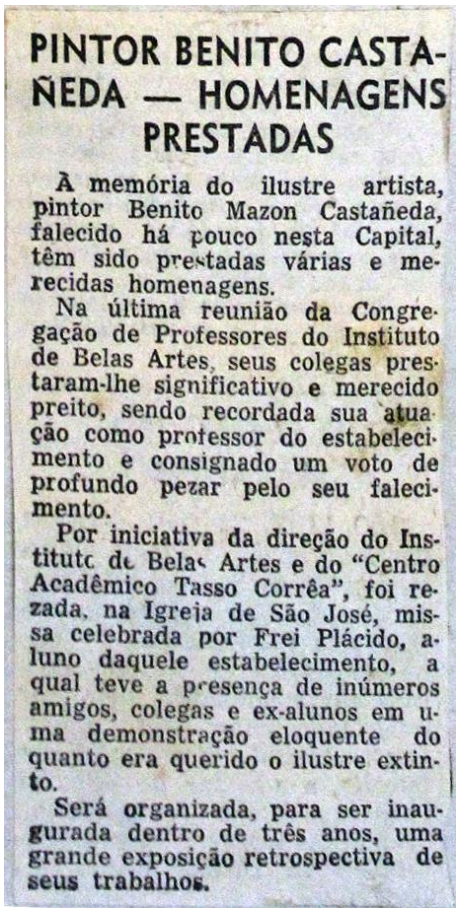
Em 1930, exerceu o cargo de Professor-Adjunto da Escola Industrial de Arte e Ofícios, de Cadiz.

Na Universidade de Sevilha conquistou, em concurso, diversos prêmios.

Atualmente exercia o cargo de Professor Catedrático Interino da cadeira de "Desenho", dos Cursos de Pintura e Escultura do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

Viveu diversos anos em Uruguaiana e Bagé, antes de se radicar entre nós. Sua bondade era natural e característica do seu próprio ser e, como artista, em cada trabalho que fazia imprimia-lhe a fôrça sincera de sua alma romântica. O Rio Grande do Sul perde em Benito Castañeda um bom e grande amigo e um autêntico professor amado e querido de seus alunos.

Figura 48 - Faleceu o Professor Benito M. Castañeda. In: *A Hora.* 22 de fevereiro de 1955. Fonte: AHIA



PINTOR BENITO CASTAÑEDA — HOMENAGENS PRESTADAS

À memória do ilustre artista, pintor Benito Mazon Castañeda, falecido há pouco nesta Capital, têm sido prestadas várias e merecidas homenagens.

Na última reunião da Congregação de Professores do Instituto de Belas Artes, seus colegas prestaram-lhe significativo e merecido preito, sendo recordada sua atuação como professor do estabelecimento e consignado um voto de profundo pezar pelo seu falecimento.

Por iniciativa da direção do Instituto de Belas Artes e do "Centro Acadêmico Tasso Corrêa", foi rezada, na Igreja de São José, missa celebrada por Frei Plácido, aluno daquele estabelecimento, a qual teve a presença de inúmeros amigos, colegas e ex-alunos em uma demonstração eloquente do quanto era querido o ilustre extinto.

Será organizada, para ser inaugurada dentro de três anos, uma grande exposição retrospectiva de seus trabalhos.

Figura 49 - Pintor Benito Castañeda – Homenagens prestadas. In: *A Hora*. 23 de março de 1955. Fonte: AHIA

Exposição Restrospectiva de Benito Castaneda

O Instituto de Belas Artes, no sentido de tornar mais conhecida de nosso público a obra deixada pelo pintor Benito Mazon Castañeda, recentemente falecido, além de outras homenagens já prestadas, promoverá, oportunamente, a realização de uma exposição de suas telas e desenhos.

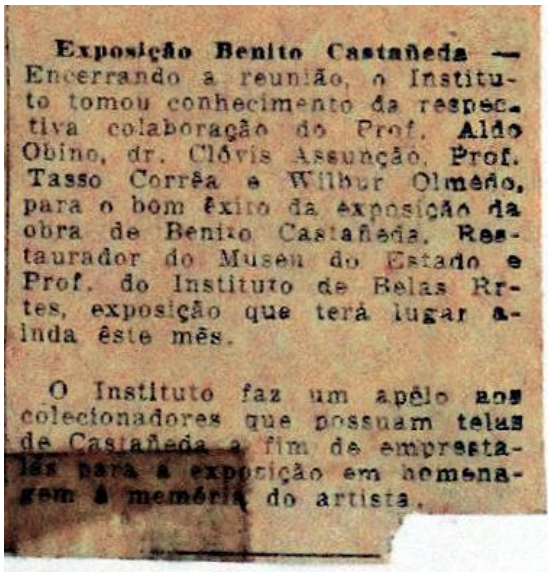
Para a consecução dêsse empreendimento a direção do Instituto designou o professor Fernando Corona, que já está elaborando o plano necessário para êsse fim.

Sendo esparsa e não muito numerosa a obra dêsse ilustre pintor espanhol, o trabalho será árduo, uma vez que grande parte se encontra no interior do Estado e a outra, a mais numerosa, necessita de limpêsa e ligeira restauração.

Assim, a iniciativa do Instituto só se realizará, possivelmente, por ocasião da comemoração do primeiro ou segundo aniversário da sua morte.

Solicite pelo fone 2-47-63 uma assinatura anual de "A HORA" e receba, diàriamente, nosso jornal em vossa casa.

Figura 50 - Exposição retrospectiva de Benito Castaneda. In: *A Hora*. 10 de abril de 1955. Fonte: AHIA



Exposição Benito Castañeda — Encerrando a reunião, o Instituto tomou conhecimento da respectiva colaboração do Prof. Aldo Obino, dr. Clóvis Assunção, Prof. Tasso Corrêa e Wilbur Olmedo, para o bom êxito da exposição da obra de Benito Castañeda, Restaurador do Museu do Estado e Prof. do Instituto de Belas Artes, exposição que terá lugar ainda êste mês.

O Instituto faz um apêlo aos colecionadores que possuam telas de Castañeda a fim de emprestá-las para a exposição em homenagem à memória do artista.

Figura 51 - Exposição Benito Castañeda. In: *Correio do Povo*. 10 de abril de 1955. Fonte: AHIA

Retrospectiva de Benito Castaneda

O Instituto de Belas Artes, no sentido de tornar mais conhecida de nosso publico a obra deixada pelo pintor Benito Mazon Castaneda, recentemente falecido, além de outras homenagens já prestadas, promoverá, oportunamente, a realização de uma exposição de suas telas e desenhos. Para a consecução dêsse empreendimento a direção do Instituto designou o professor Fernando Corona, que já está elaborando o plano necessário para êsse fim. Sendo esparsa e não muito numerosa a obra desse ilustre pintor espanhol, o trabalho será árduo, uma vez que grande parte se encontra no interior do Estado e a outra, a mais numerosa, necessita de limpeza e ligeira restauração. Assim, a iniciativa do Instituto só se realizará, possivelmente, por ocasião da comemoração do primeiro ou segundo aniversário da sua morte.

Figura 52 - Retrospectiva de Benito Castaneda. In: *Diário de Notícias*. 10 de abril de 1955. Fonte: AHIA

13/3/55 DIÁRIO DE NOTÍCIAS

TEATRO

"TENGO GANAS DE PINTAR"

Texto e foto de Carlos GALVÃO KREBS

FOI-SE o boêmio Benito Mazon y Castañeda. E se foi na pior das oportunidades: sábado de verão, véspera de carnaval. A cidade inteira se abandonava aos folguedos de Mômo. Seus alunos estavam dispersos. Seus amigos mais chegados, na praia ou na serra. Foi-se, ele que tanto se apegava à vida:

— E o médico disser que eu deixe de fumar, deixo. Se disser que deixe de beber, deixo também — afirmara dias antes.

Abandonar sua dose de alcool, cremos nós, seria o supremo sacrifício. Mas não se pense que, por viver bebericando, mestre Castañeda esquecesse as suas responsabilidades. Pelo contrário, em assiduidade e devotamento ao ensino, nenhum professor do Instituto de Belas Artes lhe levava a palma. Ainda mais: possuia aquela divina centelha que atrai, ampara e estimula o aluno, qualidade muito mais rara do que se imagina. Além do enorme circulo de suas relações entre artistas e fora do ambiente artistico, cada aluno seu era um amigo incondicional. Amigo e admirador fervoroso. Sentimentos que despertava menos por sua palheta, talvez não muito limpa. Mas principalmente por suas qualidades humanas. Pudera não: o boêmio é justamente o homem mais cordial e mais compreensivo do mundo.

COM sua boina preta, gravata borboleta, uma roupa surrada frequentemente de cor indefinivel, a bengala de cerejeira, descuidado totalmente de seu traje, mas conservando sempre aquele sorriso aberto e as mãos prontas para o abraço cordial — viveu êle seus últimos anos em Pôrto Alegre. De dia, ensinava. De noite, após a janta, uma partidinha de bilhar com o desembargador João Pereira de Sampaio e Noé Moura, no Clube do Comércio, antes de recolher. Fora das aulas, estava sempre ao lado do copo. E houve tempo em que lecionava de noite também. Que saibamos, foi o unico professor do Instituto de Belas Artes que recebia uma consagração no dia de seu aniversário: os alunos se quotizavam e lhe ofereciam um presente. Retribuia proporcionando-lhes um dia de pintura e alegria nas Três Figueiras, por exemplo. E era de ver-se o orgulho e a felicidade do mestre, narrando o fato com um sorriso de vitoria estampado pela emoção.

— Veja, esta é a minha familia!

Dom Benito era um homem só, apesar de ter tido em outras épocas a sua Maria, companheira que o céu roubou bem cedo, e que êle nunca esqueceu. Deve ter sido uma grande mulher. Até a morte falava dela com carinho, com verdadeira devoção. Maria era mulata escura. Pegaram na alça do seu caixão Tasso Corrêa, João Pereira de Sampaio e senhora (que vestiu a morta), além do mestre Castanheda. Gesto que Castanheda jamais esqueceu.

Morto e enterrado Dom Benito (os mesmos amigos à roda), voltamos da praia com o coração amargurado. Por ter perdido o amigo e o mestre. E com uma dúvida angustiante — teria êle ou não preenchido aquele questionário de cinquenta perguntas? E questionário que anos atrás distribuimos entre alguns artistas da capital. A memória só lembrava que certo dia o levamos para almocar conosco. Dom Benito terminou rindo gostosamente ao dar vinho do seu cálice para a Negrinha, uma vira-lata que acampara lá por casa. Dai por diante, tôda a tarde, dividiu seu vinho com ela. Mas do questionário nada lembrávamos. Mal desembarcado, ainda sem banho, fomos ao arquivo à busca do questionário. Lá estava êle, preenchido de principio a fim e datado em 3 de Julho de 1948. Êle ditara as respostas para nós, após aquele almôço. Datilografamos tudo e Dom Benito assinou.

E' êste questionário que publicamos hoje, em homenagem ao mestre morto e como subsidio para o estudo de sua biografia e de sua arte. Seremos absolutamente fiéis. Apenas lhe daremos forma jornalistica, omitindo também os quesitos de menor interêsse.

P — Entre seus antepassados houve algum artista? Qual o laço de parentesco?

R — Sem ser artista, meu pai tinha afeto, amor à pintura.

P — Em sua opinião, ou segundo a critica autorizada ou tradição de familia — foi medíocre, bom ou ótimo artista?

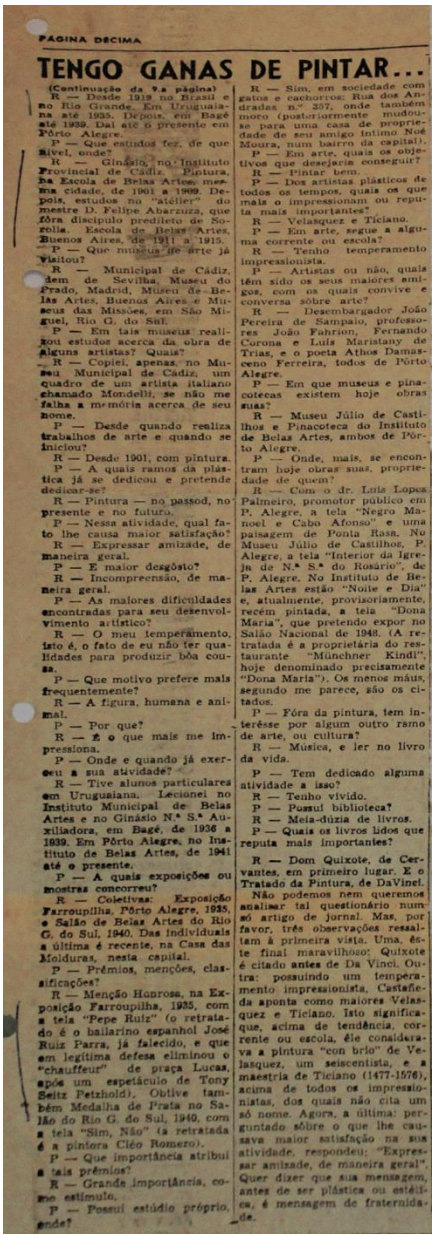
R — Mediocre. Não obstante realizou maravilhosas cópias de quadros de museu, ressaltando-se as cópias de Zurbarán.

P — Desde quando está no Brasil e no Rio G. do Sul?

(Continua na 10.ª página)

Carmem Espinosa, avós maternos. Todos espanhóis.

Benito Manzon Castañeda (1885-1955. Castañeda pinta as ruinas de São Miguel, na única viagem de estudos em que tomou parte: a dos cursos de Artes Plásticas e de Aquitetura, do Instituto de Belas Artes, em julho de 1947. Na volta os caravaneiros realizaram no "Centro Acadêmico Taso Corrêa" uma exposição dos trabalhos de viagem. Na decoração figurava uma grande palheta com a legenda "Tenho ganas de pintar", alusiva a Dom Benito. Tal decoração foi o início da carreira do decorador gaucho Lalo Florêncio Braga.



PAGINA DECIMA

TENGO GANAS DE PINTAR...

(Continuação da 9.a página)

R — Desde 1919 no Brasil e no Rio Grande. Em Uruguaiana até 1935. Depois, em Bagé até 1939. Dai até o presente em Pôrto Alegre.

P — Que estudos fez, de que nivel, onde?

R — Ginásio, no Instituto Provincial de Cádiz. Pintura, na Escola de Belas Artes, mesma cidade, de 1901 a 1909. Depois, estudos no "atelier" do mestre D. Felipe Abarzuza, que fôra discipulo predileto de Sorolla. Escola de Belas Artes, Buenos Aires, de 1911 a 1915.

P — Que museus de arte já visitou?

R — Municipal de Cádiz, idem de Sevilha, Museu do Prado, Madrid, Museu de Belas Artes, Buenos Aires e Museus das Missões, em São Miguel, Rio G. do Sul.

P — Em tais museus realizou estudos acerca da obra de alguns artistas? Quais?

R — Copiei, apenas, no Museu Municipal de Cádiz, um quadro de um artista italiano chamado Mondelli, se não me falha a memória acerca de seu nome.

P — Desde quando realiza trabalhos de arte e quando se iniciou?

R — Desde 1901, com pintura.

P — A quais ramos da plástica já se dedicou e pretende dedicar-se?

R — Pintura — no passod, no presente e no futuro.

P — Nessa atividade, qual fato lhe causa maior satisfação?

R — Expressar amizade, de maneira geral.

P — E maior desgôsto?

R — Incompreensão, de maneira geral.

P — As maiores dificuldades encontradas para seu desenvolvimento artistico?

R — O meu temperamento, isto é, o fato de eu não ter qualidades para produzir bôa coisa.

P — Que motivo prefere mais frequentemente?

R — A figura, humana e animal.

P — Por que?

R — É o que mais me impressiona.

P — Onde e quando já exerceu a sua atividade?

R — Tive alunos particulares em Uruguaiana. Lecionei no Instituto Municipal de Belas Artes e no Ginásio N.ª S.ª Auxiliadora, em Bagé, de 1936 a 1939. Em Pôrto Alegre, no Instituto de Belas Artes, de 1941 até o presente.

P — A quais exposições ou mostras concorreu?

R — Coletivas: Exposição Farroupilha, Pôrto Alegre, 1935, e Salão de Belas Artes do Rio G. do Sul, 1940. Das individuais a última é recente, na Casa das Molduras, nesta capital.

P — Prêmios, menções, classificações?

R — Menção Honrosa, na Exposição Farroupilha, 1935, com a tela "Pepe Ruiz" (o retratado é o bailarino espanhol José Ruiz Parra, já falecido, e que em legitima defesa eliminou o "chauffeur" de praça Lucas, após um espetáculo de Tony Seitz Petzhold). Obtive também Medalha de Prata no Salão do Rio G. do Sul, 1940, com a tela "Sim, Não" (a retratada é a pintora Cléo Romero).

P — Que importância atribui a tais prêmios?

R — Grande importância, como estimulo.

P — Possui estúdio próprio, onde?

R — Sim, em sociedade com gatos e cachorros: Rua dos Andradas n.º 257, onde também moro (posteriormente mudou-se para uma casa de propriedade de seu amigo intimo Noé Moura, num bairro da capital).

P — Em arte, quais os objetivos que desejaria conseguir?

R — Pintar bem.

P — Dos artistas plásticos de todos os tempos, quais os que mais o impressionam ou reputa mais importantes?

R — Velasquez e Ticiano.

P — Em arte, segue a alguma corrente ou escola?

R — Tenho temperamento impressionista.

P — Artistas ou não, quais têm sido os seus maiores amigos, com os quais convive e converса sôbre arte?

R — Desembargador João Pereira de Sampaio, professores João Fahrion, Fernando Corona e Luis Maristany de Trias, e o poeta Athos Damasceno Ferreira, todos de Pôrto Alegre.

P — Em que museus e pinacotecas existem hoje obras suas?

R — Museu Júlio de Castilhos e Pinacoteca do Instituto de Belas Artes, ambos de Pôrto Alegre.

P — Onde, mais, se encontram hoje obras suas, propriedade de quem?

R — Com o dr. Luiz Lopes Palmeiro, promotor público em P. Alegre, a tela "Negro Manoel e Cabo Afonso" e uma paisagem de Ponta Rasa. No Museu Júlio de Castilhos, P. Alegre, a tela "Interior da Igreja de N.ª S.ª do Rosário", de P. Alegre. No Instituto de Belas Artes estão "Noite e Dia" e, atualmente, provisoriamente, recém pintada, a tela "Dona Maria", que pretendo expor no Salão Nacional de 1948. (A retratada é a proprietária do restaurante "Münchner Kindl", hoje denominado precisamente "Dona Maria"). Os menos máus, segundo me parece, são os citados.

P — Fóra da pintura, tem interêsse por algum outro ramo de arte, ou cultura?

R — Música, e ler no livro da vida.

P — Tem dedicado alguma atividade a isso?

R — Tenho vivido.

P — Possui biblioteca?

R — Meia-dúzia de livros.

P — Quais os livros lidos que reputa mais importantes?

R — Dom Quixote, de Cervantes, em primeiro lugar. E o Tratado da Pintura, de DaVinci.

Não podemos nem queremos analisar tal questionário num só artigo de jornal. Mas, por favor, três observações ressaltam à primeira vista. Uma, êste final maravilhoso: Quixote é citado antes de Da Vinci. Outra: possuindo um temperamento impressionista, Castañeda aponta como maiores Velasquez e Ticiano. Isto significa que, acima de tendência, corrente ou escola, êle considerava a pintura "con brio" de Velasquez, um seiscentista, e a maestria de Ticiano (1477-1576), acima de todos os impressionistas, dos quais não cita um só nome. Agora, a última: perguntado sôbre o que lhe causava maior satisfação na sua atividade, respondeu: "Expressar amizade, de maneira geral". Quer dizer que sua mensagem, antes de ser plástica ou estética, é mensagem de fraternidade.

Figura 53 e 54 - KREBS, Carlos Galvão. “Tengo Ganas de pintar”. In: *Diário de Notícias*. 13 de março de 1955. Fonte: AHIA

Transcrição[34]:

TENGO GANAS DE PINTAR – texto e foto de Carlos Galvão Krebs

Foi-se o boêmio Benito Mazon y Castañeda. E se foi na pior das oportunidades: sábado de verão, véspera de carnaval. A cidade inteira se abandonava aos folguedos de Momo. Seus alunos estavam dispersos. Seus amigos mais chegados, na praia ou na serra. Foi-se, ele que tanto se apegava à

[34] A transcrição deve-se ao tamanho do texto e para facilitar a leitura, tendo-se em vista que o recorte não se encontra em perfeito estado de conservação. A exceção de pequenas alterações com relação à gramática do português atual foi mantido o texto original publicado.

vida: *E se o médico disser que eu deixe de fumar, deixo. Se disser que deixe de beber, deixo também* – afirmara dias antes.

Abandonar sua dose de álcool, cremos nós, seria o supremo sacrifício. Mas não pense que, por viver bebericando, mestre Castañeda esquecesse as suas responsabilidades. Pelo contrário, em assiduidade e devotamento ao ensino, nenhum professor do Instituto de Belas Artes lhe levava a palma[35]. Ainda mais: possuía aquela divina centelha que atrai, ampara e estimula o aluno, qualidade muito mais rara do que se imagina. Além do enorme círculo de suas relações entre artistas e fora do ambiente artístico, cada aluno seu era um amigo incondicional. Amigo e admirador fervoroso. Sentimentos que despertava menos por sua palheta, talvez não muito limpa. Mas principalmente por suas qualidades humanas. Pudera não: o boêmio é justamente o homem mais cordial e mais compreensivo do mundo.

Com sua boina preta, gravata borboleta, uma roupa surrada frequentemente de cor indefinível, a bengala de cerejeira, descuidado totalmente de seu traje, mas conservando sempre aquele sorriso aberto e as mãos prontas para o abraço cordial – viveu ele seus últimos anos em Porto Alegre. De dia, ensinava. De noite, após a janta, uma partidinha de bilhar com o desembargador João Pereira de Sampaio e Noé Moura, no Clube do Comércio, antes de se recolher. Fora das aulas, estava sempre ao lado do copo. E houve tempo em que lecionava de noite também. Que saibamos, foi o único professor do Instituto de Belas Artes que recebia uma consagração no dia de seu aniversário: os alunos se quotizavam e lhe ofereciam um presente. Retribuía proporcionando-lhes um dia de pintura e alegria nas Três Figueiras, por exemplo. E era de ver-se o orgulho e felicidade do mestre, narrando com um sorriso de olhos embaçados pela emoção: – *Veja, esta é minha família!*

Don Benito era um homem só, apesar de ter tido em outras épocas a sua Maria, companheira que o céu roubou bem cedo, e que ele nunca esqueceu. Deve ter sido uma grande mulher. Até a morte falava dela com carinho, com verdadeira devoção. Maria era mulata escura. Pegaram na alça de seu caixão

[35] Segundo o dicionário de Língua Portuguesa Michaelis, a expressão “levar a palma” pode significar: *avantajar-se; alcançar a vitória; distinguir-se, salientar-se.*

Tasso Corrêa, João Pereira de Sampaio e senhora (que vestiu a morta), além do mestre Castañeda. Gesto que Castañeda jamais esqueceu.

Morto e enterrado Don Benito (os mesmos amigos à roda), voltamos da praia com o coração amargurado. Por ter perdido o amigo e o mestre. E com uma dúvida angustiante – teria ele ou não preenchido aquele questionário de cinquenta perguntas? É questionário que anos atrás distribuímos entre alguns artistas da capital. A memória só lembrava que certo dia o levamos para almoçar conosco. Don Benito terminou rindo gostosamente ao dar vinho do seu cálice para a Negrinha, uma vira-lata que acampara lá por casa. Daí por diante, toda a tarde, dividiu seu vinho com ela. Mas do questionário nada lembrávamos. Mal desembarcado, ainda sem banho, fomos ao arquivo à busca do questionário. Lá estava ele, preenchido de princípio ao fim e datado em 3 de julho de 1948. Ele ditara as respostas para nós, após aquele almoço. Datilografamos tudo e Don Benito assinou.

É este questionário que publicamos hoje, em, homenagem ao mestre morto e como subsídio para o estudo de sua biografia e de sua arte. Seremos absolutamente fiéis. Apenas lhe daremos forma jornalística, omitindo também os quesitos de menor interesse.

P – Entre seus antepassados, houve algum artista? Qual o laço de parentesco?
R – Sem ser artista, meu pai tinha afeto, amor à pintura. Carmem Espinosa, avós maternos. Todos espanhóis.

P – Em sua opinião, ou segundo a crítica autorizada ou tradição de família – foi medíocre, bom ou ótimo artista?
R – Medíocre. Não obstante, realizou maravilhosas cópias de quadros de museu, ressaltando-se as cópias de Zurbarán.

P – Desde quando está no Brasil e no Rio Grande do Sul?
R – Desde 1919 no Brasil e no Rio Grande. Em Uruguaiana até 1935. Depois, em Bagé até 1939. Daí até o presente em Porto Alegre

P – Que estudos fez, de que nível, onde?

R – Ginásio no Instituto Provincial de Cádis. Pintura, na Escola de Belas Artes, mesma cidade, de 1901 a 1909. Depois, estudos no ateliê do mestre D. Felipe Abarzuza, que fora discípulo predileto de Sorolla. Escola de Belas Artes, Buenos Aires, de 1911 a 1915.

P – Que museus de arte já visitou?
R- Municipal de Cádis, idem de Sevilha, Museu do Prado em Madri, Museu de Belas Artes em Buenos Aires e Museus das Missões, em São Miguel, Rio Grande do Sul.

P – Em tais museus realizou estudos acerca da obra de alguns artistas? Quais?
R – Copiei, apenas, no Museu Municipal de Cádis, um quadro de um artista italiano chamado Mondelli, se não me falha a memória acerca de seu nome.

P – Desde quando realiza trabalhos de arte e quando se iniciou?
R – Desde 1901, com pintura.

P – A quais ramos da plástica já se dedicou e pretende dedicar-se?
R – Pintura – no passado, no presente e no futuro.

P – Nessa atividade, qual fato lhe causa maior satisfação?
R – Expressar amizade, de maneira geral.

P – E maior desgosto?
R – Incompreensão, de maneira geral.

P – As maiores dificuldades encontradas para seu desenvolvimento artístico?
R – O meu temperamento, isto é, o fato de eu não ter qualidades para produzir boa coisa.

P – Que motivo prefere mais frequentemente?
R – A figura, humana e animal.

P – Por quê?

R – É o que mais me impressiona.

P – Onde e quando já exerceu a sua atividade?

R – Tive alunos particulares em Uruguaiana. Lecionei no Instituto Municipal de Belas Artes e no Ginásio N.ª S.ª Auxiliadora, em Bagé, de 1936 a 1939. Em Porto Alegre, no Instituto de Belas Artes, de 1941 até o presente.

P – A quais exposições ou mostras concorreu?

R – Coletivas: Exposição Farroupilha, Porto Alegre, 1935, e Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, 1940. Das individuais a última é recente, nas Casa das Molduras, nesta capital.

P – Prêmios, menções, classificações?

R – Menção Honrosa na Exposição Farroupilha, 1935, com a tela “Pepe Ruiz” (o retrato é do bailarino espanhol José Ruiz Parra, já falecido, e que em legítima defesa eliminou o “chauffeur” de praça Lucas, após um espetáculo de Tony Seitrz Petzhold). Obtive também Medalha de Prata no Salão do Rio Grande do Sul, 1940, com a tela “Sim, Não” (a retratada é a pintora Cléo Romero).

P – Que importância atribui a tais prêmios?

R – Grande importância, como estímulo.

P – Possui estúdio próprio, onde?

R – Sim, em sociedade com gatos e cachorros: Rua dos Andradas, nº 357, onde também moro (posteriormente mudou-se para uma casa de propriedade de seu amigo íntimo Noé Moura, num bairro da capital).

P – Em arte, quais os objetivos que desejaria conseguir?

R – Pintar bem.

R – Dos artistas plásticos de todos os tempos, quais o que mais o impressionaram ou reputa mais importantes?

R – Velasquez e Ticiano.

P – Em arte, segue a alguma corrente ou escola?
R – Tenho temperamento impressionista.

P – Artistas ou não, quais tem sido os seus maiores amigos, com os quais convive e conversa sobre arte?
R – Desembargador João Pereira de Sampaio, professores João Fahrion, Fernando Corona e Luis Maristany de Trias, e o poeta Athos Damasceno Ferreira, todos de Porto Alegre.

P – Em que museus e pinacotecas existem obras suas?
R – Museu Júlio de Castilhos e Pinacoteca do Instituto de Artes, ambos em Porto Alegre.

P – Onde mais se encontram hoje obras suas, propriedades de quem?
R – Com o Dr. Luis Lopes Palmeiro, promotor público em Porto Alegre, a tela "Negro Manoel e Cabo Afonso" e uma paisagem de Ponta Rasa. No Museu Júlio de Castilhos, Porto Alegre, a tela "Interior da Igreja de N.ª S.ª do Rosário", de Porto Alegre. No Instituto de Belas Artes estão "Noite e Dia" e, atualmente, provisoriamente, recém pintada, a tela "Dona Maria", que pretendo expor no Salão Nacional de 1948. (A retratada é a proprietária do restaurante "Müncher Kindl", hoje denominado precisamente "Dona Maria"). Os menos maus, segundo me parece, são os citados.

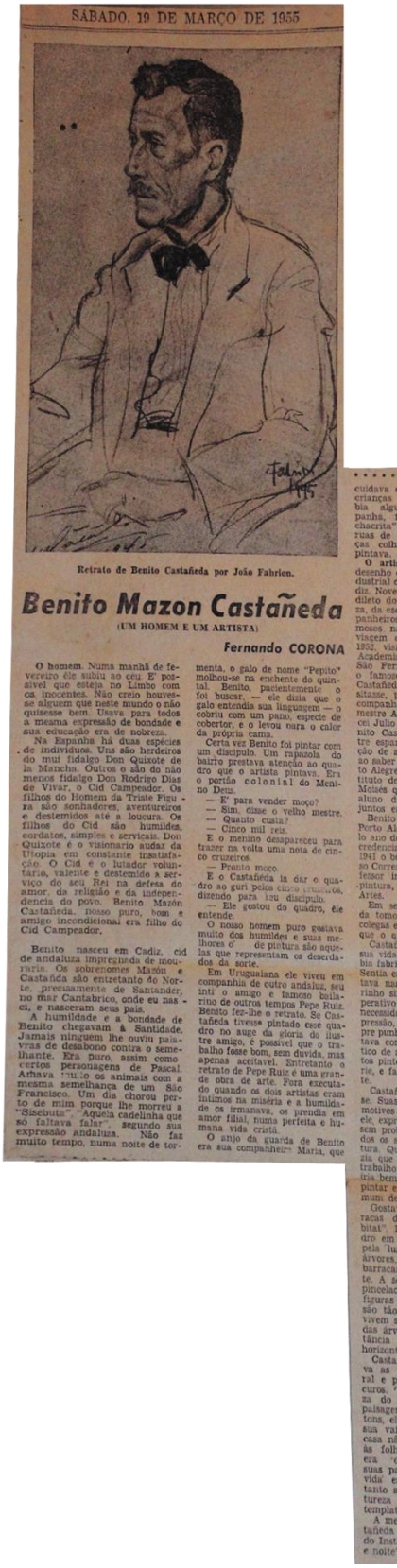
P – Fora da pintura, tem interesse por algum outro ramo de arte, ou cultura?
R – Música, e ler no livro da vida.

P – Tem dedicado alguma atividade a isso?
R – Tenho vivido.

P – Possui biblioteca?
R – Meia dúzia de livros.

P – Quais os livros lidos que reputa mais importantes?
R – Don Quixote, de Cervantes, em primeiro lugar. E o Tratado da Pintura, de Da Vinci.

Não podemos e nem queremos analisar tal questionário num só artigo de jornal. Mas, por favor, três observações ressaltam à primeira vista. Uma, este final maravilhoso: Quixote é citado antes de Da Vinci. Outra: possuindo um temperamento impressionista, Castañeda aponta como maiores Velasquez e Ticiano. Isto significa que, acima de tendência, corrente ou escola, ele considerava a pintura "com brio" de Velasquez, um seiscentista, e a maestria de Ticiano (1477-1576), acima de todos os impressionistas, dos quais não cita um só nome. Agora, a última: perguntado sobre o que lhe causava maior satisfação na sua atividade, respondeu: "Expressar amizade, de maneira geral". Quer dizer que sua mensagem, antes de ser plástica ou estética, é a mensagem de fraternidade.



SÁBADO, 19 DE MARÇO DE 1955

Retrato de Benito Castañeda por João Fahrion.

Benito Mazon Castañeda

(UM HOMEM E UM ARTISTA)

Fernando CORONA

O homem. Numa manhã de fevereiro êle subiu ao céu. E' possível que esteja no Limbo com as inocentes. Não creio houvesse alguem que neste mundo o não quisesse bem. Usava para todos a mesma expressão de bondade e sua educação era de nobreza.

Na Espanha há duas espécies de individuos. Uns são herdeiros do mui fidalgo Don Quixote de la Mancha. Outros o são do não menos fidalgo Don Rodrigo Dias de Vivar, o Cid Campeador. Os filhos do Homem da Triste Figura são sonhadores, aventureiros e destemidos até a loucura. Os filhos do Cid são humildes, cordatos, simples e servicais. Don Quixote é o visionario audaz da Utopia em constante insatisfação. O Cid é o lutador voluntário, valente e destemido a serviço do seu Rei na defesa do amor, da religião e da independencia do povo. Benito Mazón Castañeda, nosso puro, bom e amigo incondicional era filho do Cid Campeador.

Benito nasceu em Cadiz, cid de andaluza impregnada de mouraria. Os sobrenomes Mazón e Castañda são entretanto do Norte, precisamente de Santander, no mar Cantabrico, onde eu nasci, e nasceram seus pais.

A humildade e a bondade de Benito chegavam à Santidade. Jamais ninguem lhe ouviu palavras de desabono contra o semelhante. Era puro, assim como certos personagens de Pascal. Amava muito os animais com a mesma semelhança de um São Francisco. Um dia chorou perto de mim porque lhe morreu a "Sisebuto". "Aquela cadelinha que só faltava falar", segundo sua expressão andaluza. Não faz muito tempo, numa noite de tormenta, o galo de nome "Pepito" molhou-se na enchente do quintal. Benito, pacientemente o foi buscar, — ele dizia que o galo entendia sua linguagem — o cobriu com um pano, especie de cobertor, e o levou para o calor da própria cama.

Certa vez Benito foi pintar com um discipulo. Um rapazola do bairro prestava atenção ao quadro que o artista pintava. Era o portão colonial do Menino Deus.

— E' para vender moço?

— Sim, disse o velho mestre.

— Quanto custa?

— Cinco mil reis.

E o menino desapareceu para trazer na volta uma nota de cinco cruzeiros.

— Pronto moço.

E o Castañeda lá dar o quadro ao guri pelos cinco cruzeiros, dizendo para seu discipulo.

Ele gostou do quadro, êle entende.

O nosso homem puro gostava muito dos humildes e suas melhores o de pintura são aquelas que representam os deserdados da sorte.

Em Uruguaiana ele viveu em companhia de outro andaluz, seu inti o amigo e famoso bailarino de outros tempos Pepe Ruiz. Benito fez-lhe o retrato. Se Castañeda tivesse pintado esse quadro no auge da gloria do lustre amigo, é possivel que o trabalho fosse bom, sem duvida, mas apenas aceitavel. Entretanto o retrato de Pepe Ruiz é uma grande obra de arte. Fora executado quando os dois artistas eram intimos na miséria e a humildade os irmanava, os privadia em amor filial, numa perfeita e humana vida cristã.

O anjo da guarda de Benito era sua companheira Maria, que cuidava de ambos como a duas crianças boas. Benito, que recebia algum dinheiro da Espanha, financiava a "pequena chacrita" e Ruiz vendia pelas ruas de Uruguaiana as hortaliças colhidas, enquanto Benito pintava.

O artista. Castaneda estudou desenho e pintura na Escola Industrial de Artes e Ofícios de Cadiz. Nove anos êle foi aluno predileto do grande pintor Abarzuza, da escola de Sorolla. Os companheiros de Benito são hoje famosos na Espanha. Na minha viagem de estudos que fiz em 1952, visitei em Madrid a Real Academia de Belas Artes de São Fernando onde é Diretor o famoso pintor Julio Moisés. Castañeda pedira-me que o visitasse, porque Moisés fôra seu companheiro diario na escola do mestre Abaruza. Quando eu abra cei Julio Moisés em nome de Benito Castañeda, o famoso mestre espanhol sentiu rara sensação de alegria e ficou satisfeito ao saber que Benito era em Porto Alegre professor do nosso Instituto de Belas Artes. Disse-me Moisés que Benito era o melhor aluno da turma. Trabalharam juntos em restaurações.

Benito Castañeda, apareceu em Porto Alegre, vindo de Bagé pelo ano de 1935. Eu conhecia suas credenciais como artista, e em 1941 o benemerito professor Tasso Correa o amparava, como professor interino para desenho e pintura, no Instituto de Belas Artes.

Em seguida o Prof. Castañeda tomou lugar no coração dos colegas e muito mais no dos aluno que o queriam com adoração.

Castañeda pintou pouco em sua vida de artista. Ele não sabia fabricar quadros para vender. Sentia emoções que êle transportava nas telas com amor e carinho simplesmente por um imperativo biológico de quem sente necessidade de expor uma expressão, um sentimento. Ele sempre punha em duvida, e não acertava compreender o valor artistico de alguma exposição de certos pintores, que pintam em série, e fazem comercio com a arte.

Castañeda era pintor de classe. Suas obras são momentos motivos de uma verdade que ele expressava como muito sua, sem problemas. Ele conhecia todos os segredos da arte da pintura. Quantas vezes ele me dizia que não sabia nunca se um trabalho em andamento lhe saia bem. Ele dizia que não sabia pintar e tinha pavor à frase comum de "pintor com tecnica".

Gostava muito de pintar barracas de ciganos em seu "habitat". Lembro-me de um quadro em que os verdes, filtrados pela luz da tarde, através das árvores, sombreiam a lona das barracas com transparencia quente. A sombra é acolhedora. As pinceladas impressionistas das figuras que animam a paisagem são tão acertadas em tons, que vivem soltas na tela. Os troncos das árvores têm relevo e a distância em neblina se perde no horizonte.

Castañeda ao pintar, manchava as telas com entonação geral e pouca tinta, em tons escuros. "consegui, assim, a leveza do que se chama "ar na paisagem". Na valorização de tona, ele sabia dar impressão da sua validade. A parede de uma casa não é igual ao tronco nem às folhas de uma árvore. Ele era est ante a natureza e suas paisagens tinham sem duvida esse quê emocional que tanto aproxima o homem à natureza quando em estado contemplativo.

A melhor obra de Benito Castañeda faz parte da Pinacoteca do Instituto de Belas Artes. "Dia e noite" é o titulo. Esta obra primou amigo e colega a categoria de grande pintor. Neste quadro, pintado em Uruguaiana, Benito sentiu a arte, emocionado, ante a desgraça alheia. E' a arte em função social. O cego de perfil vai confiado, apoiando sua mão esquerda em forma de garra sobre o ombro do menino bom de olhos negros e bonitos. Olha para a gente sem nada pedir. A expressão do pequeno guia, compenetrado de sua missão, merece confiança do cego, e este caminha nas trevas conformado, sereno, neste mundo de Deus. O desenho é impecavel e o colorido honra a grande pintura espanhola. Cada pincelada é medida e os musculos faciais do cego são modelados largamente à maneira velazquenha. O que parece espontaneo, é produto de profundos conhecimentos da materia. O quadro é de um humanismo formidavel. A roupagem pauperrima do cego e do menino bem parece pintada com o proprio molho da roupa velha. Tem poeira sobre os casacos rasgados. A pincelada segura vem de dentro para fora. Nada tem de superficial. Esta obra de arte pintada por Benito Castaneda em Uruguaiana, é para mim, sua obra máxima. O povo poderá apreciá-la e senti-la como eu o faço seguidamente nas modelares instalações da Galeria do nosso Instituto de Belas Artes.

Como professor êle era muito paciente, competente e carinhoso e muitos alunos choraram seu passamento.

Faz poucos dias, uma ex-aluna me dizia que para ela o velho Mestre ainda estava vivo. Eu creio que êle viverá no coração de todos nós.

Castaneda não deixou mais parentes na Espanha. Era só neste mundo, como êle dizia. "Eu e os meus bichinhos".

Fui o primeiro a ler os documentos que deixara para proctessar ao enterro. Um envelope sovado chamou a minha atenção. Dentro havia um recibo da Irmandade de São Miguel e Almas, da sepultura de sua Maria falecida em 1947. Por fora estava escrito o seguinte: "Em caso de eu vir a falecer, desejo ser enterrado na sepultura nº 2563 onde estão os restos da Maria. Esta é a minha vontade. Assinado: Benito M. Castaneda". E assim foi.

Figura 55 - CORONA, Fernando. Benito Mazon Castañeda (um homem e um artista). In: *Correio do Povo*. 19 de março de 1955. Fonte: AHIA

Transcrição[36]:

BENITO MAZON CASTAÑEDA (UM HOMEM E UM ARTISTA) – por Fernando Corona

O homem. Numa manhã de fevereiro ele subiu ao céu. É possível que esteja no Limbo com os inocentes. Não creio houvesse alguém que neste mundo o não quisesse bem. Usava para todos a mesma expressão de bondade e sua educação era de nobreza.

Na Espanha há duas espécies de indivíduos. Uns são herdeiros do mui fidalgo Don Quixote de la Mancha. Outros o são do não menos fidalgo Don Rodrigo Dias de Vivar, o Cid Campeador. Os filhos do Homem da Triste Figura são sonhadores, aventureiros e destemidos até a loucura. Os filhos do Cid são humildes, cordatos, simples e serviçais. Don Quixote é o visionário audaz da Utopia em constante insatisfação. O Cid é o lutador voluntário, valente e destemido a serviço do seu Rei na defesa do amor, da religião e da independência do povo. Benito Mazon Castañeda, nosso puro, bom e Amigo incondicional era filho do Cid Campeador.

Benito nasceu em Cádis, cidade andaluza impregnada de mouraria. Os sobrenomes Mazon e Castañeda são, entretanto, do norte, precisamente de Santander, no mar Cantábrico, onde eu nasci e nasceram seus pais.

A humildade e a bondade de Benito chegavam à santidade. Jamais ninguém lhe ouviu palavras de desabono contra o semelhante. Era puro, assim como certos personagens de Pascal. Amava muito os animais com a mesma semelhança de um São Francisco. Um dia chorou perto de mim porque lhe morreu a “Sisebuta”, “aquela cadelinha que só faltava falar”, segundo sua expressão andaluza. Não faz muito tempo, numa noite de tormenta, o galo de nome “Pepito” molhou-se na enchente do quintal, Benito, pacientemente o foi buscar – ele dizia que o galo entendia sua linguagem – o cobriu com um pano e o levou para o calor da própria cama.

[36] A transcrição deve-se ao tamanho do texto e para facilitar a leitura, tendo-se em vista que o recorte não se encontra em perfeito estado de conservação. A exceção de pequenas alterações com relação à gramática do português atual, foi mantido o texto original publicado.

Certa vez Benito foi pintar com um discípulo. Um rapazola do bairro prestava atenção ao quadro que o artista pintava. Era o portão colonial do Menino Deus.

– É para vender, moço?

– *Sim,* disse o velho mestre.

– *Quanto custa?*

– *Cinco mil réis.*

E o menino desapareceu para trazer na volta uma nota de cinco cruzeiros.

– *Pronto moço.*

E o Castañeda ia dar o quadro ao guri pelos cinco cruzeiros, dizendo para seu discípulo:

– *Ele gostou do quadro, ele entende.*

O nosso homem puro gostava muito dos humildes e suas melhores obras de pintura são aquelas que representam os deserdados da sorte. Em Uruguaiana ele viveu em companhia de outro andaluz, seu íntimo amigo e famoso bailarino de outros tempos Pepe Ruiz. Benito fez-lhe o retrato. Se Castañeda tivesse pintado esse quadro no auge da glória do ilustre amigo, é possível que o trabalho fosse bom, sem dúvida, mas apenas aceitável. Entretanto o retrato de Pepe Ruiz é uma grande obra de arte. Fora executado quando os dois artistas eram íntimos na miséria e a humildade os irmanava, os prendia em amor filial, numa perfeita e humana vida cristã. O anjo da guarda de Benito era sua companheira Maria, que cuidava de ambos como a duas crianças boas. Benito, que recebia algum dinheiro da Espanha, financiava a “pequena chacrita” e Ruiz vendia pelas ruas de Uruguaiana as hortaliças colhidas, enquanto Benito pintava.

O artista. Castañeda estudou desenho e pintura na Escola Industrial de Artes e Ofícios de Cádis. Nove anos ele foi aluno predileto do grande pintor Abarzuza, da escola de Sorolla. Os companheiros de Benito são hoje famosos na Espanha. Na minha viagem de estudos que fiz em 1952, visitei em Madri a Real Academia de Belas Artes de São Fernando onde é Diretor o famoso pintor Julio

Moisés. Castañeda pedira-me que o visitasse, porque Moisés fora seu companheiro diário na escola do mestre Abarzuza, Quando eu abracei Julio Moisés em nome de Benito Castañeda, o famoso mestre espanhol sentiu rara sensação de alegria e ficou satisfeito ao saber que Benito era professor do nosso Instituto de Belas Artes. Disse-me Moisés que Benito era o melhor aluno da turma. Trabalharam juntos em restaurações.

Benito Castañeda apareceu em Porto Alegre, vindo de Bagé pelo ano de 1935. Eu conhecia suas credenciais como artista, e em 1941 o benemérito professor Tasso Corrêa o amparava como professor interino para desenho e pintura no Instituto de Belas Artes. Em seguida o Prof. Castañeda tomou lugar no coração dos colegas e muito mais no dos alunos que o queriam com adoração.

Castañeda pintou pouco em sua vida como artista. Ele não sabia fabricar quadros para vender. Sentia emoções que ele transportava nas telas com amor e carinho simplesmente por um imperativo biológico de quem sente necessidade de expor uma expressão, um sentimento. Ele sempre punha em dúvida e não acertava compreender o valor artístico de alguma exposição de certos pintores, que pintam em série, e fazem comércio com a arte.

Castañeda era pintor de classe. Suas obras são momentos motivos de uma verdade que ele expressava como muito sua, sem problemas. Ele conhecia todos os segredos da arte da pintura. Quantas vezes ele me dizia que não sabia nunca se um trabalho em andamento lhe sairia bem. Ele dizia que não sabia pintar e tinha pavor à frase comum de “pintor com técnica”. Gostava muito de pintar barracas de ciganos em seu “habitat”. Lembro-me de um quadro em que os verdes, filtrados pela luz da tarde, através das árvores, sombreiam a lona das barracas com transparência quente. A sombra é acolhedora. As pinceladas impressionistas das figuras que animam a paisagem são tão acertadas em tons, que vivem soltas na tela. Os troncos das árvores têm relevo e a distância em neblina se perde no horizonte.

Castañeda ao pintar, manchava as telas com entonação geral e pouca tinta, em tons escuros. Conseguia, assim, a leveza do que se chama “ar na paisagem”. Na valorização de tons, ele sabia dar impressão da sua vaidade. A

parede de uma casa não é igual ao tronco nem às folhas de uma árvore. Ele era [ilegível] a natureza e suas paisagens tinham sem dúvida esse quê emocional que tanto aproxima o homem à natureza quando em estado contemplativo.

A melhor obra de Benito Castañeda faz parte da Pinacoteca do Instituto de Belas Artes. “Dia e Noite” é o título. Esta obra prima concede ao nosso saudoso amigo e colega a categoria de grande pintor. Neste quadro, pintado em Uruguaiana, Benito sentiu a arte, emocionado, ante a desgraça alheia. É a arte em função social. O cego de perfil vai confiado, apoiando sua mão esquerda em forma de garra sobre o ombro do menino bom de olhos negros e bonitos. Olha para a gente sem nada pedir. A expressão do pequeno guia, compenetrado de sua missão, merece a confiança do cego, e este caminha nas trevas conformado, sereno, neste mundo de Deus. O desenho é impecável e o colorido honra a grande pintura espanhola. Cada pincelada é medida e os músculos faciais do cego são modelados largamente à maneira velazquenha. O que pareceu espontâneo, é o produto de profundos conhecimentos da matéria. O quadro é de um humanismo formidável. A roupagem paupérrima do cego e do menino bem parece pintada com o próprio mofo da roupa velha. Tem poeira sobre os casacos rasgados. A pincelada segura vem de dentro para fora. Nada tem de superficial. Esta obra de arte pintada por Benito Castañeda em Uruguaiana é para mim sua obra máxima. O povo poderá apreciá-la e senti-la como eu o faço seguidamente nas modelares instalações da Galeria do nosso Instituto de Belas Artes.

Como professor ele era muito paciente, competente e carinhoso e muitos alunos choraram seu passamento. Faz poucos dias, uma ex-aluna me dizia que para ela o velho Mestre ainda estava vivo. Eu creio que ele viverá no coração de todos nós. Castañeda não deixou mais parentes na Espanha. Era só neste mundo, como ele dizia. “Eu e os meus bichinhos”.

Fui o primeiro a ler os documentos que deixara para processar o enterro. Um envelope sovado chamou a minha atenção. Dentro havia um recibo da Irmandade de São Miguel e Almas, da sepultura de sua Maria falecida em 1947. Por fora estava escrito o seguinte: “Em caso de eu vir a falecer, desejo ser

enterrado na sepultura nº 2593 onde estão os restos da Maria. Esta é a minha vontade. Assinado Benito M. Castañeda". E assim foi.

BENITO CASTAÑEDA
CADIZ, ESPANHA, 1885 - PORTO ALEGRE, RS, 1955

Bastaria a Benito Mazon Castañeda ter pintado "Dia e Noite", sua obra prima, para resistir a todas as análises que lhe fossem impostas como artista-pintor.

Grande era sua sensibilidade e grande era o conhecimento do "metier" a que se propunha.

Depois de uma larga temporada no interior do Estado, de onde trouxe muitas de suas pinturas, Castañeda passa, a convite da Direção, a tomar parte do corpo docente do Instituto de Belas Artes.

Benito Castañeda foi dedicado professor de pintura do Curso de Artes Plásticas a partir de 1941, sempre zelando em seus alunos os extremos cuidados no plano do sensível.

Emotivo e humilde, este espanhol, nascido em Cadiz, passou sua existência de professor empenhado em transmitir aos alunos suas experiências de cores e pinceladas, numa linguagem de feição romântica da vida e dos fatos.

Trazia consigo a calma do homem retirado, de um círculo vivencial restrito, por ele mesmo acarinhado, rodeado de coisas simples e de animaizinhos de sua estimação.

Sua natureza revelava o contemplativo e essa sensação é a que ficou impressa em suas pinturas.

Pintava as coisas que o cercavam e em todas elas o fator do instante que o impressionara.

Sabia interromper o quadro no momento exato, suspendendo a pincelada... Tomava então distância, usando uma expressão muito sua: "no ve? ya está"...

Alice Soares.

Dezembro, 81.

Figura 56 - SOARES, Alice. Sem título. Dezembro de 1981.
Fonte: AHIA

APÊNDICE

Entrevistas

Com **Joaquim da Fonseca**

As perguntas foram enviadas por e-mail no dia 25 de maio de 2014 e foram respondidas no dia 1º de julho de 2014.

Thais Canfild: Você se recorda das circunstâncias em que conheceu Benito Castañeda: ano, local, contexto?

Joaquim da Fonseca: Fui aluno do professor Benito Castañeda quando ingressei no Curso de Artes Plásticas do então Instituto de Belas Artes - IBA, em Porto Alegre, em 1955. Pouco lembro de Castañeda como professor, acho que devido ao seu falecimento neste mesmo ano e, se não me engano, suas aulas foram assumidas pela professora Cristina Balbão, de quem tenho uma memória mais viva. Conhecia uns poucos trabalhos de Castañeda (pinturas de paisagem) expostos nas paredes do restaurante Dona Maria, ao lado da Livraria do Globo, frente ao abrigo de bondes da Praça 15 de Novembro. O restaurante tinha em suas paredes uma coleção de pintores porto-alegrenses e era frequentado por intelectuais, inclusive artistas, de Porto Alegre. Essas obras devem ter sido destruídas no incêndio que assolou o restaurante, ainda na década de 50 ou início dos anos 60. Lembro também de quadros seus numa das paredes do Instituto de Belas Artes.

TC: Quando pensa nele, quais as lembranças mais marcantes que lhe vêm à memória?

JF: Lembro da figura de Castañeda sempre vestindo um casaco escuro de tweed. boina de lã escura que era sua marca como artista (tal como Vasco Prado), um bigodinho bem aparado. Seu sotaque de espanhol, pois era andaluz de Cadiz, era

carregado e pelo que me lembro, tinha um temperamento impaciente e indignado, sempre reclamando de tudo. Ele era um dos três espanhóis do curso. Os outros, radicais e temperamentais como ele, eram Luiz Maristani, catalão de Barcelona, e Fernando Corona, que era de Santander. Havia então na escola duas correntes de pensamento. Uma mais conservadora, que considerávamos “acadêmica”, como pejorativamente e preconceituosamente chamávamos na nossa crueldade de jovens entusiasmados, e outra mais avançada, “moderna”, mais do nosso gosto. Castañeda e Maristani (que era professor de Anatomia Artística), bem como outros professores (entre esses Ernani Correia, que dava Arquitetura Analítica) faziam parte dessa ala conservadora. A liderança da área moderna era de Ado Malagoli (pintura), Alice Soares (iniciação à pintura) e Cristina Balbão (desenho). Corona se considerava “moderninho”.

Nosso entusiasmo era pelos artistas mais proeminentes então, todos figurativos: Portinari no Brasil, Bernard Buffet em Paris, todos os impressionistas e mais os expressionistas especialmente alemães. Malagoli era fanzoca de Rousseau, a alegria de Alice Soares era Kathe Kolwitz e Cristina Balbão (escultora de formação) era gamada por Rodin. Claro que eles transmitiam essas influências para nós. Era um ambiente muito especial. Como havia aulas pela manhã e pela tarde, passávamos praticamente todo o dia na escola. O astral era alto. Discutia-se pintura e escultura, acompanhávamos e comentávamos as grandes novidades da nouvelle vague do cinema francês, ouvíamos música clássica que estava ao nosso redor, pois o curso de música convivia com o curso de artes plásticas no mesmo prédio. No barzinho do sétimo andar, na mesa ao lado da nossa, estavam os professores com quem confraternizávamos, outros colegas mais adiantados que se tornariam artistas de projeção, como Glênio Bianchetti (com quem aprendi o que sei de técnicas de materiais), ou o ceguinho Manfredo Fest, que um pouco mais adiante se tornaria mundialmente famoso como pianista na orquestra de Sérgio Mendes, nos Estados Unidos. Castañeda participava também, especialmente na companhia de João Fahrion e de Fernando Corona.

TC: Como ele era em sala de aula?

JF: Tanto ele, como Fahrion, pouco participavam ativamente nas aulas. Sentavam em um canto, agarrados a um livro ou jornal, e nos deixavam à vontade para desenhar. Se alguém tinha alguma dificuldade ou pedia uma orientação, iam até o cavalete do aluno e terminavam o desenho, sem maiores explicações. Uma vez por mês, recolhiam a nossa produção e davam uma nota. Esse era o modo de avaliação. No final do ano havia uma prova, que era a produção de um desenho, que também recebia uma nota. Era assim que éramos aprovados ou não para o ano seguinte. Lembro que ele gostava de falar sobre seus gatos, que criava em casa, e eram muitos.

TC: Via alguma coisa diferente do artista Benito para o professor Benito?

Pensando bem, pessoalmente, não via muita diferença entre Benito como professor e Benito como pintor.

TC: Acredita que ele tenha dado mais prioridade a uma dessas atividades?

Certamente, no final de sua vida, deu mais prioridade à atividade como professor, pois pelo que sei, pouco produzia como pintor.

TC: Benito era, como colocam muitos dos jornais no ano de seu falecimento, "só neste mundo". Sua esposa faleceu em 1947 e ele não deixou família. Como era seu relacionamento com os colegas professores, com os alunos e com a comunidade artística no geral?

JF: Castañeda era um bom amigo de alguns de seus alunos, especialmente os que o acompanhavam em uma mesa de bar. Ele era um bom bebedor, e era famoso o seu roteiro desde casa até à escola. Ele morava na rua da Praia, em um velho prédio perto da Casa Mário Quintana, e invariavelmente seguia o caminho parando em um boteco na Rua Andrade Neves, outro na General Vitorino e mais um na subida da Rua da Praia, onde então já tinha a companhia de Waldeni Elias,

que morava no caminho. Elias e Cláudio Carriconde eram alunos que conviviam bem com ele, e eram companheiros de trago.

Castañeda era uma pessoa muito querida na cidade. Sei que convivia com os intelectuais e artistas mais conhecidos, especialmente os que gostavam que viver à noite. Foi muito amigo do Desembargador Sampaio, também artista plástico (e pai dos cartunistas Sampaulo e Sampaio), e de Erico Veríssimo. Erico usou o perfil de Castañeda para descrever o pintor do retrato de Rodrigo Cambará, em seu romance “O Retrato”. O personagem de Erico (acho que o nome era Dom Pepe Garcia) ficou marcado por seu temperamento apoplético de espanhol revolucionário, com o mesmo palavreado que ouvíamos de Castañeda, e por conviver simultaneamente com duas mulheres, uma “negra” e outra “alemôa”, dormindo entre as duas para manter a paz conjugal e evitar conflitos. Quando nos referíamos a isso para Castañeda, ele dava de ombros e respondia: -- Si, si, algo es verdad, pero Erico há exagerado mucho, exagerado mucho. Hay mucha fantasia... Modestamente, não prosseguia no assunto, mas não desmentia nada.

TC: Você tem ideia de quais eram suas maiores influências ou referências artísticas?

JF: Não tenho ideia.

TC: Após sua morte em 1955, entre as diversas homenagens prestadas por jornais e também pelos amigos e alunos de Benito, também foi noticiado que seria feita uma exposição retrospectiva que seria organizada pelo Instituto de Arte (e por Fernando Corona), mas a exposição nunca aconteceu. Sabe o motivo disso?

JF: Não tenho ideia.

TC: Em seu entendimento, por que acha que a obra e a biografia de Castañeda ainda não foram estudadas com mais profundidade?

JF: Certamente por não ter aparecido, antes de você, alguém que se interessasse pelo assunto. Acho louvável a sua iniciativa que, além de reconhecer o valor de um artista imerecidamente quase esquecido, muito está contribuindo para a preservação de nossa memória artística e cultural.

Entrevista com Vitório Gheno

A entrevista[37] foi realizada no dia 15 de maio de 2014 no período da manhã na Galeria Ow! Art, local escolhido pelo artista e que estava abrigando sua mais recente exposição.

Transcrição:

*Thais Canfild**:** Então, vocês se conheceram em galerias, mais ou menos no meio cultural de Porto Alegre?*

Vitório Gheno**:** No meio cultural da época. Aí tu me perguntas aqui [lendo folha do roteiro de perguntas previamente respondidas] “se você se recorda das circunstâncias em que conheceu Benito Castañeda, ano, local e contexto”. Eu conheci ele no Instituto [de Artes] e em diversas exposições, e na época tinha uma casa, a Casa das Molduras, que fazia exposições dos artistas e que era o lugar, digamos assim, consagrado para se fazer exposição. Onde expôs também o Fahrion, expôs o Maristany, que na época também era professor, o próprio Castañeda também expôs algumas obras dele lá.

[37] Na presente transcrição da entrevista todas as gírias, cacoetes e expressões coloquiais de linguagem foram cortados e corrigidos para a melhor compreensão do texto. As palavras ou frases em negrito não foram compreendidas com clareza.

VG: [lendo folha com o roteiro de perguntas previamente respondidas] Aí depois tu me perguntaste “quando pensa nele, quais as lembranças mais marcantes que lhe vêm à memória?”. Faz muito tempo, sabe, mas as coisas que eu estou me lembrando são mais ou menos essas que estou te contando. Me lembro das suas pinturas com motivos de barcos e no riacho, que ele pintava muito. Tinha um riacho que antigamente cruzava Porto Alegre, não era o da Ipiranga, é o outro riacho que eles desviaram e passaram pela [pausa] Sarmento Leite, tem aquela ponte bonita ali, onde era o antigo riacho. É uma zona pobre, sabe, e os fundos dessas casas pobres eram um motivo pictórico na época que quase todos pintavam, inclusive o Castañeda, o **Cruzios** também pintava, o Cruzius era da época também, o [pausa breve] Obino [pausa]. Era Obino, não é?

TC: sim, Aldo Obino.

VG: Isso mesmo, ele também. E essas pinturas desses pintores da época me lembram dele também, me lembram dos outros, evidentemente. E depois me perguntaste como ele era na sala de aula e se eu via algumas coisas diferentes no artista Benito para o professor Benito. Eu frequentei as salas de aula lá [no Instituto de Artes] como ouvinte e como convidado às vezes, porque eu já [pausa breve] eu já vinha de Buenos Aires na época eu já tinha uma passagem importante, eu não diria nas artes, mas nas artes ilustrativas. Era ilustrador da Revista do Globo, quando eu fui para Buenos Aires eu ilustrava livros também, quero dizer então que... [não conclui pensamento] vamos dizer assim, partir essa minha gana também de pintar, através das minhas ilustrações.

TC: Então o senhor não... [entrevistado ignorou a pergunta e seguiu o fluxo de pensamento]

VG: Então é o seguinte, [lê folha com o roteiro de perguntas previamente respondidas] sim, ele foi um mestre dedicado aos alunos. Ele se dedicava muito aos alunos, ele era muito dedicado e tu me perguntaste também “Benito era, como colocam muitos dos jornais do ano de seu falecimento, ‘só neste mundo’. Sua esposa faleceu em 1947 e ele não deixou família. Como era seu

relacionamento com os colegas professores, com os alunos e com a comunidade artística?". O que eu me lembro [pausa breve], ele ao que me consta era participativo com os outros mestres da época, o Fahrion, o Corona, o Angelo Guido e Maristany, que era professora e pintora. E o que eu me lembro dele era exatamente... [não conclui pensamento].

VG: Me perguntaste também "você tem alguma ideia de quais eram suas maiores influências ou referências artísticas?". Isso é uma coisa importante, sabe, ele era um acadêmico com fortes traços expressionistas. É uma pintura forte, com cores carregadas, as pinturas dele. Já viste quadros dele?

TC: Sim, inclusive eu trouxe algumas reproduções dos quadros dele, se o senhor quiser olhar depois.

VG: Me mostra depois, então.
Depois me perguntaste "após a sua morte em 1955, entre diversas homenagens prestadas por jornais e também pelos amigos e alunos de Benito, também foi noticiado que seria feita uma exposição retrospectiva que seria organizada pelo Instituto de Arte e por Fernando Corona, mas a exposição nunca aconteceu. Sabe o motivo disso?". Eu vou te dizer mais ou menos o que eu me lembro, possivelmente pela pouca produção e toda adquirida por admiradores dele. Ele era dedicado aos alunos. Ele era muito dedicado aos alunos e eu acho que a obra dele não foi uma obra muito grande [pausa breve] como pintor. Outros pintores tiveram, inclusive dentro do Instituto de Artes, uma produção muito maior.

TC: Isso então por conta dos alunos dele, por ele ser professor?

VG: Sim, ele era uma pessoa muito quieta, muito reservada, que eu me lembro ele era meio arqueado também, era uma pessoa que falava pouco, mas ele era adorado pelos alunos. Os alunos gostavam muito dele porque ele era bom, ele explicava bem as coisas, enfim, ele dava muita importância para os alunos.

VG: Depois me perguntaste também “em seu entendimento, por que acha que a obra e a biografia de Castañeda ainda não foram estudadas com mais profundidade?”. Isso é um negócio complicado, mas eu vou tentar te dizer exatamente o que eu penso. [lendo folha com o roteiro de perguntas previamente respondidas] “Onde estarão as suas obras?”, eu estou me perguntando. Esta seria ao que me consta a dificuldade de organizar uma coleção para expor. Acho que ele não estava pensando em expor [pausa breve] quando pintava. Ele era uma figura muito fechada [pausa] e de uma simpatia física *muito* expressiva. A época era muito diferente de hoje, era diferente porque tinha menos mestres, no caso, e artistas professores como havia na época, eram professores dedicados, conheciam arte, conheciam por experiência própria, eles eram mais expressivos com os alunos também, porque os alunos os admiravam, porque afinal de contas era um mestre que estava ali, sabe, coisa que hoje parece que é um pouco diferente, não é. Os mestres hoje são [não conclui pensamento]. É muito diversificado na arte, sabes, como tu me disseste agora, tu estás estudando artes dentro do Instituto de Artes, mas não está pintando.

TC: Não, eu estudo a teoria da arte. [riso]

VG: Tu vês então, como as coisas são incrivelmente diferentes hoje.

TC: Sim.

VG: Eu acho bom. Até coloquei aqui [lê folha com o roteiro de perguntas previamente respondidas] que a época era muito diferente de hoje. Ao que me consta existem alguns colecionadores de suas obras. A Casa de Arte, que fica na Rua Coronel Bordini, tu conheces A Casa de Arte que fica ali?

TC: Não, não conheço.

VG: Depois tu podes ir lá, porque lá ele vai poder te explicar melhor, porque ele tem alguns quadros do Castañeda e ele é comprador de quadros antigos de pintores gaúchos. Karam é o nome. Galeria Karam.

TC: Está certo. Eu tenho mais algumas perguntas, não sei se o senhor saberia respondê-las, porque eu sei que faz muito tempo e talvez o senhor não tenha tido a oportunidade de conversar com o Castañeda sobre alguns assuntos que eu tenho curiosidade de saber. Um deles é o motivo pelo qual ele resolveu vir para o Brasil.

VG: Pois é, eu estava falando com uma pessoa hoje de manhã e que eu me lembre, tenho a impressão de que o Castañeda veio antes do Corona para cá.

TC: É, o Castañeda veio para o Brasil mais ou menos em 1930.

VG: Exatamente. E o Corona [pausa]. E o Corona, tu sabes quando veio?

TC: O Corona acho que veio mais ou menos na mesma época, mas o Castañeda talvez tenha sido um pouco antes, porque ele primeiro foi para Buenos Aires.

VG: Exatamente. E lá em Buenos Aires ele teve uma influência grande de um pintor argentino *muito* importante, agora estou me lembrando. [pausa] Ele era um pintor que pintava aqueles barcos lá no Caminito, naquele bairro [breve pausa] de Buenos Aires, que hoje tem um museu importante. Não consigo me lembrar o nome do bairro... [pausa grande]. Ele se influenciou por esse pintor de Buenos Aires, porque esse pintor teve uma ligação [não conclui o pensamento]. Ele teve contanto com aquele pintor que pintava os barcos ali no... [pausa] Boca! Ali na Boca tinham uns barcos velhos e era onde os barcos vinham da Europa e ficavam por ali, era um lugar pictoricamente maravilhoso e ainda é até hoje.
E tem um pintor, não me recordo se era argentino ou não, me parece que ele, o Castañeda, pintava mais ou menos influenciado. [pausa] *Ou* não... mas era uma pintura forte, uma pintura que me lembro, das pinturas do Castañeda, que eram umas pinturas fortes.

TC: E o nome desse pintor o senhor não se lembra?

VG: Eu tenho que ver o nome desse pintor, não consigo lembrar o nome do pintor que pintava no La Boca, aqueles quadros grandes, como é que era, meu Deus do céu... [pausa grande]. Eu conheci o pintor. [tenta se lembrar e não consegue]

VG: Estás procurando no *google*?

TC: Não, estou abrindo as reproduções das obras dele para o senhor ver, as obras do Castañeda.

VG: Tu tens alguns quadros dele aí no computador?

TC: Sim, eu trouxe aqui as obras que estão no Instituto de Artes...

VG: **Ele tem algumas coisas que** são do Rio Grande do Sul também, não é [parcialmente inaudível]

[mostrando imagens das telas de Benito Castañeda]

[mostrando figura 57]
Nádia Raupp: Que bonito, não é.

TC: Sim, ele gostava muito de paisagens, era um tema que ele pintava bastante.

VG: É, também.

[mostra figura 58]
NR: Que lindo.

[mostra figura 59]
VG: Isto é Porto Alegre?

TC: É Porto Alegre, sim. Acho que a é a vista de uma janela do Instituto de Artes.

VG: Estes quadros estão aonde?

TC: Estes quadros estão todos na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, que pertence ao Instituto de Artes. É onde a maioria da produção dele se encontra atualmente, mas tem algumas outras obras, como o senhor falou, que estão espalhadas em coleções particulares, principalmente, alguma obra no MARGS, na pinacoteca Aldo Locatelli...

[mostra figura 60]
VG: Olha aí o riacho, viu como eu me lembro? Me lembro direitinho.

NR: Tu te lembras? Que cabeça, hein.
[pausa]

VG: Eu te disse, inclusive escrevi aqui [folha do roteiro de perguntas previamente respondidas].

NR: É uma memória fantástica, impressionante. Eu não tenho essa memória.

[mostra imagem 61]
TC: aqui, os cachorros. Ele gostava muito de animais também, não é?

VG: Também, é verdade. [pausa] Mas tem bastante quadro dele de barcos, assim, beira de rio, não é? Tem bastante quadros. O Angelo Guido também pintava *muito* isso.

NR: Tu te lembras bem dele?

VG: Sim.

[mostra imagem 62]
VG: Olha o cavalo ali, olha como ele pintava bem, está vendo.

[mostra imagem 63]
VG: Essa está muito bonita. Esse é um dos mais bonitos dele. Bem moderno, bem pincelado, muito bacana. Ele era ótimo. Ele sabia das coisas. Isso deve ter sido uma peça, eu acho.

TC: O nome da obra é Circo

VG: Que engraçado, tem alguns quadros meus que lembram alguma coisa dele, assim, essas figuras, não é? Tem algumas figuras que lembram esse quadro [pensativo]. Interessante, norte... o que está escrito ali? Não é norte, não sei não... circo! É um circo, a entrada de um circo, é isso mesmo. Circo que deve ter um nome estranho, Norte [pausa]. Olha as figuras, que coisa mais bonita, meu Deus do céu.

TC: Ele tinha um toque expressionista mesmo, não é? Alguma influência...

VG: Exatamente. Mas tu tens uma coleção boa, não é? Olha como ele pintava bem, que belas figuras, não é?

TC: Sim.

VG: Muito bonito isso. Isso para ele, que era estrangeiro, era uma coisa **nobre**, olha ali.

[mostra figura 64]
VG: Essa seria a igreja da Conceição. Seria isso?

TC: Acho que sim.

VG: É, Igreja na Nossa Senhora da Conceição. Era do lado do Instituto, bem pertinho, isso mesmo.

[mostra figura 65]

VG: Olha o barco. Eu disse, então não menti [risos]. Está muito bonita esta obra. Vou te contar uma coisa, é de se procurar as obras dele e fazer uma exposição dele, é verdade. Eu tenho a impressão que daria para fazer. Mesmo com... [não conclui pensamento]

[mostra figura 66]
VG: Olha que nu lindo. Vê como é uma pintura forte? Nossa, tu tens muitos trabalhos dele, não é mesmo?

TC: Sim, são as obras da Pinacoteca. A Pinacoteca tem mais ou menos uns cem trabalhos dele.

VG: Ali? [surpresa]

TC: Sim, contando com os desenhos, porque ele tinha muitos esboços de quando ele era professor, acho que eram desenhos que ele fazia rapidamente.

VG: Ah sim, contando com os desenhos.

[mostra figura 67]
VG: É a serra aí. Essa é [breve pausa] a paisagem de Gramado, Canela. Pictoricamente, às vezes ninguém olha, ninguém vê... e ele via. Uma beleza essa paisagem da serra, *muito* bonita. Engraçado, o Weingärtner, ele [pausa]. Eles se influenciavam muito entre eles, o Weingärtner também era um pintor acadêmico, mas maravilhoso, o melhor pintor brasileiro, na minha opinião – dos pintores acadêmicos, isto é. Acadêmico não tem outro melhor que ele.

[mostra figura 68]
VG: Que bom que estás me mostrando isso, muito bacana. Olha ali, um carretão. Tu vês, um motivo simples, mas uma bela pintura.

TC: Claro. O senhor lembra... [pergunta ignorada pelo entrevistado]

VG: E são quadros pequenos, não são?

TC: Sim, alguns deles são grandes, mas a maioria deles são pequenos.

TC: O senhor lembra, na exposição que ocorreu na Casa das Molduras, se algum destes quadros estava na exposição?

VG: Não, não me lembro. Eu me lembro de ter visto obras dele, mas não sei te dizer onde, possivelmente dentro do Instituto mesmo. Com certeza [no Instituto]. Ali tinha uma galeria chamada Pereira, na época, que era na esquina da Rua da Praia quase na esquina Rosário, tinha uma confeitaria do lado chamada [inaudível] e era uma casa de exposições, mas também fazia molduras. E onde os pintores também expunham, porque não época não havia galerias, só tinha a Casa das Molduras, que era uma galeria, mas fazia molduras também. Como hoje é a mesma coisa, continua tudo igual. Os que fazem molduras têm galerias e os que têm galerias fazem molduras [risos]. Mas que ótimo que tu estás me mostrando estes trabalhos, muito bacana. E não tem coisa melhor do que lembrar o passado, assim, pictórico, de um colega. Ele é meu colega.

TC: Que bacana.

VG: Eu é que o digo.

TC: A maioria da produção do Castañeda, pelo menos do que eu conheço, é de paisagem. E essa temática do mar, também.

VG: É, pode ser. Quem sabe porque essas pinturas a beira de riacho me impressionaram mais.

TC: É, até porque ele também tem produções com essas temáticas.

VG: Mas sabe, até agora não teve um quadro que eu deixei de gostar, do que eu vi até agora aqui. É uma lembrança ao passado. [risos]

TC: Uma coisa, pelo que eu li... [entrevistado ignorou pergunta e seguiu o fluxo de pensamento]

VG: E essas paisagens lembram, assim, alguma coisa que eu faço. Incrível, não é?

TC: Com certeza vocês acabaram se influenciando.

[mostra figura 69]
VG: É. [pausa] Eu não posso te afirmar, porque [breve pausa] a beira do Guaíba era uma coisa muito expressiva, na época não havia edificações, não havia nada, era uma coisa bem natural, então era um lugar privilegiado e que os pintores procuravam, um motivo para pintar. Era uma coisa...[não conclui pensamento] tenho impressão que esse quadro é na Pedra Redonda ou Ipanema, porque tem o Guaíba lá no fundo, porque tem umas pedras em primeiro plano. Pode ser isso, sim, ou pode ser também... não, é capaz de ser. Tenho a impressão que alguns quadros ele deve ter trazido da Europa, não? E de Buenos Aires também.

TC: Eu acho que de Buenos Aires ele deve ter trazido, e ele também morou por um tempo no interior do Rio Grande do Sul em Uruguaiana.

VG: Exatamente. Ele foi professor lá, também.

TC: Foi?

VG: Eu acho que sim, não é?

TC: Que bom saber. Pois é, eu ainda estou buscando as informações...

VG: Eu acho, mas não estou afirmando. Porque o pintor... [pausa] sempre tem pessoas curiosas em nossa volta, querendo perguntar coisas. Tu és uma delas. [risos] Acho que não mudou muito. Então, se as pessoas procuravam ele era

porque era um artista, que se podia dizer “sim, pois não, o que gostaria de saber”, coisas assim.

[mostra figura 70]
VG: Esta obra está muito bonita também, essa cena bucólica. Bem... [pausa] parece Renoir, não parece? As cores difusas, muito bacana. Isso é expressão.

TC: Eu acredito que ele tenha feito esse trabalho, pela data, do que eu tenho registrado, nas Missões. Foi uma viagem que ele fez junto com outros alunos do Instituto de Artes, em 1947.

VG: Sim, eu me lembro que as vezes havia excursões que eram programadas com os alunos e eu também ia. Eu era [breve pausa] convidado, tanto é que a Escola de Belas Artes tinha uma espécie de grupo ativo, que gostava de... [não conclui pensamento] e a época era muito boa também, não havia *tantos* alunos, havia poucos, porém com bastante qualidade. E então se realizavam excursões, sendo uma delas que nós fomos para... mas nessa foi o Corona, o Castañeda não foi. Foi em 1948 ou 1949, uma excursão para a Bahia. A escola fez essa excursão... nós fomos em nome da [pausa breve] Xico Lisboa. Foi o Rui Miranda Falcão quem organizou essa excursão, ele era aluno da escola. E ele tinha muita iniciativa sabe, então ninguém sabe como ele conseguiu organizar a excursão, fomos de avião até Salvador e ficamos lá um mês por conta do Governo do Estado, pintando e andando pelas ruas, fazendo história. E depois fomos para Minas Gerais em Belo Horizonte, ficamos quase um mês lá e tudo pago pelo Mangabeira, que na época era o governador da Bahia. Foi lá que eu conheci o Guignard, por exemplo, que ficou muito meu amigo. Ele foi no meu hotel, porque ele já conhecia meus trabalhos da Revista do Globo, então ele tinha curiosidade de me conhecer. Ele queria trocar um desenho meu por um quadro dele [risos] e eu nem pensei em nada na época, que estúpido. Os artistas são mais ou menos assim [risos].

TC: E no fim vocês não trocaram o desenho pelo quadro?

VG: Não, não... a gente saía muito lá de noite, brincávamos, conversávamos muito sobre pintura, ah, coisas da época. E hoje quando olho um quadro do Guignard eu fico achando... [pausa] é que a pintura dele era uma pintura ingênua, uma pintura quase infantil. E hoje ele é reconhecido como um dos maiores pintores, reconhecido por essa ingenuidade.

TC: Um pintor naïf? [entrevistado ignorou comentário e seguiu fluxo de pensamento]

VG: Quantos quadros tu tens dele? Espero não sofrer influência dele agora, de novo [risos]

TC: É uma pena que esses quadros quase nunca fiquem expostos, porque... [entrevistado ignorou comentário e seguiu o fluxo de pensamento]

VG: Mas meus quadros são mais ilustrativos, não lembram nada da época...

TC: Talvez a questão da cor.

[mostra figura 71]
TC: Ele também fez alguns retratos...

VG: Ah, essa não é a Maristany?

TC: Olha, não sei te dizer. Será que é? Porque não sei como ela era visualmente...

VG: A Cléo. Não é a Cléo? A Cléo era escultora lá na escola, era a protegida do Corona. Todos achavam ela maravilhosa. O Corona também, ele era um professor louco [risos]. Ele era muito interessante, foi o melhor professor que conheci.

[mostra figura 72]

VG: “Estou vingado”. Seria isso? Esse era o retrato de [pausa] de alguém lá da Escola, não sei se não era o Tasso. Tinha um outro professor também, acho que Ernani, eram dois irmãos, um era o dono do Instituto e o outro era professor. Acho que era Ernani, sim. Não lembro, mas acho que era um deles. Acho que o outro pintou ele, ele não deve ter gostado e repintou o cara, “estou vingado” [risos], uma piada da época.

[mostra figura 73]
VG: Nessa época tinham muitas moças que posavam lá no Instituto, acho que esta aí é uma delas, posavam até nuas. Na época tinham até estudos de nus.

[mostra figura 74]
VG: Não sei quem é, mas, me lembra alguém. [pausa] Ele era assim, o Castañeda, ele tinha um problema nos olhos, não sei se era meio... [pausa] ah, não vou dizer isso, não me lembro bem. Agora vendo esta figura pensei que pudesse ser... [breve pausa] porque tem um olho grande e um olho menor, pode ser que isso leve o pintor a fazer algum detalhe do rosto dele, não sei.

VG: Mas como é que não fizeram uma exposição sobre o Castañeda? Mas que coisa mais estúpida. Tinham que organizar uma exposição dele... vou falar com o menino da [pausa] do MARGS, perguntar para ele por que não fazer uma exposição do Castañeda, afinal de contas o Castañeda tem uma produção tão boa.

[mostra figura 75]
VG: Acho que isso não é aqui, é? Ah, é sim, é a Rua Espírito Santo, que desce a Praça da Matriz, do lado da Catedral. Aqui é a entrada da [grande pausa] Cúria Metropolitana.

[mostra figura 76]
VG: Aqui são as Missões.

TC: Sim, uma viagem que fizeram em 1947.

VG: Isso mesmo, foi uma viagem com os alunos. Na época tinha a Escola de Arquitetura, e dentro da arquitetura tinha desenho, projeção das obras que os arquitetos faziam, então quando faziam excursões como essas iam alunos da arquitetura junto.

TC: Vitório, muito obrigada, foi um prazer e as informações que me forneceste são muito boas.

VG: Eu é que agradeço.

Lista de Figuras:

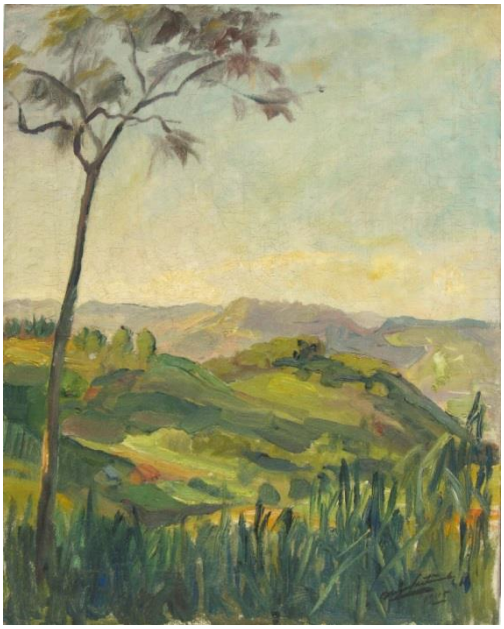


Figura 57

Figura 58

Figura 59

Figura 60

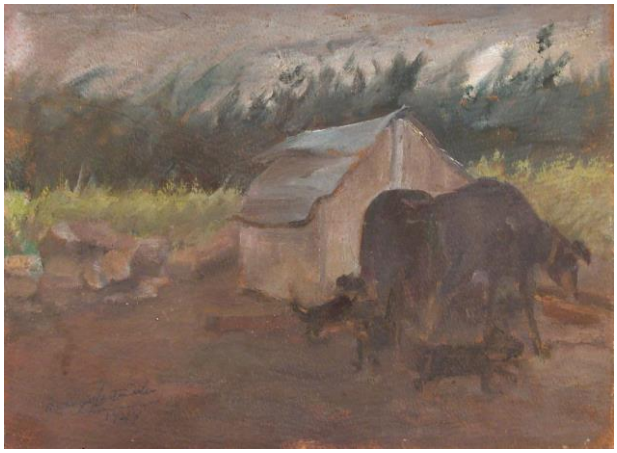


Figura 61

Figura 62

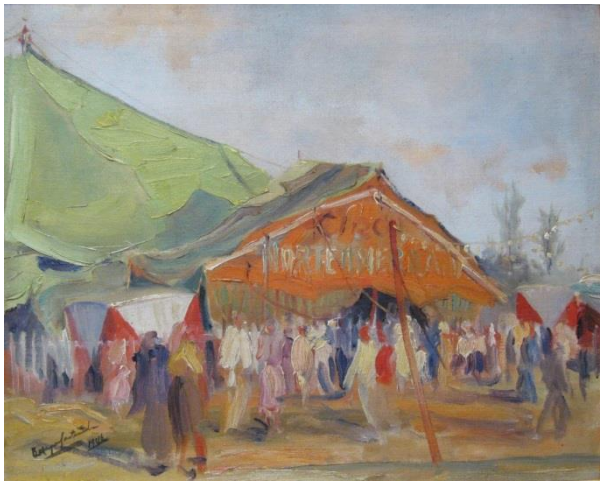


Figura 63

Figura 64

Figura 65

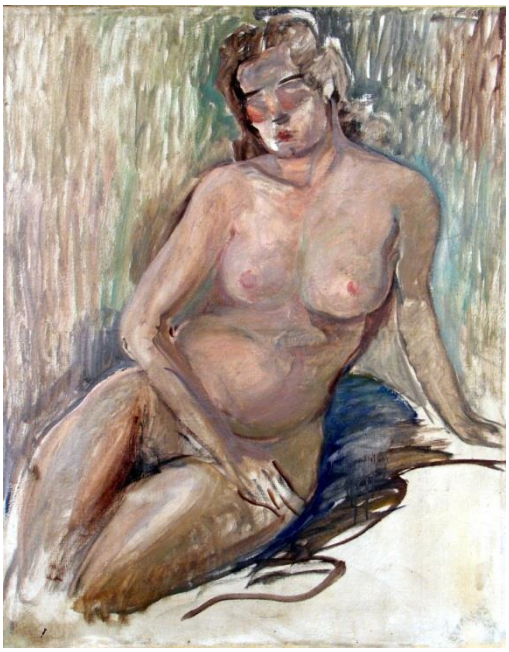


Figura 66

Figura 67

Figura 68

Figura 69

Figura 70

Figura 71

Figura 72

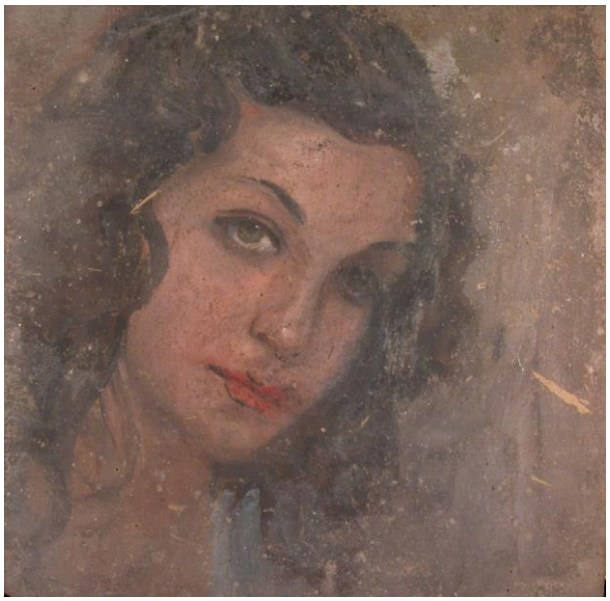


Figura 73

Figura 74

Figura 75

Figura 76